



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

GISELI CRISTINA CALDEIRA BURATTO

**O PROCESSO DE GESTÃO DA INFORMAÇÃO NO ÂMBITO  
MUSEOLÓGICO:  
A RELAÇÃO ENTRE O ACERVO DE MODA E A CIÊNCIA DA  
INFORMAÇÃO**

---

Londrina  
2021

GISELI CRISTINA CALDEIRA BURATTO

**O PROCESSO DE GESTÃO DA INFORMAÇÃO NO ÂMBITO  
MUSEOLÓGICO:  
A RELAÇÃO ENTRE O ACERVO DE MODA E A CIÊNCIA DA  
INFORMAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Centro de Educação, Comunicação e Artes, da Universidade Estadual de Londrina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Orientadora: Profa. Dra. Thais Batista Zaninelli

Londrina  
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

c146 Caldeira Buratto, Giseli Cristina.  
O PROCESSO DE GESTÃO DA INFORMAÇÃO NO ÂMBITO MUSEOLÓGICO: A RELAÇÃO ENTRE O ACERVO DE MODA E A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO / Giseli Cristina Caldeira Buratto. - Londrina, 2021.  
126 f.

Orientador: Thais Batista Zaninelli.  
Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2021.  
Inclui bibliografia.

1. Gestão da informação - Tese. 2. Ciência da informação e Museologia - Tese. 3. Acervo de moda - Tese. 4. Moda - Tese. I. Zaninelli, Thais Batista. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. III. Título.

CDU 02

GISELI CRISTINA CALDEIRA BURATTO

**O PROCESSO DE GESTÃO DA INFORMAÇÃO NO ÂMBITO  
MUSEOLÓGICO:  
A RELAÇÃO ENTRE O ACERVO DE MODA E A CIÊNCIA DA  
INFORMAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Centro de Educação, Comunicação e Artes, da Universidade Estadual de Londrina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Profa. Dra. Thais Batista Zaninelli  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Profa. Dra. Ana Cristina Albuquerque  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof. Dr. Ronaldo Salvador Vasques  
Universidade Estadual de Maringá - UEM

Londrina, 17 de setembro de 2021.

## **AGRADECIMENTOS**

A todos professores que tive até aqui, em especial a Professora Cleuza que tanto me incentivou e a ajudou a chegar até aqui, que me guiou, emprestou livros, teve paciência, lapidou meus saberes, compartilhou seu conhecimento e ainda se tornou uma amiga.

Aos meus pais que me formaram, orientaram e amaram, que mesmo quando nada parecia possível acreditaram no meu sonho e não mediram esforços para que se tornasse realidade. Amo vocês.

Ao meu marido que esteve comigo em todos os momentos durante esta jornada, que soube compreender minhas ausências, que sofreu e comemorou cada passo, que acordou nas madrugadas para ajudar, que me acalmou quando fiquei nervosa, sem você não seria possível. Amo você. Aos meus filhos Vicente e Catarina por todo carinho e amor que fez tudo parecer mais fácil. Amo vocês.

Ao meu sogro e sogra que cuidaram dos meus pequenos sempre que precisei com muito carinho e dedicação, me deixando tranquila para estudar.

A minha orientadora, Professora Thais, que quando soube que iria iniciar o mestrado grávida, me acolheu, entendeu minhas dificuldades, me estimulou quando fiquei cansada e me colocou no caminho quando me perdi, por seu tempo dedicado a mim e a este trabalho.

Aos colegas e professores do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, da Universidade Estadual de Londrina, em especial a minha amiga de jornada acadêmica, Erminda, por dividir suas aflições e conquistas e a Professora Ana Cristina pelas orientações valiosas e esclarecedoras.

A minha vizinha e amiga Thais que me incentivou, ajudou entender a burocracia, ouviu todas as minhas angustias, emprestou livros, seu conhecimento e ainda sempre tinha uma palavra de carinho.

Ao Museu Histórico de Londrina, por meio dos funcionários Amauri e Edméia, pela viabilidade de acesso as fontes de pesquisa, agradeço.

A Deus, pela vida e por estar presente em cada passo que dei, me fortalecendo espiritualmente e concedendo sabedoria.

CALDEIRA BURATTO, Giseli Cristina. **O processo de gestão da informação no âmbito museológico**: a relação entre o acervo de moda e a Ciência da Informação. 2021. 127 f. Mestrado (Ciência da Informação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021.

## RESUMO

A relação entre a ciência da informação e a museologia refere-se principalmente ao seu objeto de estudo, a informação. A informação no contexto museológico possui um relevante papel social, revelando a aproximação entre o indivíduo e o acervo, facilitando a interação, gerando um processo de aprendizagem e conhecimento. Fundamental no contexto desta dissertação, é a compreender o processo gestão da informação, uma vez que se investiga as influências dos campos na representação e organização da informação no âmbito do acervo de moda. A gestão da informação objetiva o acesso, o compartilhamento e o uso da informação com o mínimo de erros ou incertezas como um processo, que analisa os envolvidos com a produção e utilização da informação que foi recebida e com os recursos aplicados. Portanto, o objetivo deste estudo é compreender o processo gestão da informação do acervo de moda no âmbito do Museu Histórico de Londrina. A metodologia definida como exploratória de abordagem qualitativa, o método adotado foi o estudo de caso. O processo de coleta de dados baseou-se em entrevistas, análise documental e estudo bibliográfico. O resultado é a relação da moda com a ciência da informação como um sistema, que por meio da interdisciplinaridade e dos elementos da gestão da informação proporciona o fluxo da informação e conhecimento. A consideração é a interação do patrimônio histórico em diferentes ambientes desenvolvendo uma perspectiva social, que promove a lembrança e pertencimento, além de condições para a acessibilidade, inovação e aprendizagem.

**Palavras-chave:** gestão da informação; ciência da informação e museologia; acervo de moda. moda.

CALDEIRA BURATTO, Giseli Cristina. **The information management process in the museological scope:** the relationship between the fashion collection and Information Science. 2021. 127 p. Mestrado (Ciência da Informação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021.

## ABSTRACT

The relationship between information science and museology refers mainly to its object of study, information. Information in the museological context has an important social role, revealing the approximation between the individual and the collection, facilitating interaction, generating a process of learning and knowledge. It is fundamental in the context of this dissertation to understand the information management process, since it investigates the influences of fields on the representation and organization of information within the fashion collection. Information management aims at accessing, sharing and using information with a minimum of errors or uncertainties as a process, which analyzes those involved with the production and use of the information that was received and with the resources applied. Therefore, the aim of this study is to understand the information management process of the fashion collection in the scope of the Historical Museum of Londrina. The methodology defined as exploratory qualitative approach, the method adopted was the case study. The data collection process was based on interviews, document analysis and bibliographic study. The result is the relationship of fashion with information science as a system, which through interdisciplinarity and the elements of information management provides the flow of information and knowledge. The consideration is the interaction of historical heritage in different environments developing a social perspective, which promotes remembrance and belonging, as well as conditions for accessibility, innovation and learning.

**Key words:** information management; information science and museology; fashion collection; fashion.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - GC x GI .....	11
<b>Figura 2</b> - Conceito de Informação na Ciência da Informação .....	22
<b>Figura 3</b> - Etapas do fluxo informacional da GI.....	31
<b>Figura 4</b> - Etapas do fluxo informacional do uso da informação .....	32
<b>Figura 5</b> - Ciclo de vida da informação .....	36
<b>Figura 6</b> - Moda política – Zuzu Angel, 1971 .....	39
<b>Figura 7</b> - Elementos de categorização .....	49
<b>Figura 8</b> - Vestido de noiva.....	52
<b>Figura 9</b> - Piet Mondrian x Yves Saint-Laurent.....	52
<b>Figura 10</b> - New Look – Dior, 1947.....	61
<b>Figura 11</b> - Procedimentos metodológicos de natureza qualitativa exploratória .....	71
<b>Figura 12</b> - Fontes de dados .....	73
<b>Figura 13</b> - Sequência de coleta de dados .....	76
<b>Figura 14</b> - Ficha de produto .....	77
<b>Figura 15</b> - Roteiro para entrevista com funcionário técnico (entrevistado 1) e com a diretoria do MHL (entrevistado 2) .....	78
<b>Figura 16</b> - Acervo x Década .....	84
<b>Figura 17</b> - Condições x Elementos.....	85
<b>Figura 18</b> - Ficha 1 - Década 1930 .....	90
<b>Figura 19</b> - Ficha 2 - Década 1960 .....	93
<b>Figura 20</b> - Ficha 3 - Década 1960 .....	95
<b>Figura 21</b> - Ficha 4 - Década 1980 .....	99
<b>Figura 22</b> - Relação moda, museu e CI.....	108

## **lista de abreviaturas e siglas**

CI	Ciência da Informação
CIDOC	Comitê Internacional de Documentação
GC	Gestão do conhecimento
GI	Gestão da Informação
ICOM	Conselho Internacional de Museus
MHL	Museu Histórico de Londrina
UEL	Universidade Estadual de Londrina

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2</b>	<b>MUSEOLOGIA E A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO</b> .....	16
2.1	MUSEU: IMPORTÂNCIA DO ACERVO PARA A SOCIEDADE.....	19
2.2	INFORMAÇÃO .....	21
2.3	INFORMAÇÃO: OBJETO DE ESTUDO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO .....	23
<b>3</b>	<b>GESTÃO DA INFORMAÇÃO</b> .....	29
3.1	GESTÃO DA INFORMAÇÃO E GESTÃO DO CONHECIMENTO NO ÂMBITO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO.....	29
3.2	GESTÃO DA INFORMAÇÃO NO ÂMBITO DO MUSEU .....	33
3.2.1	Documentos de Museu.....	37
<b>4</b>	<b>ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO</b> .....	43
4.1	REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO NO MUSEU: CATEGORIZAÇÃO DOS ELEMENTOS INFORMACIONAIS .....	48
4.1.1	Catálogo.....	50
4.1.2	Classificação .....	53
<b>5</b>	<b>CONCEITO E HISTORICIDADE DA MODA</b> .....	57
5.1	A MODA: UM FATOR SOCIOCULTURAL .....	59
5.2	A CONTRIBUIÇÃO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO PARA A MODA.....	62
5.3	OBJETOS DE MODA NO MUSEU.....	65
<b>6</b>	<b>PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	71
6.1	PRIMEIRA FASE: LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO .....	72
6.2	SEGUNDA FASE: EXPLORATÓRIA .....	73
6.3	TERCEIRA FASE: COLETA DE DADOS .....	75
6.3.1	Instrumento para Coleta de Dados .....	77
6.4	QUARTA FASE: ANÁLISE DOS DADOS .....	78
<b>7</b>	<b>APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS</b> .....	81

7.1	PESQUISA EXPLORATÓRIA QUALITATIVA – ANÁLISE DO ACERVO .....	83
7.1.1	Seleção do Acervo Vestuário .....	83
7.1.2	Descrição Documental e Descrição do Vestuário de Moda.....	88
7.1.2.1	Pesquisa do contexto histórico da época de cada peça .....	88
7.1.3	Ficha de Produto .....	89
7.2	ANÁLISE EXPLORATÓRIA E QUALITATIVA - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA .	101
<b>8</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>109</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>113</b>
	<b>APÊNDICES.....</b>	<b>124</b>
	<b>APÊNDICE A.....</b>	<b>125</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A relação entre a Ciência da Informação (CI) e a Museologia é um meio substancial para o desenvolvimento dos propósitos em verificar como se estabelece a concepção da gestão da informação, com as intervenções na representação e organização da informação de acervo de museu.

A comunicação entre o usuário e o acervo pode levar ao processo de geração do conhecimento, diante disso, é relevante entender a importância em preparar a gestão e um sistema de documentação eficiente. Partindo desse ponto de vista, torna-se imprescindível que a informação contida no acervo seja acessível, comunicada e monitorada a fim de que possa mediar o processo informacional entre o indivíduo e o objeto do acervo, favorecendo a produção de conhecimento. “Portanto as atribuições de valores e sentidos, a significância, o papel social, são práticas que realmente dão sentido àquilo a que se denomina museu” (YASSUDA, 2009, p. 43).

Para abordar esta relação, é preciso ressaltar que os elementos que compõem a CI estão relacionados com as formas de simbolizar a informação e o conhecimento. Assim, torna-se necessário contextualizar, primeiramente, a CI como área do conhecimento que investiga, no âmbito das fronteiras de atuação, como se representa o conhecimento e se, realmente, o documento ou os objetos, sejam quais forem, são representados. Um dos pioneiros em publicações sobre definições e conceitos da nova ciência, Boroko (1968, p. 3), relata:

Ciência da Informação é a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que regem seu fluxo e os métodos para processá-la, a fim de obter acessibilidade e utilização ótimas. Está interessada num conjunto de conhecimentos relacionados com a origem, coleção, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação.

Apresentar a informação como objeto de estudo da CI tem a dinamicidade caracterizada por duas vertentes. Por um lado, trata-se de um fenômeno complexo e subjetivo, uma vez que a informação procede das variantes humanas e socioculturais. Por outro lado, a complexidade se manifesta por meio das ações cotidianas, sobretudo nas plataformas digitais com os novos modelos de produção, materialização, armazenamento, busca, recuperação, acesso, uso e apropriação

pelos indivíduos sociais perante as demandas informacionais (pessoais ou sociais) (SANTOS, 2017).

Neste desenvolvimento, a contribuição da CI e especificamente da gestão da informação se designa no uso da informação como processo constante e ordenado nos ambientes como o de museu, “objetivando apoiar o desenvolvimento das atividades/tarefas cotidianas e o processo decisório nesses ambientes” (VALENTIM, 2008, p. 4). Diante disso, o compartilhamento de informações em diversos setores contribui para um melhor fluxo informacional e o diálogo entre os indivíduos de forma eficaz.

Para a execução de qualquer atividade de disseminação em um museu, seja exposição ou pesquisa, a informação é considerada como elemento organizacional, um recurso indispensável. Portanto, a relação da CI com a museologia precisa se fundir e visualizar os fenômenos relacionados à gestão, já que a informação é basilar e o conhecimento, de fato, só é assimilado quando explicitado.

Nesse sentido, “ressalta-se que a gestão do conhecimento alimenta a gestão da informação, que retroalimenta a gestão do conhecimento, em um ciclo sem começo, meio e fim. Os indivíduos são os atores desses processos” (VALENTIM, 2008, p.6). Para exemplificar este fluxo, segue a figura:

**Figura 1 - GC x GI**



**Fonte:** a própria autora (2021).

Nessa perspectiva, infere-se que a informação e o conhecimento produzidos caminham com intervenção do usuário em um ciclo contínuo para a

valorização e o desenvolvimento eficaz dos processos inerentes ao objeto.

O processo da gestão da informação na museologia significa tornar a informação que foi sistematizada e formalizada acessível para todos os setores do museu, e nos variados tipos de suporte seja digital ou físico para uso e avaliação, por meio de canais ou fluxos formais da informação (VILHENA; BARBOSA, 2017).

O acervo de moda do Museu Histórico de Londrina Pe. Carlos Weiss (MHL), da Universidade Estadual de Londrina (UEL), conta com mais de 800 peças de vestuário, onde é possível encontrar histórias do cotidiano da cidade de Londrina, os aspectos econômicos, sociais e comportamentais que estão materializados nas peças. Ressalta-se aqui que a moda não se limita em vestir, “é de fato uma maneira de ser, um modo de se vestir dentro do padrão vigente. Nem sempre houve, na História humana, o conceito de moda” (BRAGA; PRADO, 2011, p. 35).

Estudar um acervo de moda e problematizar suas relações interdisciplinares permite um diálogo, e a construção de meios para compartilhar narrativas e o contexto de uma época. Pesquisadores das áreas de história, sociologia, jornalismo, engenharia têxtil, além de design e outras relacionadas, podem se beneficiar das informações do acervo de moda, seja por meio físico ou virtual.

Dessa forma, na perspectiva desta investigação, é importante refletir sobre o espaço do MHL no sentido de estimular e prover recursos e serviços informacionais para a comunidade, por meio da informação contida no conteúdo de documentos, e a produção do conhecimento científico até sua representação [ressignificação] e distribuição. O acervo de moda que atua como reserva técnica é o recurso fundamental nesse processo, que indica as áreas e a sequência do relacionamento entre CI, museologia e moda.

O *locus* da pesquisa motiva a busca no campo da CI por reflexões sobre o conteúdo documental do acervo da moda, enfatizando abordagens sociais e históricas. Nesse sentido, indaga-se sobre a necessidade de se consolidar as pesquisas científicas acerca dos aspectos informacionais reproduzidos por meio da moda, elaboradas no campo da CI.

Todavia, é a atribuição de significado resultante da informação contida no documento acondicionado em instituições museológicas o que lhe confere validade ou valor. Portanto, “o museu substancia memórias, posiciona os indivíduos e os grupos sociais, dá pistas para entendermos sentidos e sentimentos.” (MERLO;

RAHME, 2015, p. 121).

Assim, “Para a documentação em museu importa o registro de uma variada gama de dados” (OLIVEIRA, 2009, p. 16). Uma vez trabalhando com acervo de moda, identificar e registrar, além de denominar o objeto, materiais, ano de fabricação, ano de utilização, acabamentos, quem foram os usuários, funções, entre outros, constituem-se em indicativos importantes sobre a sociedade e o contexto da época, estimulam o desenvolvimento da pesquisa, concepção de exposições e outras atividades, formam ainda uma base para estruturar o acervo de museu.

Quanto mais rigoroso o processo de gestão da informação mais fácil é a disseminação ou viabilização do acervo para a sociedade. Documentos são as informações que fazem parte do objeto analisado e quando mostram com exatidão os dados, tornam-se testemunho de uma situação ou sociedade.

Nesta perspectiva, Padilha (2014) evidencia o objetivo de documentar o objeto museológico, que é tratá-lo e deixá-lo acessível para a recuperação de interessados como pesquisadores, funcionários e mesmo o público geral. Desse modo, Bräscher e Café (2008) consideram os aspectos diversos do conteúdo museológico com perspectiva futura na disseminação da informação.

Diante deste contexto apresentado, faz-se relação com a moda a qual tem a capacidade de expressar a identidade e os sentimentos, de alterar o olhar para uma situação, além de possibilitar entender com sabedoria os sentidos do corpo. A forma como as pessoas se vestem aponta diferentes visões e mudanças de comportamentos social e econômico de uma época, portanto, a análise da historicidade de uma vestimenta permite identificar o contexto histórico de um povo.

Poucos fenômenos exibem, tanto quanto a moda, o entrelaçamento indissolúvel das esferas do econômico, social, cultural, organizacional, técnico e estético [...] não há moda em um mundo em que as coisas permanecem estáveis, envoltas na aura sagrada de um tempo que parece não passar (SANTAELLA, 2004, p. 115).

É importante destacar que desde o surgimento da escrita o homem foi capaz de registrar os acontecimentos vividos com primitivos sistemas de informação, como tábuas de argila, papiros, pergaminhos, entre outros. Estes conteúdos foram instituídos e se desenvolveram na organização da informação (RIBEIRO, 2005).

No âmbito da moda, esses registros começaram a acontecer com as leis suntuárias<sup>1</sup>, por meio das quais estava descrito e comunicado quem tinha a obrigação/permissão de usar um tipo de traje, um tecido ou uma cor específica e a quem não cabia determinado tipo de vestuário. Roche (2007) relata que as leis suntuárias faziam parte de uma economia política cristã que tinha por objetivo fazer com que o consumo obedecesse à hierarquia das ordens sociais e das regras de comportamento de uma época.

A vestimenta de moda, quando estudada como objeto, evidencia uma circulação social e permite um olhar com relação ao tempo e espaço. A historicidade da moda confere um valor ao vestuário que leva à aprendizagem, ou seja, às relações que permeiam as trajetórias, revelam a complexidade envolvida na tentativa de realizar uma história da moda.

Os acervos de moda espalhados pelo mundo têm relevante representatividade diante de pesquisadores, comunidade e turismo. Entre estes acervos, destacam-se os pertencentes às seguintes instituições: Victória & Albert Museum (V&A), em Londres; Metropolitan Museum - Costume Institute, em Nova York; e, no Brasil, Museu da Era, em Vassouras (RJ); Museu Hábitos e Costume, em Blumenau (SC), e Casa da Marquesa Museu da Moda Brasileira, no Rio de Janeiro (RJ), além das modatecas e tecidotecas brasileiras.

O MHL possui um acervo pertencente aos homens e mulheres que estiveram na cidade de Londrina, entre as décadas de 1930 e 1990. As peças de vestuário foram doadas por desbravadores, pioneiros e seus descendentes londrinenses ou emigrantes, que habitaram a cidade neste período.

A escolha por trabalhar com este tema justifica-se pela relevância da instituição possuidora do acervo de vestuário - Museu Histórico de Londrina - como fonte de referência à sociedade e comunidade científica e acadêmica, que é embasada na sistematização, atualização e disponibilização de suas informações.

Portanto, a efetiva contribuição deste trabalho para a área da CI é a relação interdisciplinar principalmente das áreas da Museologia e Moda desenvolvendo assim uma perspectiva social, possibilitando novos conhecimentos e condições para a inovação e aprendizagem.

---

<sup>1</sup> Leis Suntuárias: Segundo Roche (2007), são atas parlamentares e proclamações da monarquia sobre consumo de alimentos, móveis e roupas, em que o consumo deveria obedecer a uma hierarquia de regras, colocando a mobilidade social limitada.

Para a linha de pesquisa Compartilhamento da Informação e do Conhecimento, é pertinente o trabalho com as informações do acervo de moda do museu. Por meio dos elementos da gestão da informação, é possível criar formas de compartilhamento, que buscam a apropriação da informação para o efetivo processo de disponibilizar o acervo de forma física ou virtual, aos usuários interessados e pesquisadores de diversas áreas do conhecimento.

A partir da moda, o acervo de vestuário é reapropriado evidenciando a cultura e a história da cidade de Londrina, como uma importante fonte de educação e conhecimento. A interação com o patrimônio em diferentes ambientes é relevante para a sociedade porque, diante do contexto, possibilita o acesso às informações.

Com base no apresentado, ressalta-se que a relação interdisciplinar, a diversidade de informações acessíveis e os processos de gestão para compartilhar um acervo se colocam na base do problema de pesquisa. Nesse sentido, a problematização da pesquisa representa um desafio acadêmico. Portanto, é pertinente questionar: Qual a relação da Museologia com a Ciência da Informação pelo viés da gestão da informação para compartilhamento do acervo de vestuário de moda do Museu Histórico de Londrina?

Com base na contextualização do objeto exposto, na questão ordenadora e na justificativa, os seguintes **objetivos** orientaram a pesquisa:

### **Objetivo geral**

Compreender o processo de gestão da informação do acervo de moda no âmbito do Museu Histórico de Londrina.

### **Objetivos específicos**

- ✓ Analisar a relação da museologia com a CI pelo viés da gestão da informação.
- ✓ Identificar os elementos da gestão da informação para representação e organização da informação específicos para acervo de moda.
- ✓ Estudar o processo de disponibilização do acervo de moda do museu por meio dos elementos da gestão da informação.

## 2 MUSEOLOGIA E A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Estabelecer uma relação entre a museologia e a CI torna-se fundamental no contexto desta dissertação, uma vez que se investigam as influências dos campos na representação e organização da informação, por meio do desenvolvimento da gestão da informação.

No passado, durante séculos, a prática visando o andamento de operações e o acesso ao conteúdo de registros de informações sobre coleções era restrita a poucas pessoas. As limitações reais e abrangentes dificultavam a materialidade da musealização. Loureiro (2004) explica o conceito de museu e do objeto de estudo, no entanto, a abstração do objeto é evidente. A autora considera que o fundamento do objeto de estudo da museologia não se encontra inerente ao museu como lugar, expande-se, e supera o sentido de objeto tridimensional quando procura integrar as manifestações intangíveis.

Com intuito de normatizar conceitos, o Conselho Internacional de Museus (ICOM), de acordo com seu estatuto, apresentou uma definição ao conceito de museus em 2007, desde então esta é a definição mais recente do órgão.

O museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, estuda, expõe e transmite o patrimônio material e imaterial da humanidade, com fins de estudo, educação e deleite (ICOM, 2013 *apud* DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 64).

Russio (2010) caracteriza um museu a partir do desígnio social pelo qual foi criado, ou sua finalidade perante a sociedade, e do reconhecimento público de que é efetivamente um museu, isto é, uma autêntica instituição.

A partir da definição de diversos autores e da definição normatizada pelo conselho, novos estudos surgiram visando abordar os conceitos e entender as práticas das instituições na contemporaneidade. Desse modo, Padilha (2018) conceitua museu esclarecendo que é um espaço, local fomentador de lembranças e esquecimentos que expõem o impacto do objeto com o patrimônio cultural para formação e desenvolvimento.

Para uma provocação entre a relação da museologia e a CI, por meio do seu objeto de estudo, é importante destacar que “a informação no contexto museológico possui um relevante papel social, deve permitir a aproximação entre o

indivíduo e os objetos, facilitando a interação, gerando um processo de aprendizagem e conhecimento” (YASSUDA, 2009, p. 43). Assim, a interação entre museu e o campo da CI é inevitável considerando as ações conjuntas no âmbito social, cultural, científico, entre outros, de forma a construir uma organização e representação coesa para disseminação das informações contidas no acervo museológico.

Na visão de Oliveira (2009, p. 26), não basta a interação dos campos da CI e museologia para organizar as informações, guardar de forma adequada e disponibilizar, “faz se necessário pensar em como essa distribuição será satisfatória para a sociedade que irá consumi-la”. Oliveira (2009) ainda enfatiza a forma de organização, considerando a linguagem e o conhecimento, para garantir a viabilização da informação.

Loureiro (2015, p. 10) atribui este ato de organização à própria concepção da musealização, em que o “conjunto de processos seletivos baseados na agregação de valores e coisas de diferentes naturezas, às quais é atribuída a função de documento, e que por esse motivo tornam-se objeto de preservação e divulgação.”

Dessa forma, no processo de organização museológica, os objetos que foram musealizados constituem a identidade da instituição, que, a partir desse fato, poderá cumprir a premissa social vinculada à execução dos processos de preservação, pesquisa, comunicação e educação inerentes à sua vocação institucional. Assim, diante desse processo, permite-se uma ressignificação do objeto em relação ao documento, que se converte em uma nova condição de existência (RÚSSIO, 2010).

Uma importante função da informação no cenário do objeto museológico é apresentar ao usuário uma capacidade de domínio e compreensão, para que possa, a partir de um determinado contexto, desenvolver conhecimento de uma época, assunto ou de uma sociedade (PADILHA; CAFÉ; SILVA, 2014).

O que se pode inferir é a relação interdisciplinar dos agentes da CI com a museologia, que se encontram em diálogo e junção de saberes em benefício da ciência e da possível geração de conhecimento. De comum pensamento, Padilha (2018, p. 44) destaca que a “organização e a representação da informação do objeto museológico ocorrem na atividade de documentação museológica, inserida na função de salvaguarda do museu.”

Corroborando o contexto fundamental da relação entre a CI e museologia o tratamento organizacional demanda respaldo de disciplinas científicas para a concretização dos processos informacionais. O autor Lemos esclarece a conexão:

Embora o museu nasça da intenção preservacionista e de formação de coleções, deve ser levado em consideração que as instituições museológicas trabalham com informação e conhecimento. Por isso, seu estudo é necessário dentro da Ciência da Informação, principalmente nos aspectos da organização, representação, recuperação e disseminação da informação. (LEMOS, 2018, p. 36).

O processo informacional de um objeto para se tornar parte do acervo deve ser constituído por “registros que identifiquem, localizem e descrevam todos os passos da peça dentro e fora da instituição, de modo a assegurar, nessa ação além de identidade o significado cultural” (OLIVEIRA, 2009, p. 14). Contudo, falhas ou insuficiências são possíveis de serem encontradas nesse contexto, pois os saberes da museologia e CI estão inter-relacionados, especificamente no caso estudado do acervo de moda, em que se pode disponibilizar indicativos importantes para a concepção de patrimônio histórico e de valor cultural.

Assim, “entende-se que quanto mais rigoroso for o processo de organização de um acervo ou coleção, mais existirão condições para se viabilizar o acesso, como a gama de informações para a pesquisa por parte de pesquisadores” (OLIVEIRA, 2009, p. 16).

Na museologia, Loureiro (2003) acredita no processo informacional como sendo a administração da memória por meio da proteção e comunicação do patrimônio cultural de uma época, e reflete sobre o indivíduo enquanto ser individual e coletivo, que tem cultura inerente e interage com o patrimônio dos mais variados tipos e nos mais diferentes ambientes. A partir desta compreensão, considera-se o acervo de moda como patrimônio cultural, já que “... a documentação irá conservar a história e contribuir para o ensino do têxtil/design por meio das peças em museus.” (VASQUES, 2018, p. 12).

[...] entende-se que o conceito de património está ligado aos bens culturais, sociais e económicos. É de salientar que o património cultural advém de relações sociais bem definidas, historicamente bem situadas e, desse modo, é materializado em alguma manifestação concreta, que pode ser conceitualmente definida como material. (VASQUES, 2018, p. 12).

Com o passar dos anos, o público tem se modificado em decorrência de uma sociedade aberta às tecnologias e às novidades e facilidades de acesso ao sistema informacional contemporâneo. Nesse sentido, a museologia e os profissionais podem fazer alguns questionamentos, tais como: Qual a real função do museu para a sociedade? Qual o valor em expor objetos que contam histórias de testemunho ou a exposição de obras famosas? Quais são os objetivos e as intenções em preservar e quais saberes são necessários para cada objeto em questão? Estas indagações devem fazer parte da gestão e do processo de musealização, com intenção em valorizar a narrativa.

No âmbito do exposto, vale ainda lembrar que a instituição do museu transpõe as fronteiras do simbolismo cultural, para gerar valores aos objetos e nas relações sociais em diferentes tempos e lugares. Na próxima seção, aborda-se o valor do acervo museológico para a sociedade.

## 2.1 MUSEU: IMPORTÂNCIA DO ACERVO PARA A SOCIEDADE

Os museus e centros de memória, desde o surgimento, foram criados com o propósito de legitimar a sociedade, pensando na finalidade dos seus mantenedores, nas obras em si e ainda nos artistas escolhidos para comporem o acervo. Nos primórdios, as coleções retratavam a realidade do seu entorno e da sociedade da época, contudo, seu principal objetivo era simbolizar o poder econômico de quem o possuía (SOUZA, 2018).

Souza (2018, p. 19) ainda pondera sobre o acervo de museu quando considera que é possível adotar atitudes diferentes com relação às coleções dessas instituições: “além de armazéns de tesouros, mas como arquivos da sociedade, [...] como agente ativo e histórico, quando se torna admissível os questionamentos e as visões divergentes do objeto do acervo e da sociedade.”

É pertinente observar o acervo dos museus como equipamentos culturais que possibilitam a reflexão e a integração na sociedade, como intermediários de narrativas, expondo hábitos, costumes e tradições. É um compromisso moral da instituição conceder abertura para questionamentos, assim pode admitir novos olhares da sociedade (passada e a atual) permitindo uma visão de futuro. O acervo de moda cabe como modelo neste contexto de equipamentos culturais.

Na medida em que as propriedades tidas em consideração para se

construir este espaço são propriedades atuantes, ele pode ser descrito também como campo de forças, quer dizer, com um conjunto de relações de forças objetivas impostas a todos os que entrem nesse campo e irreduzíveis às intenções dos agentes individuais ou mesmo às interações diretas entre os agentes. (BOURDIEU, 1989, p. 134).

Por intermédio dos museus, é possível vislumbrar o cenário de democratização do patrimônio histórico e social quando cumprem ou “atestam as constantes interrogações da museologia e a adequação do seu papel numa sociedade em constante mutação” (CARVALHO, 2009, p. 107).

Para Bishop (2013 *apud* SOUZA, 2018, p. 18), “é necessário tornar estas instituições mais experimentais, menos determinadas pela arquitetura, desempenhando um engajamento político maior com o nosso momento histórico.”. Desse modo, os espaços de exposições e oficinas no ambiente dos museus ampliam a abertura para debates e reflexões sobre uma temática histórica e social, uma possibilidade de proporcionar importantes oportunidades de reflexão para os visitantes. “O acúmulo sistemático de roupas, acessórios e têxteis é essencial para nos dar noção da progressão evolutiva de estilos, mas também crucial para estabelecer de forma definitiva o pensamento de moda como patrimônio cultural brasileiro” (BENARUSH, 2013, p. 12).

Nessa mesma linha de pensamento, Café e Padilha (2014) referem-se ao museu como lugar de pesquisa, no entanto, quando a população se reconhece no espaço e no acervo, o museu conquista respeito e compreensão das comunidades. Esta relação entre espaço e sua história é um elemento de conexão para diferentes grupos da sociedade que desejam interagir, ou ainda que precisam ressignificar suas formas de interação e sociabilidade.

Bourdieu (1989, p. 139) reconhece esta relação como espaços das posições de classe e coloca a semelhança ou as mesmas condições como conjunto de agentes que tem como objetivo compartilhar e classificar a “representação que os agentes tem do mundo social, mas também de modo mais preciso, a contribuição da visão desse mundo e, assim, para a própria construção desse mundo, por meio do trabalho de representação.” Nesse sentido, o museu se torna um espaço propício para um processo de reflexão e reapropriação, mediante a gestão dos processos museológicos, amparado na pesquisa, preservação e difusão do acervo.

O museu enriquece seu ambiente por meio das informações contidas no acervo, quando permite o acesso às memórias que podem fortalecer o senso de pertencimento, e torna-se um referencial para as gerações do presente e do futuro, acerca dos modos de fazer e se expressar das gerações passadas sobre as relações que as novas gerações desejam para o futuro.

O acervo de moda de um museu se relaciona com a comunidade em um processo de reconhecimento por afinidade, que acontece habitualmente, criando relações com a história sociocultural daquele local.

No contexto, enquanto a CI, embasada no processo social de gestão da informação, organiza de forma sistemática a memória contida no objeto, quando trata a perspectiva da informação como um importante ativo para o compartilhamento do conhecimento, entende-se a importância em contextualizar os conceitos da informação como objeto de estudo da CI, tratados a seguir.

## 2.2 INFORMAÇÃO

Diante da história e das reflexões, a CI tem se deparado com situações de dúvidas e questionamentos sobre a teoria da informação, sobre o que é relevante para o usuário e até mesmo acerca das características deste usuário final.

O conceito de informação possui aplicações próprias e em variados projetos, o que dificulta explorar e impulsionar um único pensamento que seja adotado quando necessário e independente do evento, mas, apesar das travas sobre a articulação do conceito da informação, as relações humanas podem sempre ser beneficiadas pela facilidade de utilização (SILVA, 2017).

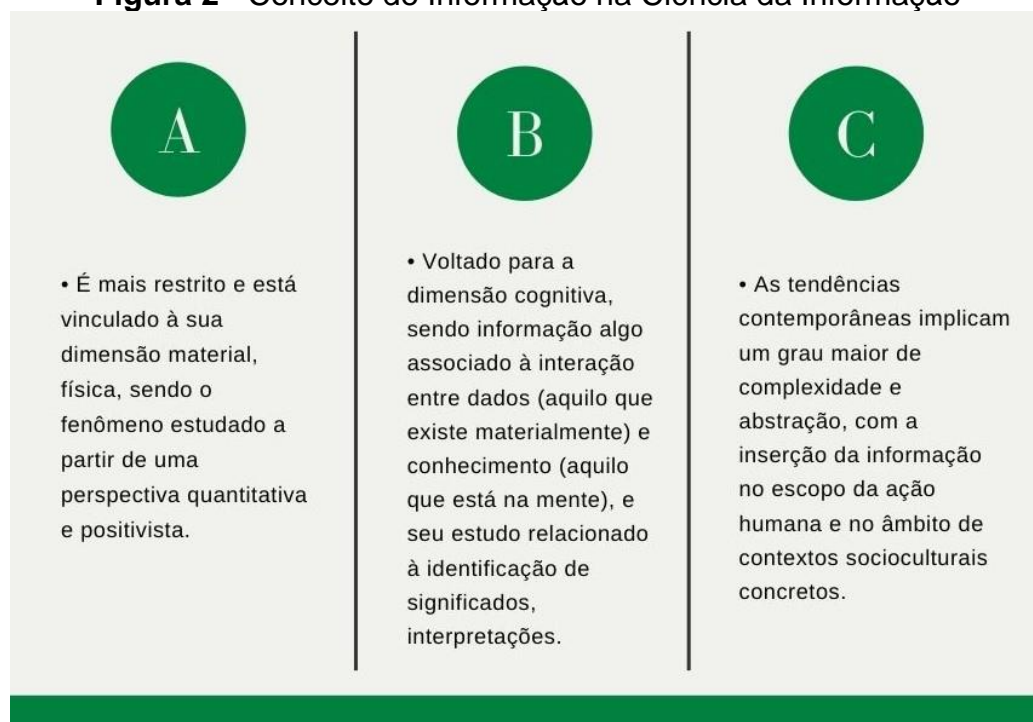
Ainda de acordo com Silva (2017), evidencia-se que o modo de entender as relações humanas, seja pessoal, institucional, presencial ou virtual, é uma consequência dos acontecimentos econômicos de cada época. “A informação passa a representar ou a se associar de forma múltipla as questões como expressões de pensamento, armazenamento de conteúdo, esclarecimento da linguagem, compreensão de ideias e estratégias para ações” (SILVA, 2017, p. 18).

De acordo com conceitos de diversos autores no âmbito da CI, como Capurro e Hjørland (2003), Shannon e Weaver (1975), Brookes (1980), Buckland (1991) e Araújo (2018), identificam-se distintas teorias, conceitos e princípios sobre a

informação, contudo, é possível encontrar elementos aglutinadores e organizar os princípios e conceitos de informação presentes na área de estudo.

Nesse sentido, o quadro, a seguir, apresenta três conceitos (A, B e C) resultantes da investigação teórica de Araújo (2018) com o objetivo de ter uma visão geral do tema informação e suas dimensões.

**Figura 2 - Conceito de Informação na Ciência da Informação**



**Fonte:** Baseado em Araújo (2018, p. 78).

O conceito A aponta a informação de forma matemática ou mensurável na dimensão de uma informação estável, quando há uma constância nos processos. Já o conceito B evidencia um modelo cognitivo quando coloca a informação ligada ao comportamento e às questões de interatividade com o sistema de informação, para produção de sentido. No contemporâneo conceito C, as relações sociais são colocadas em notoriedade como uma constituição social e do meio em que se vive, neste conceito a informação depende da motivação e intenção do indivíduo.

Durante anos de estudo e muitas concepções sobre o que vem a ser informação, esta passou a ser primordial para o desempenho de atividades e tomada de decisões nas diversificadas áreas do conhecimento humano, trazendo consigo a necessidade de rapidez nos processos e o envolvimento de profissionais qualificados, que atuam na disseminação deste conhecimento pelas redes de fontes

de informação, visando satisfazer as necessidades de informação dos usuários para promover o acesso equitativo para todos (ROBREDO, 2011).

Analisando as teorias da informação, Silva (2017, p. 100) entende “[...] que o conceito de informação não é somente uma narrativa e seletiva constituição de dados e ocorrências, mas um construto histórico que simboliza diálogos produtivos e prementes com a realidade social.”

Como demonstra Marteleto (2002), a informação não é uma ação contínua e prolongada, que expressa continuidade na realização de determinada atividade, a “[...] informação não é processo, matéria ou entidade separada das práticas e representações de sujeitos vivendo e interagindo na sociedade, e inseridos em determinados espaços e contextos culturais” (MARTELETO, 2002, p. 102). Logo, a informação pode funcionar como um impulsionador das relações ou, ainda, como um indicador de mediação que possibilita e é possibilitado pelas relações sociais.

Partindo dos conceitos citados, pode-se relacionar a informação com a materialidade e a efemeridade da moda, quando se considera no âmbito da moda a dimensão material dos tecidos, o conhecimento e criatividade de produção e a função social e comunicativa da roupa vestida em um corpo vivo.

Dessa forma, a reflexão sobre a informação como moda e os conceitos da ciência da informação como insumo e produto da ciência contribui para a configuração em torno do seu objeto de estudo, a informação, que não é simples nem mesmo existe um consenso. O objeto de estudo da CI é um fenômeno relacionado a todas as áreas do conhecimento e se molda aos interesses de cada uma delas (FREIRE, 2002). A seguir, se discute sobre a informação como objeto de estudo da CI e como ação de geração e acumulação de registros, considerando os fenômenos da realidade, e, ainda, a utilização deles.

### 2.3 INFORMAÇÃO: OBJETO DE ESTUDO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

O objeto de estudo de um campo científico é relevante para as condições específicas e únicas da atuação de uma área, considerando que o objeto define o processo de desempenho científico. Logo, a construção de um conceito para o objeto de estudo da CI se estrutura a partir da “...exposição do conflito informacional, da combinação de elementos empíricos e teóricos, arrematando toda sorte de

substratos positivos e negativos e condensando aqueles mais consistentes, para chegar na construção do objeto do estudo” (SILVA, 2017, p. 54).

Sob o ponto de vista de Rendón Rojas (2012), o objeto de estudo da CI depende de alguns pontos, pois a interpretação oscila de acordo com a perspectiva presente das tradições que conduzem as convergências nos prováveis pressupostos.

A CI promove reuniões e encontros em todo o mundo para buscar soluções aos problemas de indefinição do objeto da área, meios efetivos para controle da informação e o excesso de volume de produção científica, configurando-se para maior assertividade e sucesso. Contudo, a adoção ou até definição desse objeto não exclui as influências de elementos externos à CI, como observar os campos multi, inter e mesmo transdisciplinar (SARACEVIC, 1992).

A questão se é possível, ou como e quais processos seguir para conduzir-se ao campo da interdisciplinaridade, faz parte da contemporaneidade de um fenômeno do compartilhamento dos saberes que é instituído de forma progressiva. Pombo (1998) deixa claro no seu texto a diferença entre os termos pluri ou multi, inter e transdisciplinar, que é essencial para a cientificidade do campo da CI e dos problemas com múltiplas e diferentes perspectivas.

Quando estivéssemos a falar de pluridisciplinaridade ou de multidisciplinaridade, estaríamos a pensar naquele primeiro nível que implica **pôr em paralelo**, estabelecer algum mínimo de coordenação. A interdisciplinaridade, pelo seu lado, já exigiria uma **convergência de pontos de vista**. Quanto à transdisciplinaridade, ela remeteria para qualquer coisa da **ordem da fusão unificadora**, solução final. (POMBO, 1998, p. 14, grifo nosso).

Considerando os termos mencionados e o paradigma emergente citado por Gomes (2001), o objetivo de relacionamentos com intenção de conhecimento e associação entre as diversas áreas pode provocar uma interação e “troca de saberes”. A autora comenta que a interdisciplinaridade só se concretiza a partir do diálogo fundamentado entre as disciplinas, que pode ser constatado quando conceitos, teorias, métodos e campos de investigação migram, transitam nos vários sentidos. E complementa ao fazer a análise da interdisciplinaridade na relação com a efetividade da ciência:

Na história da ciência as rupturas ocorrem quando o tratamento de um objeto conduz ao aparecimento de um projeto interdisciplinar,

através do qual as disciplinas envolvidas intercambiam informações, noções, conceituações e teorias, alcançando um esquema cooperativo a partir do qual, não apenas os sujeitos envolvidos diretamente na execução desses projetos tornam-se especialistas com múltiplas competências, mas as próprias “gramáticas” dessas disciplinas são alteradas, interferindo também na formação dos futuros especialistas dessas áreas. Esse exercício pode conduzir a um processo abduutivo sob o qual se dá a conjunção de hipóteses capaz de gerar uma reorganização dessas disciplinas a ponto de fazer despontar um novo campo disciplinar. (GOMES, 2001, p. 3).

De acordo com a explicação da autora, a ciência se aproxima de um processo de buscar uma reordenação, delimitando novos paradigmas que respondam a este sistema integrado das áreas que são tratadas isoladamente. Para compreender, pode-se verificar o conceito de paradigma colocado por Capurro e Hjørland (2003, p. 2). Segundo os autores, paradigma trata-se de “um modelo que nos permite ver uma coisa em analogia a outra. Como toda analogia, chega o momento em que seus limites são evidentes, produzindo-se então uma crise ou, como no caso de teorias científicas, uma revolução científica”, que suportam, por assim dizer, os processos cognitivos, quando possibilita a ação de um paradigma científico, que em parte é condicionado às estruturas sociais.

Rendón Rojas (2012) define que o marco geral em que se desenvolve a ciência está relacionado com a facilidade de acesso à informação na sociedade, às relações multi, trans e interdisciplinaridade, aos procedimentos inerentes ao desenvolvimento das ciências e às transformações ocorridas por meio deles, que impulsionam uma discussão sobre a CI e os possíveis e novos integrantes essenciais denominados de paradigma científico. “O paradigma existe somente se for reconhecido pela comunidade científica, e a comunidade científica quando tem um paradigma” (RENDÓN ROJAS, 2012, p. 3).

A opinião de Freire (2006, p. 58) difere de autores anteriores, mas de forma a complementar o conceito. A autora comenta que “as bases da CI originam-se do paradigma do conhecimento científico, apoiado na invenção da imprensa e institucionalizado com a criação das primeiras associações científicas.”

Capurro e Hjørland (2003) identificam também os paradigmas epistemológicos associados às diferentes abordagens utilizadas na CI, baseada numa epistemologia fisicista, marcados pela teoria da informação, quando era chamada de sinônimo ou signo, sendo um produto com intuito de transmissão. O paradigma físico está intimamente relacionado com a assim chamada *information*

*theory* de Claude Shannon e Warren Weaver (1949-1972), o primeiro conceito divulgado e fundamentado que “designa que a informação é uma mensagem enviada por um emissor destinada a um receptor” (SILVA, 2017, p. 161).

No ponto de vista de Silva (2017, p. 164), o paradigma físico refere-se a como é essencial “a arrumação de conteúdos em suas dimensões organizacionais e de caráter quantitativamente definicional, que está vinculado à transmissão de conteúdo”. Saracevic (1996) lembra a teoria dos mundos de Popper - objeto físico, consciência e conteúdo - quando deixa evidente os limites da analogia entre a linguagem, entre os conceitos semântico e pragmático da informação, além do sistema de transmissão de sinais, e, por fim, mostra um ponto de vista sobre o aspecto cognitivo no processo interpretativo da informação, lembrando que a semântica e a pragmática inicialmente não foram consideradas no paradigma físico.

Neste contexto, com o foco na necessidade do sujeito, em situações de problemas e nos modelos mentais, a CI pondera o impacto da informação no receptor, que comumente está à procura de resolução de algum problema. Corroborando com este pensamento, Silva (2017, p. 174) destaca que o “conceito cognitivo parte da informação para a comunicação, permitindo compreender de forma mais lúcida os fenômenos sociais interativos e de dependência/interdependência entre informação e comunicação”, apontado pela área da CI em comunicação com outros domínios e conteúdo, firmando o conceito.

Segundo Capurro e Hjørland (2003), este conteúdo é um modelo intelectual de rede que aparece nos espaços cognitivos ou mentais. A percepção cognitiva da informação reflete uma nova base de estudos empíricos e sociais, que pode mudar a concepção das atividades físicas e técnicas da área para um contexto mais humano.

Mas, apesar desse enfoque social, sua perspectiva permanece cognitiva no sentido de que se trata de ver de que forma os processos informativos transformam ou não o usuário, entendido em primeiro lugar como sujeito cognoscente possuidor de modelos mentais do mundo exterior que são transformados durante o processo informacional. (CAPURRO; HJØRLAND, 2003, p. 6).

Ressalta-se que foi avaliado com cautela que o conceito do paradigma cognitivo dos autores citados possibilita uma independência para a CI, já que atinge estudos empíricos e sociais para criar novas concepções de sistemas de recuperação da informação, com relação às atividades físicas e técnicas do saber

informativo, que faz conexão entre estado anômalo do conhecimento e estratégias de busca. Considerando o contexto, Araújo (2018, p. 77) discorre que:

A partir da crítica ao modelo anterior, que via o usuário como um ser isolado da realidade e apenas numa dimensão cognitiva, busca-se aqui (no paradigma social), reinseri-lo nos seus contextos concretos de vida e atuação, numa perspectiva claramente fenomenológica: ver os sujeitos como ser no mundo.

Uma consequência prática desse paradigma é o abandono da busca de uma linguagem ideal para representar o conhecimento, ou de um algoritmo ideal para modelar a recuperação da informação a que aspiram o paradigma físico e o cognitivo. Uma hermenêutica do existir humano, como mostra Heidegger em Capurro e Hjørland (2003, p. 7): “parte da premissa de que não necessitamos buscar uma ponte entre o sujeito e o objeto localizado em um mundo exterior, visto que existir significa estar sempre fora e socialmente envolvido em uma rede de relações e significados”. Consequentemente, o paradigma social se envolve em relações recíprocas entre os indivíduos, para organizar o conhecimento que permanece nas raízes de um movimento cognitivo que contemple a ideia do outro para sua consolidação.

Com base na discussão apresentada, e com outra visão sobre a busca da informação, Araújo e Vilaça (2016) destacam o cenário atual do desenvolvimento tecnológico, quando, além das novidades de interação e velocidade, o usuário, que antes buscava informação, atualmente é também criador de informação.

As redes sociais digitais possibilitam que os indivíduos interajam com outros usuários da rede, que leiam notícias, opinem, reiviniquem, produzam seu próprio conhecimento, divulguem informações e até mesmo se mobilizem coletivamente. São novas maneiras de buscar, compartilhar, usufruir e fazer parte da sociedade em que vivem. (ARAUJO; VILAÇA, 2016, p. 18).

Associando tais conceitos do processo de produção, comunicação e uso e busca da informação na moda, isso ocorre de forma implícita, o verdadeiro processo de comunicação, que é se vestir, é linear e orientado para um objetivo. O olhar principal deve ser no usuário que detém e que envia a mensagem, ou seja, o emissor, já o receptor fica sem notoriedade. Nesta perspectiva, a informação pode ser constituída para ser fornecida e disponibilizada, a consequência do uso pode não ser evidenciada e trabalhada adequadamente (LE COADIC, 1996).

Desta maneira, o acesso à informação da moda está diretamente relacionado com a comunicação da informação. Após encontrar a informação desejada, o receptor segue outras etapas de seleção da informação relevante e dos processos de interpretação dessa informação.

No estudo do acervo de moda, é notório, diante das análises realizadas, o objeto tridimensional assumir a comunicação e a transmissão de mensagens, por meio da revolução científica gerada por áreas correlacionadas à CI. Fica evidente o estudo da informação, que compreende toda a gestão da informação, o tratamento informacional e os paradigmas científicos, por considerar as perspectivas e processos organizacionais pertinentes à representação da informação.

Neste contexto, a informação de um acervo de moda é relevante como artefato produzido no ambiente museológico, como fonte de representação de conteúdo. No próximo capítulo, analisa-se o processo da gestão da informação por meio dos elementos da classificação e catalogação, como canal interpretativo que permite ao usuário a pesquisa, reflexão e/ou construção de um pensamento específico.

### 3 GESTÃO DA INFORMAÇÃO

Nesta seção, discute-se os conceitos e principais teorias da Gestão da Informação (GI). Para o desenvolvimento do assunto, discute-se o contexto com a gestão do conhecimento, os fluxos informacionais e os elementos da GI. A análise da GI no ambiente museológico, assim como os documentos de museu e as intervenções para representação e disseminação.

#### 3.1 GESTÃO DA INFORMAÇÃO E GESTÃO DO CONHECIMENTO NO ÂMBITO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

O papel da informação, visto como vantagem na contemporaneidade, é fundamental para uma evolução positiva nas instituições. Com notável volume de informação, produção de conteúdo e o aumento da velocidade da comunicação, as instituições públicas e privadas buscam estabelecer novas associações e relações com a sociedade.

A gestão do volume de informação produzida progressivamente é determinante para a condução do desenvolvimento do conhecimento. Com essa visão dos acontecimentos informacionais, as peculiaridades inter, pluri e transdisciplinares são necessárias para a efetiva evolução no reconhecimento dos processos informacionais e no conhecimento produzido, por meio da intervenção do pensamento complexo, que “surge para integrar os princípios da Ciência Clássica a uma visão mais rica e contestadora” (SANTOS; VALENTIM; DAMIAN, 2020, p. 22). Neste sentido, o debate e a comunhão dos saberes ganham notoriedade quando melhoram o fluxo de informação e conhecimento.

A gestão da informação e do conhecimento na CI objetiva o acesso, o compartilhamento e o uso da informação com o mínimo de erros ou incertezas (VALENTIM, 2008). A mesma autora define que:

A gestão da informação enfoca os fluxos formais do ambiente organizacional, ou seja, o que está sistematizado, formalizado, explicitado em qualquer tipo de suporte (eletrônico, digital, papel etc.), e a gestão do conhecimento enfoca os fluxos informais do ambiente organizacional, ou seja, o que não está explicitado, formalizado, sistematizado (cultura, comunicação, comportamento, aprendizagem, valores, práticas etc.) (VALENTIM, 2008, p. 6).

Nessa perspectiva, compreende-se a concepção relacionada à teoria como “o objetivo da gestão da informação que é identificar e potencializar recursos informacionais de uma organização e sua capacidade de informação, ensinando-a a aprender e adaptar-se a mudanças ambientais” (TARAPANOFF, 2006, p. 22).

De forma objetiva, Davenport (1994, p. 84) comenta que a gestão da informação é “o gerenciamento de todo o ambiente informacional de uma organização.” Como complemento, o autor reflete sobre o conceito tratando a gestão da informação como um processo:

[...] um conjunto estruturado de atividades que incluem o modo como as empresas obtêm, distribuem e usam a informação e o conhecimento. Mais importante, identificar todos os passos de um processo informacional – todas as fontes envolvidas, todas as pessoas que afetam cada passo, todos os problemas que surgem – pode indicar o caminho para mudanças que realmente fazem diferença. (DAVENPORT, 1998, p. 173).

Nessa mesma linha de pensamento, Silva e Tomaél (2007) corroboram com o conceito e definem a gestão da informação também como um processo, que analisa os envolvidos com a produção e utilização da informação que foi recebida e com os recursos aplicados para tal ação como tecnologias de informação, fontes, serviços e sistemas informacionais. Davenport e Prusak (2012) contribuem com uma visão próxima para o entendimento da teoria quando mostram a importância dos aspectos comportamentais do indivíduo e da sua associação com os fatores informacionais.

A ordenação dos dados e conhecimentos, inseridos em fatores informacionais, constitui-se um gerenciamento. Em outros termos, quando a informação for registrada e o conhecimento pessoal ponderado, o procedimento do fluxo da gestão da informação “especificamente, envolve os estudos e as práticas gerenciais que permitem a construção, a disseminação e o uso da informação” (SOUZA; DIAS; BORGES, 2011, p. 59).

Gerenciar a informação pode ser considerada importante ferramenta estratégica para melhorias do fluxo informacional e dos controles que auxiliam nas decisões. Davenport e Prusak (2012) confirmam que a gestão da informação pode indicar modelos de fluxos informacionais objetivando o desenvolvimento e o aprimoramento no ambiente analisado.

Os fluxos de informação se manifestam em documentos, registros e sistemas de informação. Já os processos para gerir a informação culminam em uma pesquisa que inclui estes fluxos informacionais para atingir objetivos, racionalizar as informações e assim utilizá-las estrategicamente. A “gestão é o processo de tomada de decisão de como afetar recursos limitados entre usos alternativos de modo a otimizar determinados objetivos.” (DUARTE; MONTEIRO, 2019, p. 96).

Infere-se, portanto, que a gestão da informação é um processo no qual são utilizados recursos para criar e difundir informações na sociedade, por meio de etapas que movem estes processos e que são inerentes à gestão da informação. “É notório que as etapas/atividades da gestão da informação devem estar inter-relacionadas, tendo como principal objetivo gerir a informação, a fim de agregar valor a ela, bem como utilizá-la nas tomadas de decisões” (SANTOS; VALENTIM; DAMIAN, 2020, p. 35).

Fundamentados em mudanças da sociedade, os indivíduos que participam desse processo e executam etapas da gestão da informação em sistemas desenvolvidos encontram-se com os mesmos propósitos, assim, devem conhecer todas as etapas a serem executadas, visto que são dependentes umas das outras (SANTOS; VALENTIM; DAMIAN, 2020). Para tangibilizar esta discussão, a figura a seguir representa um fluxograma que evidencia as etapas básicas do processo de gestão da informação:

**Figura 3** - Etapas do fluxo informacional da GI



**Fonte:** Santos, Valentim e Damian (2020, p. 24).

Na primeira etapa, a identificação é a verificação da real necessidade informacional, a coleta se efetiva no ingresso do processo, o tratamento é desenvolvimento da informação, a classificação é referente ao armazenamento, a disseminação é a apresentação de conteúdo e o uso é a exploração da informação (SANTOS; VALENTIM; DAMIAN, 2020).

Com relação ao uso da informação, Choo (2003) afirma que o processo percorre apenas três fases: (1) necessidade de informação: é a busca e o processamento da carência de informação; (2) construção do conhecimento: é a organização e armazenamento da informação; (3) tomada de decisão: o uso da informação ocorre quando a mensagem é processada e produz uma mudança ou a aquisição da informação. Esta relação, para ser finalizada, considera o indivíduo como determinante nos processos de informação, pois depende do desenvolvimento das condições e do contexto em que a informação é colocada, como segue explicitado na imagem a seguir:

**Figura 4 -** Etapas do fluxo informacional do uso da informação



**Fonte:** Choo (2003).

Com a evolução dos tempos e das pesquisas, a gestão da informação se estabelece como uma disciplina fundamental para o desenvolvimento de novos planejamentos, cujo objetivo é pensar para adiante da informação, visando a criação, compartilhamento e aplicação do conhecimento por meio do indivíduo, tecnologias, processos e estrutura e cultura organizacional, agregando valor às instituições (DUARTE; MONTEIRO, 2019). Este sistema de organização da informação é estabelecido na CI que verifica quais as formas apropriadas para organizar, acessar e disponibilizar a informação produzida, considerando os elementos extraídos do contexto informacional, para tornarem-se elementos de representação idênticos aos do seu conteúdo (YASSUDA, 2009).

Como já apresentado neste trabalho (ver página 16), o ICOM (2007) evidencia a missão dos museus em adquirir e conservar para comunicar com o propósito de apresentar a informação e gerar conhecimento. Dessa forma, fica evidente que o suporte da informação é o objeto museológico, portanto, a informação contida no objeto expressa por meio da linguística para o processo comunicacional entre o indivíduo e o acervo quando pode favorecer a produção de conhecimento.

### 3.2 GESTÃO DA INFORMAÇÃO NO ÂMBITO DO MUSEU

No âmbito coletivo, a informação pode ter um significado de escrita ou texto no suporte papel e, desse modo, falar sobre as informações no museu aparenta certa inconstância. Buckland (1991), no texto Informação como coisa, prova que objetos podem transmitir informação, considerando que “[...] um objeto por si só não gera informação, devendo passar por diferentes etapas dentro do museu para que seja um objeto informativo.” (YASSUDA, 2009, p. 42).

Um plano museológico pode ser realizado por meio dos processos de gestão da informação, considerando o desenvolvimento de estratégias voltadas para a criação, apropriação, compartilhamento e socialização de conhecimento em ambientes organizacionais (VALENTIM; TEIXEIRA, 2012).

No cenário atual, a gestão da informação é conceituada de forma mais completa: “conjunto de atividades que identificam necessidades informacionais, mapeiam, coletam, filtram, analisam, organizam, armazenam e disseminam a informação, no intuito de apoiar o processo decisório em ambientes organizacionais” (SANTOS; VALENTIM; DAMIAN, 2020, p. 23).

Hofmann (2015) apresenta uma “quebra de paradigmas” nas organizações por consequência das novas tecnologias e do grande volume de informações, que conduz para um caminho sustentável com organização que visa informatização em um ambiente dinâmico e globalizado, um reposicionamento que exige mudança na cultura organizacional.

A questão fundamental para as organizações reside em saber usar com propriedade instrumentos e ferramentas para decifrar todas essas questões, assim, o diagnóstico organizacional se torna relevante e um passo importante para a mudança e aprimoramento do sistema organizacional. (HOFMANN, 2015, p. 74).

No funcionamento das atividades do museu, o fato de vivenciar a era da gestão da informação não é acatada e natural para todas as instituições, a imagem que se tem de museus é a de uma instituição destinada somente à preservação, guarda e conservação dos bens patrimoniais da sociedade, logo, os impedimentos que são evidentes “devem ser gradativamente vencidos, conforme o avanço da profissionalização e da qualificação do setor” (SOUZA, 2018, p. 121).

Neste contexto, a aplicabilidade das técnicas da organização da informação terá importância, pois o museu é responsável por toda propagação da informação contida no acervo.

Torna-se imprescindível que a informação contida no objeto seja expressa por meio de um código linguístico controlado a fim de que possa mediar o processo comunicacional entre o indivíduo e o item, favorecendo a produção de conhecimento [...] O registro da informação do objeto museológico possibilita que esta seja compartilhada, comunicada, possibilitando o acesso e, portanto, a democratização da informação no contexto social no qual está inserida (YASSUDA, 2009, p. 45).

Logo, o significado do objeto está na correlação da materialidade do objeto, de seus suportes físicos às suas intenções socioculturais (BAUDRILLARD, 2009). Entende-se, então, que o tratamento da informação, no que tange à representação do conteúdo por meio da linguagem, é uma operação de síntese elaborada a partir das informações contempladas a respeito do objeto, ou seja, no mapeamento das informações e sua correta utilização na mediação.

O efetivo gerenciamento das informações e o uso de métodos e técnicas atuais compreendem bons parâmetros para a organização da instituição do museu desenvolver suas atividades. A gestão da informação colabora para estratégias de “o que fazer com base em informação e o que fazer com a informação”, por meio da informação que foi apropriada, e, assim, decidir a relevância para as determinadas atuações. (SANTOS; VALENTIM; DAMIAN, 2020, p. 25).

De acordo com Pupim (2010, p. 69), “a informação em sua ampla concepção não se encontra estática dentro da organização; pode ser encontrada em vários processos, nos múltiplos ambientes”, os fluxos formais ou informais tratam a informação registrada em diversos suportes e podem ser internos ou externos aos ambientes e à organização. Complementando o texto e enfatizando a importância deste processo, Nascimento *et al.* (2016) relatam que “a partir dos diferentes ambientes organizacionais, verifica-se que as informações e os fluxos se formam e

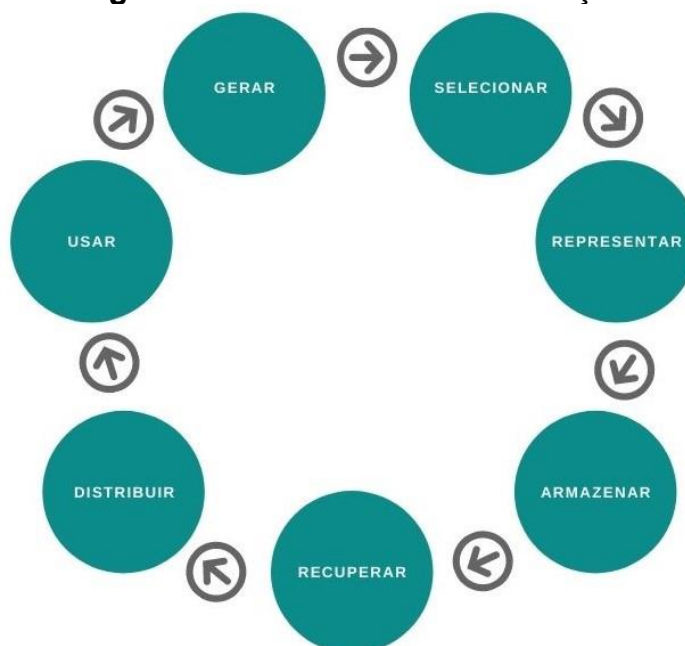
circulam apoiando as diferentes ações realizadas, bem como a tomada de decisão.”

Os fluxos informacionais têm por finalidade subsidiar os sujeitos organizacionais no que se refere aos processos existentes, uma vez que dados, informações e conhecimentos percorrem a partir do acesso, apropriação e uso por parte dos sujeitos nos ambientes (SANTARÉM; VITORIANO, 2016).

A gestão da informação não é algo que possui linearidade e pode ser definida como um processo que propõe a cooperação de outros campos de estudos, de forma que possa se realizar o realinhamento frente a um novo contexto. Este campo de estudo “possui abordagens interdisciplinares necessárias para o alcance de resultados efetivos nos contextos abarcados por suas atividades e etapas” (SANTOS; VALENTIM; DAMIAN, 2020, p. 23).

Como já entendido, o fluxo da gestão da informação não é linear e apurado dentro de um modelo. A informação é trabalhada por meio de um ciclo dinâmico, sem início e fim, que se autoalimenta de forma contínua por meio de processos interativos de comunicação, e no contexto das atividades cotidianas do museu não é diferente.

Segundo Hofmann (2015, p. 85), a estrutura das atividades da gestão da informação com fins de organização, conservação e distribuição é, portanto, “baseada no ciclo de vida da informação, que representa a forma mais utilizada de compreender as interações e as sequências das fases que passam a informação desde a sua geração até o seu uso”, como ilustra Dante no texto da autora Hofmann com a Figura 5 a seguir.

**Figura 5 - Ciclo de vida da informação**

**Fonte:** Ponjuán-Dante (1998).

Para que o ciclo de vida da informação seja constante, o fluxo informacional deve interagir com o contexto informacional, pois o uso da informação é resultado e direcionado por um contexto, que no âmbito do acervo de moda é uma estrutura de significado e situação, sendo configurado de forma subjetiva pelo ambiente sociocultural, político, econômico, regulatório, entre outros.

A gestão da informação e suas estratégias em estabelecer relações podem contribuir para aprimorar a função social do museu e garantir, assim, a aproximação da ciência e da tecnologia, no que se refere ao seu uso, aplicação, à sua história, filosofia, às questões sociopolíticas pertinentes às decisões governamentais para com a sociedade (VALENTIM; TEIXEIRA, 2012).

Dessa forma, a informação selecionada com base nos elementos constitutivos da gestão da organização poderá agregar valor à comunicação museológica no sentido de fornecer informações extrínsecas e intrínsecas sobre os objetos, traçando uma narrativa e fomentando o ciclo de vida da informação. Este processo pode proporcionar ao usuário pesquisador e a toda comunidade interessada no museu a apropriação da informação que é gerada por meio do acervo museológico.

Portanto, a informação no museu se apresenta como intermediário facilitador, quando diminui a desigualdade entre a sociedade e a coleção musealizada. Assim, entende-se que existe uma estreita relação entre a gestão da

informação e o ambiente do museu.

A Gestão da Informação poderá contribuir no mapeamento de informações acerca dos instrumentos científicos, que vão além de sua descrição técnica e morfológica. Essas informações levam em consideração seu aspecto social, cultural bem como o contexto museológico das peças. Assim, a apresentação dessas peças para o público não especialista. (SANTARÉM; VITORIANO, 2016, p. 164).

A informação e os elementos constitutivos da gestão da informação, como fluxo, contexto, mediação e competência informacional, são fatores importantes para a organização museológica, responsável pelo desenvolvimento das ações. Desse modo, na próxima seção, estuda-se como os objetos de museus são tornados documentos através de práticas e processos de musealização. A compreensão do objeto como documento no gerenciamento da informação eficiente é imprescindível para a qualificação destas instituições.

### 3.2.1 Documentos de Museu

Historicamente os campos da CI, biblioteconomia e arquivologia assumem o direito de tratar os documentos nos mais variados suportes, gêneros e tipos, incluindo os digitais, que é uma realidade da contemporaneidade. Assim, o entendimento dos objetos nos arquivos de memória como documentos, ainda, é pouco estudado, possui opiniões divergentes considerando autores tradicionais e os mais arrojados (SMIT, 2008).

Na perspectiva clássica, Smit (2008, p. 12) aponta Otlet como conhecedor e especialista da documentação e com uma visão atualizada, que entende a teoria de forma diferente por meio de um olhar abrangente, considerando boa parte dos objetos como documento, inclusive os encontrados na natureza. No entanto, em 1934, Otlet criou o “Tratado de Documentação”, que “define os documentos na condição de registros escritos, gráficos ou tridimensionais que representam ideias ou objetos que informam.”

Portanto, o documento, sendo uma reprodução da realidade, pode ser definido como resultante de uma inscrição em um suporte: na inscrição textual no suporte papel, na inscrição sonora no suporte do som, na inscrição iconográfica no suporte da imagem, na inscrição audiovisual no suporte da imagem e do som e na inscrição tridimensional no suporte do objeto. A autora explica que a expansão

proposta por Otlet, do conceito de documento à noção de registro, é apoiado por Suzzane Briet, a qual tinha a mesma visão que Otlet sobre o documento, ou seja, ser uma prova que sustenta um fato. Para Briet, documento “é todo indício concreto ou simbólico, conservado ou registrado, com a finalidade de representar, de reconstituir ou de provar um fenômeno físico ou intelectual” (BRIET, 2016, p. 1).

Como consequência, o documento ganha uma definição clara, que o deixa de ser configurado como um objeto autorreferenciado, passando à condição de representante de ideias ou objetos (SMIT, 2008). Nessa mesma visão, Padilha salienta que o conceito de documento é semelhante e esclarece a perspectiva sobre a teoria do documento:

É qualquer objeto produzido pela ação humana ou pela natureza, independentemente do formato ou suporte, que possui registro de informação. O documento pode representar uma pessoa, um fato, uma cultura, um contexto, entre outros. Ele se caracteriza como algo que prova, legitima, testemunha e que constitui de elementos de informação. (PADILHA, 2014, p. 13).

Fundamentado na teoria clássica, Rabello (2009) comenta sobre a dimensão simbólica a qual está envolvida no processo de representação do documento.

Não obstante, Paes (2006, p. 26) corrobora que o documento consiste no “[...] registro de uma informação independente da natureza do suporte que a contém.” Dessa maneira, quando acondicionados em espaços de memória ou guardados em arquivos, os objetos formam um conjunto de documentos com informações acessíveis aos indivíduos e se tornam um produto passível de ações. Com um distinto ponto de vista deste contexto, considera-se que “todo documento representa algo e pode ser representado; é uma expressão simbólica de poder/saber. A materialidade do documento é ulterior à fisicalidade da informação num suporte” (RABELLO, 2019, p. 20).

A partir do exposto, pode-se inferir que o documento tridimensional é vinculado a materiais físicos que podem ser registrados, ou seja, um objeto que é passível de ser comunicado detém uma informação e um ambiente sociocultural, permitindo a replicação da comunicação.

Na Ciência da Informação, o autor coloca a informação como forma ou instrumento tendo o conteúdo validado como documento que encontra um sentido de existência, portanto, possível de dispor de duas vertentes para a teoria, a

materialidade e a institucionalidade da informação, quando encontram no documento um valor autorreferente. “O documento ascende uma coisa à condição de algo com significação e exposta ao olhar, alça um objeto como evidência à condição de informação” (RABELLO, 2019, p. 19).

O documento tridimensional tem a função de gerar um vínculo sólido ao patrimônio que foi institucionalizado, isso leva a uma verdade e uma estabilidade. Essa materialidade da informação atribui ao documento um valor concedido ao objeto como evidência, isto é, o objeto tridimensional como forma ou como uma expressão material e simbólica (RABELLO, 2019).

A coleção Moda política de Zuzu Angel, da época da ditadura militar brasileira, como exemplo. A coleção foi apresentada em um desfile, em 1971, realizado pela referida estilista na casa do cônsul brasileiro em Nova Iorque. Braga e Prado (2011, p. 362) relatam o evento: “dividia-se em dois segmentos: com roupas descontraídas para férias e lazer [...] e vestidos brancos bordados com temas denunciando sua dor.” Os autores descrevem a cena da brasileira no fim do desfile vestida de preto, na cintura uma corrente com crucifixos e no pescoço um pingente de um anjo branco, como uma vestimenta fúnebre. Dessa maneira, é o vestuário de moda transformado em expressão material e simbólica de uma época.

**Figura 6 - Moda política – Zuzu Angel, 1971**



**Fonte:** Memórias da ditadura ([20--]).

Rabello (2019) relata que a institucionalização faz parte do processamento e da transformação dos documentos da burocracia para a organização de espaços específicos em instituições, que se apresentam como parte

de uma racionalidade em que se atribuem valores socioculturais e sentidos aos objetos, e ainda às funções atribuídas institucionalmente, as quais resultam, dentre outros aspectos, na definição de patrimônio.

É mediante a superfície da fisicalidade que se chega à proveniência da materialidade, onde estão situadas as intencionalidades atribuídas ao objeto antes mesmo de ele ser valorado institucionalmente como documento, tais como memória, identidade, afetividade, intencionalidade, manuseabilidade, instrumentalidade, biografia do suporte, enfim, características que passam por eletividades que atribuem ao objeto virtudes de um item passível de ser colecionável. (RABELLO, 2019, p. 19).

Diante do conceito, a fisicalidade da informação está relacionada às propriedades físicas do objeto como um suporte, que garante sua existência no espaço e no tempo, quando pode-se carregar a informação por meio do documento que revela a materialidade a qual transcende os elementos linguísticos.

Fundamentadas a materialidade e a institucionalidade do documento, é possível seguir e interpretar a transformação de objeto em documento por meio de uma posição fenomenológica, considerando a percepção do indivíduo na representação de qualquer que seja o fenômeno (BUCKLAND, 1997).

Outros autores, como Gomes e Silva (2011), dizem que os arquivos pessoais são considerados um conjunto de documentos de origem privada produzidos, recebidos e acumulados por pessoas físicas, e que se relacionam de alguma forma às atividades desenvolvidas e aos interesses cultivados ao longo de um tempo.

Percebe-se que esta situação faz parte de uma percepção pessoal para representar um episódio cotidiano vivido, dando origem à prática de colecionar, guardar e até expor. É comum encontrar colecionadores que geram sentidos e significados aos objetos, isso antes mesmo de surgir a ideia de musealidade. “Portanto, um processo consciente do colecionador ou curador apontar em determinada peça a capacidade se tornar um significador, um documento simbólico de um determinado período”, conforme define Benarush (2013, p. 4).

Buckland (1995) utiliza o termo coleção e realiza uma análise na perspectiva de que informações como objetos são as únicas formas que um sistema de informações pode lidar diretamente, comparando as tarefas de preservação, disponibilidade e identificação dos acervos informacionais.

Neste contexto e ainda de acordo com Buckland (1995), a intencionalidade atribuída ao documento pode ser resumida da seguinte maneira: o documento é aquilo que traz uma evidência sob forma de signos e esses signos nunca são objetos naturais. Ou seja, os signos não constituem uma propriedade natural, que pode ser procurada e encontrada nos objetos, mas uma propriedade atribuída aos objetos (naturais ou artificiais). E uma vez dentro do museu, o objeto assume o papel de evidência material ou imaterial do homem e do seu meio, além de uma fonte de estudo.

Gomes e Silva (2011, p. 34) salientam que os artefatos contemplados como documentos tridimensionais também são acumulados pelos arquivos pessoais com suas categorias de informação definidas e com diversas situações. “A natureza do objeto é simbólica e carregada de contextos. Mas o valor de testemunho de uma atividade pode ser considerado [...] sob o ponto de vista da funcionalidade” (SANTAELLA, 2005, p. 26). De acordo com as particularidades tratadas dos documentos tridimensionais inseridos no ambiente de museu, a categoria pode ser orientada pelo sistema de signos semióticos descritos (SANTAELLA, 2005).

Um conjunto de imagens constitui o imaginário e se não houvesse imaginário, não haveria realidade, porque as narrativas construídas pelo indivíduo fornecem base às formas de viver (WULF, 2013). Por meio da natureza do objeto e de uma realidade sociocultural, as imagens são representadas por ícones, os quais geralmente fazem referência a algo maior, que está fora daquela imagem, uma vez que a sobreposição de diferentes imagens na percepção é consequência do poder da imaginação (SANTAELLA, 2005).

Portanto, o documento tridimensional de valor informativo, assim como um documento gráfico, poderá servir de apoio para o usuário como valor de memória, e como um conjunto de signos codificados em uma representação visual.

O signo, para funcionar, deve estar ao mesmo tempo inserido no que ele significa e dele distinto. Com efeito, para que o signo seja o que é, é preciso que ele seja dado ao conhecimento ao mesmo tempo que aquilo que ele significa. O signo não espera silenciosamente a vinda daquele que pode reconhecê-lo: ele só se constitui por um ato de conhecimento. (FOUCAULT, 1999, p. 76-77).

Foucault (1999) explica: para que um elemento de uma percepção possa tornar-se seu signo, não basta que dele faça parte, é preciso que por uma representação visual ou de alguma outra forma seja apontado, pois a construção do

signo semiótico não deve ficar separada de uma análise. A análise do signo permite ao documento a extração das informações intrínsecas e extrínsecas, ao mesmo tempo que novos usos e significados podem ser construídos.

Tendo em vista a ciência normativa como a qualidade mediadora do signo, a teoria semiótica permite atravessar no próprio movimento interno das mensagens a relação tríade, ou seja, signo, objeto e interpretante, sendo assim a posição lógica que cada um dos elementos ocupa no processo representativo de um objeto tridimensional (SANTAELLA, 2005).

No âmbito dessa discussão, Gomes e Silva (2011) relatam que se deve verificar o recebimento dos objetos tridimensionais pelas instituições museológicas antes mesmo do recolhimento, seleção e captação, para decisão do futuro da preservação e o acondicionamento na instituição. Caso decidido por não preservá-los nos arquivos, de alguma forma, ainda é possível representá-los, utilizando-se de outros gêneros documentais, como o iconográfico em exposições ou pesquisas externas. Dessa forma, o documento assume uma condição significativa no interior dos museus, seja como suporte para as atividades socioculturais ou elemento de apoio para a pesquisa científica neles desenvolvida.

Assim, são criados os Sistemas de Documentação Museológica, motivados pela preocupação em preservar, investigar e comunicar. A representação e organização da informação têm, desse modo, a responsabilidade de disponibilizar a base de dados para consultas internas e externas. A próxima seção, trata a representação de organização da informação museológica e a caracterização dos elementos deste processo.

#### 4 ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Para a efetiva organização e representação da informação no âmbito dos museus a documentação dos objetos, antes da realização de qualquer processo informacional é da administração da instituição. O ICOM (2014, 19) aponta que faz parte da função desta área, registrar por escrito, facilitar o acesso as informações e apresentar formas para solucionar a falta ou insuficiência de informações e em síntese enfatiza que “Como parte de sua política geral de acervo, o museu deverá adotar uma política de documentação que demonstre o seu comprometimento organizacional com esse processo.”

Nesse sentido, nas abordagens do processo informacional é preciso ponderar, além das teorias epistemológicas tradicionais, as variantes, condicionantes e relações (intrínsecas e extrínsecas) que podem modificar e moldar os distintos cenários socioculturais nos quais a informação é produzida, representada, acessada e utilizada. A análise do processo informacional sofreu transformações ao longo dos anos, com questionamentos e teorias sobre o que esta área do conhecimento pode organizar e representar. Isso se justifica, uma vez que, de acordo com os autores Capurro e Hjørland (2003), Silva (2017) e Araújo (2005), a informação e o conhecimento podem ter significados variados dentro de diferentes áreas.

Medeiros (2017, p. 62) define que “a partir da representação, o homem daria acesso aos seus sentidos, ao seu conhecimento, possibilitando a compreensão e a visualização, seja pela leitura ou decodificação de imagens, símbolos e/ou signos, dos demais seres promovendo assim a comunicação.”

Por ser um processo antigo, a representação é determinada por possíveis regras e normas de organização e de elementos para mostrar sentido. A proposta de Silva (2006) é apresentar a representação como uma forma de apreender um objeto ou um conceito, por meio de significação, referência ou simbolização a uma coisa distinta de si mesma, podendo criar um vínculo e uma relação com aquilo que se representa ou substitui.

Nesse sentido, o assunto representação da informação é a ação figurativa, simbólica quando relacionada com uma obra, imagem ou ideia, apresentando uma nova realidade, condicionada e/ou fazendo referência a algo já

existente na mente humana, por meio da memória, aprendizagem e percepção (MANUEL, 2003, tradução nossa).

É com base nesta afirmativa que trazemos os estudos e a prática de representação para a realidade da CI, onde a comunicação possível através da representação ganha uma perspectiva social, trabalhada e dinamizada de modo a possibilitar não somente a recuperação da informação registrada, mas também a organização de conteúdos e assuntos, com objetivo de subsidiar a formação de novos conhecimentos. (MEDEIROS, 2017, p. 62).

Novos estudos na área da CI focados na representação foram capazes de renovar o pensamento e os processos, devido “ao avanço das tecnologias digitais, com os fenômenos de organização colaborativa e com o advento de perspectivas teóricas socioculturais.” (ARAÚJO, 2018, p. 50). Logo, nesta dialética, as formas de ver os usuários, assim como o contexto cultural do meio em que vivem, é um modelo que poderá ser seguido no processo de representação (ARAÚJO, 2018).

Nessa perspectiva, em que a informação no mundo globalizado passou a ser primordial para o desempenho de atividades e tomada de decisões nas mais diversas áreas do conhecimento humano, evidenciou-se a necessidade de rapidez nos processos e o envolvimento de profissionais qualificados, que atuam na disseminação deste conhecimento pelas redes de fontes de informação, visando satisfazer as necessidades de informação dos usuários, além de promover o acesso equitativo para todos (ROBREDO, 2011).

[...] o armazenamento impacta a coleta, a organização e as formas de acesso e disseminação, e assim sucessivamente ... o incremento das tecnologias digitais, as novas possibilidades em termos de descrição, classificação e organização da informação, os fenômenos de organização colaborativa, e o advento de perspectivas teóricas socioculturais (ARAÚJO, 2018, p. 50).

A representação como produto se torna uma prática corriqueira, possibilitando novas pesquisas teóricas e práticas, com o intuito de “responder aos problemas e efeitos da informação na cultura pós-moderna, a fim de tornar os registros informacionais acessíveis à sociedade.” (ALBUQUERQUE; MARTINS; MOTA, 2019, p. 14).

Assim, Ribeiro (2005, p. 95) enfatiza que “Representar informação significa criar “imagens”, não exatas e integrais (isso seria uma reprodução *stricto sensu*)”. A autora confirma que o ato de representar um objeto deve ser rigoroso ao

ponto de identificá-lo com clareza e de forma objetiva. De acordo com a referida autora, esta é a chamada representação descritiva, que, na contemporaneidade, pode ser denominada de metainformação, quando se apresenta o conceito de informação sobre a própria informação.

Segundo Bräscher e Café (2008), o produto desse processo descritivo é a representação da informação, entendida como um conjunto de elementos descritivos que representam os atributos de um objeto informacional específico. Enquanto atividade operacional inerente ao fazer profissional da CI, a organização da informação pode ser um processo para além de uma combinação de acervos realizados por meio da descrição física e de conteúdo de seus objetos informacionais (SVENONIUS, 2000). Estas descrições se constituem em um discurso de propriedades de um objeto ou das relações desse objeto com outros que o identificam.

De acordo com esta definição, o conceito de representação da informação é como um produto do processo de organização da informação, detalhado como meio para se alcançar os objetivos. Dessa forma, é cogitado que a organização da informação pode se caracterizar como um processo e a representação da informação como um produto, que é entregue ao usuário.

As formas pelas quais os indivíduos sempre fizeram uso da representação, mesmo considerado um processo organizacional biológico, são parte de uma organização social, na qual, pela percepção e razão, busca-se a formulação de conceitos abstratos sobre a realidade que os cerca.

Perceptivelmente todo processo de representação está diretamente ligado à produção realizada na mente humana, geradora de conhecimento. Conhecer significa dividir e classificar para depois poder determinar relações sistemáticas entre o que se separou. (SANTOS, 1988, p. 50).

Assim, o conceito de "representação" é claro: a operação só pode ser bem-sucedida se houver um conhecimento prévio daquilo que vai ser descrito. "Digamos que só é possível representar com exatidão aquilo que se conhece bem" (RIBEIRO, 2005, p. 95). De acordo com a teoria explanada, é possível analisar e ponderar que só é fundado representar uma informação com exatidão quando se conhece propriamente sobre o conteúdo em questão.

A fonte de origem da informação é o conhecimento, portanto, ela pode ser analisada e representada segundo pontos de vistas semânticos (cognitivos), pragmáticos (reais), inferenciais (juízos de valor) e de acordo com o formato utilizado (textos, imagens, áudios, vídeos, etc.), levando em consideração as propriedades do seu conteúdo e a sua função social. (ALBUQUERQUE; MARTINS; MOTA, 2019, p. 17).

Desta maneira, infere-se que a representação da informação é fundada na análise das propriedades de um objeto informacional, considerando uma unidade de informação organizável ou das relações desse objeto com outros que o identificam, através de operações que visam a sua descrição.

Albuquerque, Martins e Mota (2019) ressaltam que a capacidade de representar está ligada com a capacidade intrínseca de aprendizado, pois há relação do signo com o objeto informacional, por meio dos elementos simbólicos. “Essa entidade linguística se processa em virtude de um mundo sógnico que detém uma carga semântica extremamente expressiva, no qual a totalidade e as nuances se apresentam como relações de grande relevância”. (ALBUQUERQUE; MARTINS; MOTA, 2019, p. 16). Neste processo, o indivíduo, com capacidade de representar a informação, transporta internamente influências de fatores linguísticos, cognitivos, socioculturais e históricos ao mesmo tempo.

As abordagens sobre o conceito aplicado à teoria da representação da informação podem não ser engessadas ou finais. Isso se justifica uma vez que, de acordo com Lara (1999), representar, ordenar e classificar são processos eminentemente humanos, requerem compreensão, domínio do assunto e serem desprendidos para ajustarem-se, conduzirem-se e localizarem-se de forma física e científica no mundo mediante a realidade sociocultural existente. Para representar, é necessário, antes de qualquer execução, organizar e para tal organização pressupõe-se colocar ordem, dispor ordenadamente determinado sistema.

A organização da informação, enquanto área de estudo, se diferencia em duas concepções de conhecimento: uma, enquanto processo cognitivo individual, baseada em visão subjetiva sobre a existência de um fato ou do estado de um caso adquirido por meio de reflexão; e, a outra, enquanto algo sobre o qual existe certo consenso social (ALBUQUERQUE; MARTINS; MOTA, 2019, p. 19).

Dentro do ambiente tradicional, a organização da informação pode seguir um sistema de informação que, quando relacionado aos seus componentes para coletar a informação, tratá-la e então disseminá-la, tem a possibilidade de seguir

para avaliação, aprimoramento ou adequações das ações, de acordo com o retorno obtido, diretamente para o gestor responsável, que toma decisões (ARAÚJO, 2005).

O conceito de organização da informação pode ser entendido como um componente no processo de recuperar o conteúdo informacional, e para que a informação seja organizada neste contexto é necessário ser descrita a partir de propriedades do objeto informacional, ou seja, de suportes físicos (SVENONIUS, 2000). Portanto, o objetivo do processo de organização da informação é possibilitar e facilitar o acesso aos dados contidos na informação, esse princípio pode ser detalhado com base nos ajustes propostos por Svenonius (2000) aos objetivos bibliográficos definidos pela International Federation of Library Associations (IFLA).

Bräscher e Café (2008, p. 5) descrevem sua perspectiva sobre a teoria da organização da informação:

A organização da informação é, portanto, um processo que envolve a descrição física e de conteúdo dos objetos informacionais. O produto deste processo descritivo é a representação da informação, como um conjunto de elementos descritivos que representam os atributos de um objeto informacional específico. Alguns tipos de representação da informação são construídos por meio de linguagens elaboradas especificamente para os objetivos da organização da informação. Essas linguagens, subdividem-se em linguagens que descrevem a informação do documento (suporte físico).

É relevante apontar as considerações de Robredo (2004), o qual afirma que a tecnologia oferece soluções para organizar grandes volumes de documentos, no entanto, a organização da informação pode encontrar algumas dificuldades nas instituições de memória, pois, mesmo com a tecnologia, podem ser aceitos acervos com informações mínimas e ainda podem ocorrer perdas de informações. Para o referido autor, isso continuará sendo uma dificuldade nos acervos caso não sejam melhorados os mecanismos de representação.

Segundo o autor, “é preciso aprofundar e aprimorar os processos de análise da informação e representação da informação” (ROBREDO, 2004, p. 1). Isso quer dizer que não basta apenas possuir a tecnologia, é preciso que existam critérios de seleção, organização e representação da informação. Só assim obtém-se sucesso no processo como um todo. Há que se considerar, portanto, que o ato de organizar e representar não é simples.

De acordo com a teoria abordada, se nota uma complexidade não só para reter e armazenar um objeto de acervo, mas, inclusive, por dados consistentes da

descendência. Novo (2013) afirma que é uma necessidade compreender a atribuição da organização e representação da informação, para suprir uma carência social na prestação de serviços para a sociedade, pois ao representar um objeto, descrever seu conteúdo e torná-lo recuperável, tendo em vista o uso, se constrói um meio de comunicação capaz de gerar subsídios para o conhecimento.

Diante do cenário exposto e de diferentes buscas sociais e novas formas de consumo, os serviços de informação sociais se atualizaram, sem desprezar o início ou primórdio na criação dos instrumentos para facilitar o processo de institucionalização da informação (RABELO, 2009, p. 188).

Os elementos para a formalização da organização e representação da informação fazem parte dos processos de ação referentes aos recursos informacionais (neste estudo, o acervo de moda), que podem ser “identificados coerentemente com a função, objetivo e necessidade expostos pela unidade informacional que irá armazená-los e pelos usuários que buscarão aquelas informações” (SANTOS; ALBUQUERQUE, 2019, p.168).

Assim, com o intuito de categorizar os elementos informacionais, todo este processo de representação abrange não somente o aspecto físico dos itens, mas também seu conteúdo. Os conceitos da catalogação e classificação são o foco do texto a seguir, apresentando como este procedimento contribui para o processo de disseminação da informação e se reinventa na atualidade.

#### 4.1 REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO NO MUSEU: CATEGORIZAÇÃO DOS ELEMENTOS INFORMACIONAIS

Um acervo museológico pode ser referenciado como recurso informacional, além de outorgado como documentação museológica compreendendo os aspectos de gestão com sentido direcionado à coleta, armazenamento, tratamento, organização, disseminação e recuperação da informação (YASSUDA, 2009).

Uma gestão adequada de acervo implica em estabelecer parâmetros para as diversas atividades vinculadas aos objetos, já que fatos e ações registrados e acumulados servem de subsídio ou ferramenta de pesquisa. Dessa forma, é compreensível a caracterização e significativa composição do recurso informacional. O “recurso informacional guarda em seu cerne informações de uma sociedade, as

marcas do povo e do lugar que o originou e, claro, os pensamentos e as visões alinhados a esses preceitos.” (SANTOS; ALBUQUERQUE, 2019, p. 175).

Com intenção de expor alguns elementos para caracterização do acervo de moda museológico, foi criada a figura a seguir:

**Figura 7 - Elementos de categorização**

REPRESENTAÇÃO	época, forma corporal, condição econômica e cultura
MEIO REGISTRADO	o produto têxtil (vestuário de moda)
CONTEXTO DE EXISTÊNCIA HISTÓRICA	o vestuário de moda usado por um pioneiro da cidade de Londrina
CONTEXTO INFORMACIONAL	a moda
CONTEXTO SOCIOCULTURAL	a narrativa do comportamento de moda

**Fonte:** da autora (2021).

Estas ações podem ser substanciais para a racionalização do conhecimento, uma “tarefa fundamental no processo de representação e organização da informação que constitui-se em organizar o objeto a partir de seus elementos formadores, e resultam nos predicados essenciais do conceito desse objeto” (PATO, 2015, p. 124).

O museu, enquanto unidade de informação, tem a responsabilidade de proporcionar meios de transmissão da informação, portanto, cabe a ele gerir sistemas eficientes que possibilitem a comunicação dos dados oriundos dos objetos de suas coleções (YASSUDA, 2009). Ainda de acordo com Yassuda (2009), estes dados devem receber tratamento específico para que, dentro de um fluxo informacional, se tornem instrumentos para a geração de conhecimento.

As próximas subseções, trazem parâmetros referentes a conceitos e contextualização da catalogação e classificação em acervo museológico, que são os elementos ideais e materiais que conduzem os anseios para construção da Representação da informação. No ambiente museológico, esta ação abre possibilidades de organização por meio da perspectiva teórica sociocultural,

ampliando a discussão acerca das variáveis que envolvem a perspectiva relacional do conceito da informação.

#### 4.1.1 Catalogação

Observando os registros do conhecimento como atividade humana que procura sistematizar e organizar as informações e constituir operações distintas, chega-se à catalogação. Conforme afirmação de Almeida (2011), a catalogação pode ser datada na antiguidade, a partir das tábuas de argila, e seu desenvolvimento principal na história moderna, com a evolução da tipologia e a imprensa. Portanto, a história da catalogação tem uma conexão com as mudanças sociais da época.

Barbosa (1978) acredita que o período de 1841 até 1961 pode ser considerado o mais longo da história da Catalogação, pois foram realizados diversos trabalhos que deram início aos estudos sobre o assunto, os quais foram significativos para determinar e influenciar as práticas do tratamento descritivo de muitos projetos atuais.

A catalogação tem importância no controle dos aspectos organizacionais sobre todos os recursos informacionais de instituições, facilitando a representação e a recuperação do acervo. Neste sentido, Mey e Silveira (2009, p. 7) apresentam o conceito de catalogação:

Catalogação é o estudo, preparação e organização de mensagens, com base em registros do conhecimento, reais ou cibernéticos, existentes ou passíveis de inclusão em um ou vários acervos, de forma a permitir a interseção entre as mensagens contidas nestes registros do conhecimento e as mensagens internas dos usuários.

A autora Yassuda (2009, p. 49) delimita o conceito considerando as particularidades dos museus: “a catalogação é uma descrição detalhada, um registro da biografia de todas as características físicas pormenorizadas, servindo como fonte de informação para pesquisa, além da identificação e localização no acervo.”. Complementando o conceito da autora, Simionato (2015, p. 92) corrobora com a visão de que “a principal função da catalogação nos museus é oferecer o acesso ao item e descrever detalhadamente seu recurso para que seja fonte de pesquisa.”

No processo de catalogação, a fase inicial se configura por identificar e descrever as informações contidas no item documentário, sendo essas duas etapas

estritamente relacionadas e dependentes entre si. A identificação consiste na busca de elementos convencionais contidos no item, estabelecidos a partir de um conjunto de regras. Após identificação desses elementos, ocorre a descrição deles a partir de padrões previamente estabelecidos (FUSCO, 2010).

Com base nos conceitos apresentados, Santos (2019, p. 51) afirma que “qualquer obra pode ser catalogada.” Todos objetos possuem alguns atributos como autoria, assunto, título, material, data, entre outros, denominadas de entidades pelo autor. Para realizar a catalogação, escolhe-se uma destas entidades, aquela que se julga mais relevante para representar o objeto (bibliográfica ou acervo) e por ser de diferentes tipos de entidades requer diferentes tipos de registros (SANTOS, 2019).

Neste sentido, Yassuda (2009, p. 22) entende que “as informações contidas nos catálogos como frutos da pesquisa científica, proporciona a geração de novas informações e novos conhecimentos.” Percebe-se que a documentação em museus por meio da pesquisa está diretamente relacionada ao caráter social e artístico e conseqüentemente tem uma importância efetiva no êxito da instituição.

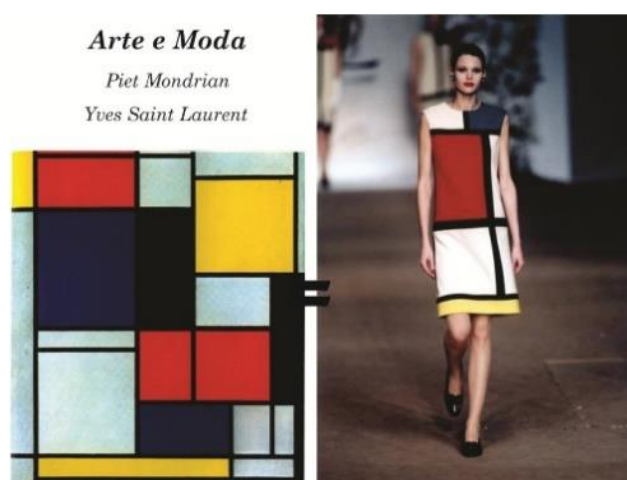
Fusco (2010, p. 33) comenta que o catálogo exhibe, por meio das mensagens, os atributos das entidades e os possíveis relacionamentos e indica a diferença entre obra e item, pois “enquanto a obra é uma entidade abstrata que pode reproduzir-se em diferentes suportes, o item é concreto. Uma obra é um todo acabado. Um item pode conter uma obra, várias obras ou partes de obras.”

Nessa direção, “a entidade é que determina a manutenção ou alteração dos conteúdos da obra original, [...] a obra não é real até ser notada como expressão” (MAXWELL, 2008, p. 27 *apud* SANTOS, 2019, p. 55). Toma-se como exemplo o vestido de casamento da Princesa Grace Kelly de Mônaco, que era a expressão de um estilo vigente naquela época (1956). O referido vestido influenciou noivas da mesma época no Brasil. Estes artefatos podem ser relacionados como sendo uma expressão com ou sem mudanças ou variações da mesma obra, podendo surgir até outras expressões diferentes e relevantes (HAUGLAND, 2006).

**Figura 8 - Vestido de noiva**

**Fonte:** Colher de chá noivas (2012).

A partir deste exemplo e referindo-se a Tillett (2003 *apud* SANTOS, 2019), pode-se agrupar as obras em relação equivalente (quando a expressão permanece inalterada); relação derivativa ou horizontal (deixar mais claro os termos - quando ocorre um ponto de corte no qual se determina a existência de uma nova obra), que pode ocorrer de distintas formas e alheias ao primeiro e principal contexto (artefato vestível transformado em arte e vice-versa - como mostra a Figura 9, quando o clássico quadro de Piet Mondrian transforma-se em um vestido de Yves Saint-Laurent).

**Figura 9 - Piet Mondrian x Yves Saint-Laurent**

**Fonte:** Arte descrita (2012).

Para Mey e Silveira (2009, p. 33), “Um aspecto importante a levar em consideração, é a autonomia das expressões, ou seja, não existe expressão referencial, a representação pode, ou não estabelecer os vínculos entre ambas.” As autoras ainda comentam que nesses termos a ligação equivalente ou derivada entre itens deve ter regras e métodos bem definidos para então serem referidos, pois a estruturação dos componentes do processo catalográfico tem o compromisso de se apresentar sólida.

Para tanto, a ideia e o conteúdo semântico da obra sendo iguais, ou com poucas alterações, pode ser materializada num mesmo tempo específico (instanciação). Santos (2019) refere-se e ainda agrupa em relação descritiva ou referencial que trata de conhecimentos explicitados sobre a obra, incluindo “avaliação, crítica, comentários, revisões, edições anotadas” (SANTOS, 2019, p. 56).

Portanto, com base no apresentado, entende-se que a catalogação tem um papel mais importante do que apenas deixar o documento à disposição do usuário, aponta Fusco (2010, p. 31):

A catalogação exerce a função de mediação entre uma possível informação e um usuário, já que é a partir de um catálogo e um ambiente sistemático informacional eficiente, que o usuário poderá encontrar um conteúdo que satisfaça sua necessidade e gere nele conhecimento que poderá, então, ser chamado de informação.

Estas práticas de catalogação são abordadas e exploradas no âmbito da conceituação da classificação e do tratamento da documentação museológica quando pretende-se desenvolver a compreensão dos objetos, como o acervo de moda da coleção do MHL.

#### 4.1.2 Classificação

É pertinente iniciar o texto com a orientação da autora Albuquerque (2012, p. 41), que expõe o seguinte ponto de vista: “Antes de tudo, a classificação é instintiva, mesmo sendo uma atividade intelectual. Classificamos de forma natural, reconhecendo, desde criança, relações de semelhança.”

Piedade (1983, p. 16) conceitua a classificação como:

Classificar é dividir em grupos ou classes, segundo as diferenças e semelhanças. É dispor os conceitos, segundo suas semelhanças e diferenças, em certo número de grupos metodicamente distribuídos.

É um processo mental habitual ao homem, pois vivemos automaticamente classificando coisas e ideias, a fim de as compreender e conhecer.

Na mesma linha, Olga Pombo (1998, p. 1), no texto Da classificação dos seres à classificação dos saberes, diz que a classificação tem a função de:

[...] orientar-nos no mundo à nossa volta, estabelecer hábitos, semelhanças e diferenças, reconhecer os lugares, os espaços, os seres, os acontecimentos; ordená-los, agrupá-los, aproximá-los uns dos outros, mantê-los em conjunto ou afastá-los irremediavelmente.

Quando se trata de informação que foi disseminada por meio das memórias individual ou coletiva, o ambiente político, cultural ou econômico leva a uma prática sociocultural e histórica interferindo no meio cotidiano. Diante disso, Loureiro (2003) relata que as mudanças de cada época influenciaram no processo de documentação museológica, assim como as práticas de colecionismo.

Segundo apontamentos, a classificação das informações é fundamental para um trabalho, quando se estabelecem hábitos, semelhanças e diferenças, a fim de reconhecer lugares, espaços, os seres e os acontecimentos, sejam passados ou presentes. Classificar consiste em realizar a divisão em grupos ou em classes, de acordo com as diferenças e semelhanças pode-se tratá-la enquanto fenômeno social, ação instintiva do ser humano, assim todas as suas ações no mundo são trespassadas por atos classificatórios (ARAÚJO, 2005).

É possível realizar a classificação sem perceber realmente a ação, isso se justifica porque a classificação é composta por relações e ainda por perspectivas de hierarquia na sociedade pertencente, quando pode-se criar códigos específicos de uma cultura vigente. Do ponto de vista da autora Albuquerque (2012, p. 41), “as classificações agem sobre o contexto social de forma a permitir o reconhecimento de ações e padrões que estão dispostos entre os seres e as coisas.”

O processo de documentação museológica passa pela fase da classificação para chegar até a pesquisa. Albuquerque (2012) salienta que faz parte do processo de classificação criar ou propor categorias em relação às coleções e inserir os objetos cada um em sua categoria correspondente. “A classificação vai determinar a identificação de forma correta dos objetos, assim como possibilitar uma análise dos níveis de informação que este possui” (ALBUQUERQUE, 2012, p. 230).

Pode-se recomendar para qualquer instituição ou centro de memória acompanhar a evolução da tecnologia e a criação de novos modelos e teorias

científicas, para continuar entregando informação e cultura para a sociedade. Faz-se necessário este aperfeiçoamento dos processos de organização e da classificação, com o objetivo de expor e representar os objetos tridimensionais depositados para possíveis estudos, conhecimento ou contemplação.

Para preservar, expor e oferecer ao estudo seus objetos os museus necessariamente precisam de um sistema de organização e tratamento informacional. [...] Os objetos de museus, como qualquer outro documento, têm informações e representam um momento da atividade humana ou um registro da natureza. São fontes de pesquisa e assumem dentro da instituição um papel voltado ao conhecimento e ao estudo, já que mostram uma realidade deslocada de seu lugar original. Por isto devem ser tratados, contextualizados, catalogados e classificados adequadamente (ALBUQUERQUE, 2012, p. 218).

No contexto desta discussão, Torres (2002) também salienta a importância do objeto e o acervo dos museus para a cultura material e para sobrevivência social. Assim, o objeto, desde que é inserido pelo museu como um documento, que se integra tanto nos domínios históricos e socioculturais quanto nas relações que possui com o espaço físico e com as pessoas que representa, proporcionando uma memória coletiva quanto à produção e reprodução social local, começa a fazer parte do ambiente tornando-se próprio da história.

A organização do objeto é defendida por Torres (2002) para que todo estudo que se fizer de um acervo pressuponha que seja dirigido pela elaboração de instrumentos de classificação, incluindo o tratamento do documento, a fim de que a informação científica seja baseada na realidade do objeto aferido, devidamente comunicada e pesquisada por toda sociedade.

Outra visão sobre o assunto é da autora Pombo (1998), quando salienta que classificar é escolher uma lógica provável procurando encontrar, para a escolha feita, um conjunto de razões suficientes, como na classificação das ciências em que há sempre várias propriedades as quais podem dar origem a diferentes classificações. Neste sentido, Ribeiro (2013, p. 531) compreende que “a classificação é assumida como uma operação intelectual e técnica, que traduz numa categorização/sistematização para fins organizativos e numa representação formal tendo em vista a recuperação da informação.”

Alguns autores, como Dodebei (2002), Araújo (2005) e Costa (1997), apontam os conceitos da Ciência da Informação como uma ferramenta de

organização e representação da informação que provém naturalmente de uma visão integrada e unitária, sendo possível entender a classificação como um instrumento, como um processo ou uma operação científica e técnica. A classificação é parte do processo organizacional de documentos, desde o tempo das civilizações pré-clássicas, quando os documentos eram ordenados e arrumados como suporte com o propósito de permitir a localização imediata.

Com base no exposto, os aspectos do sistema classificatório se realizam por meio de uma estrutura, que é observada e sempre verificada com o propósito de garantir a eficiência e visão integrada e unitária, inerente à CI. O método para o processo de representar a informação é o que descreve um ou vários elementos. As descrições representadas nos documentos ou objetos já classificados podem demonstrar as ações e mudanças sociais subjetivas da produção dos documentos.

No próximo capítulo, discute-se sobre os conceitos e a historicidade da moda, como as representações relacionadas aos objetos de moda podem interferir na forma de comunicação e interação da informação e observar a moda como um fator social atuante no contexto de uma época, verificando a relação dos objetos de moda no museu quando considerada a contribuição da CI para a moda e a dinâmica do acesso e o compartilhamento deste objeto.

## 5 CONCEITO E HISTORICIDADE DA MODA

O conceito da moda e sua historicidade são abordados por diversos autores em diferentes perspectivas. A reflexão sugere representações as quais os usuários da moda costumam praticar de forma corriqueira, como o ato de escolher a roupa no dia a dia. Neste contexto, a moda, segundo Crane (2011), aparenta uma certa banalidade por seu uso corriqueiro, quando na realidade é um fenômeno complexo e dinâmico.

A este respeito, o sociólogo francês Godart (2010) comenta de forma enfática e certa que a moda é um paradigma social, que se encontra entre a imitação e a diferenciação, criando significados e valores tornando-se transigente perante as diferenças da sociedade, embutida em uma determinada cultura. O autor define que “a moda é o que liga e reconcilia o individual e o coletivo, aquilo que permite que o indivíduo faça valer suas preferências dentro de um âmbito coletivamente determinado” (GODART, 2010, p. 29).

A teoria clássica elaborada pelo sociólogo alemão Georg Simmel, em 1905, é utilizada e referida para destacar o fundamento da moda. A autora Assunção (2017, p. 50) ressalta o conceito explicitado pelo sociólogo afirmando que “a moda caracteriza-se por unir o gosto pela imitação e o gosto pela mudança, o conformismo e o individualismo, a aspiração a fundir-se no grupo social e o desejo de diferenciar-se.”

Para as pesquisadoras Crane e Mora (2008, p. 165), “A moda não é nada além de uma forma de vida entre outras, através da qual se conjuga, em um mesmo agir unitário, a tendência à uniformização social, à tendência à distinção individual, à variação.” Ela é um fenômeno corriqueiro da história da humanidade e, segundo as autoras, é a imitação de uma forma que foi reproduzida, quando satisfaz e leva à distinção, diferenciação e variação.

Com empenho em definir um conceito para a moda, Lipovetsky (2009, p. 25) relata que a individualização do parecer impõe uma legitimidade social para a moda, que se mostra capaz de manter um equilíbrio dinâmico entre os polos opostos da sociedade, através da inconstância do novo e das novidades da moda. O autor complementa dizendo também que a moda “[...] é um dispositivo social caracterizado por uma temporalidade particularmente breve, por reviravoltas mais ou menos fantasiosas, podendo, por isso, afetar esferas muito diversas da vida coletiva.”

No ponto de vista de Calanca (2008, p. 12), “A moda é sempre um fenômeno de costume<sup>2</sup>. Portanto, pode-se dizer que existe moda quando o amor pelo novo se torna um princípio constante, um hábito, uma exigência cultural.” Neste contexto, entende-se que a moda suscita um reflexo crítico sobre o dispositivo social, definido por uma temporalidade transitória e por mudanças rápidas que envolvem o cotidiano.

Em síntese, a moda pode não estar restrita à questão do vestuário usual ou à historicidade de uma época, mas propõe uma abertura para os elementos visuais e comportamentais que definem e contextualizam os seus usuários, em um meio social, e na tendência a se dissociar individualmente da história da sociedade.

Lipovetsky (2009, p. 25) pondera que “[...] a moda é a formação essencialmente sócio-histórica, circunscrita a um tipo de sociedade”, mesmo sendo entendida como um fenômeno social de considerável oscilação, e, em razão disso, a moda escapa, de um ponto de vista histórico abrangente, à estabilidade e à regularidade de seu funcionamento profundo. O autor analisa que é preciso atentar-se aos fluxos contínuos do sistema da moda, assim como na continuidade dos períodos da história positivista e da periodização clássica dos séculos, para pensar a moda na essência sociocultural.

Para além da transcrição pontilhista das novidades de moda, é preciso tentar reconstruir as grandes vias de sua história, compreender seu funcionamento, destacar as lógicas que a organizam e os elos que a unem ao todo coletivo (LIPOVETSKY, 2009, p. 27).

Vestir-se é um ato mais antigo que o advento da moda, contudo, não é possível dissociá-los, é preciso considerar peças do vestuário como objeto de estudo. Roche (2007, p. 505) considera a Moda como a produção cultural da história que permite “[...] ver o papel social das restrições naturais e funcionais, internas ou externas ao sistema do qual ela é ao mesmo tempo objeto e sujeito.”. Na produção Filosofia da Moda, o autor Svendsen (2010, p. 46) relata a longevidade da moda:

[...] moda sempre carrega sua própria morte dentro de si. Seu objetivo sempre é ser definitiva para absolutamente todos os indivíduos em um grupo, mas se atingir essa meta ela morrerá, porque está neutralizada então a oposição real entre conformidade e individualidade que é sua definição básica.

---

<sup>2</sup> Costume: um hábito ou norma coletiva (CALANCA, 2008).

É em sua dimensão de conteúdo que a moda se torna história, segundo o ponto de vista de Calanca (2008, p. 45), “[...] colocando-se na imprevisibilidade e recusando dogmaticamente a moda que precedeu, a nova moda rejeita o próprio passado.” A autora entende que novas tendências e formas de vestir abrem um caminho não somente para a nova moda de se vestir, mas, sobretudo, para um novo modo de idealizar e expressar a vida cotidiana.

Barnard (2003) corrobora com a mesma visão sobre o conceito de quando a moda se torna história, assim comenta que o sistema intermitente da moda como um processo de uso e descarte na indústria é definido como um ciclo de obsolescência da moda, sendo que no instante que um item se exaure, outro toma o seu lugar e assim por diante. Na obra do filósofo Svendsen, Barthes define que “...cada nova moda é uma recusa a herdar, uma subversão contra a opressão da moda anterior. Vista dessa maneira, a nova moda encerra uma emancipação, pois nos liberta da antiga.” (SVENDSEN, 2010, p. 25).

Objetivando a melhor representação dos objetos da moda, é em sua dimensão de conteúdo, conceitos e fundamentos que Assunção (2017) expõe a função da moda de indicar posições sociais, explorar e apontar posições sexuais, materializar subjetividades e ainda se coloca em relação a instituições políticas ou ideológicas.

É por essa razão que a moda ocupa um lugar singular, valendo enfatizar sua função nas diversas ações da sociedade. Nesse sentido, a CI se torna um meio de grande importância, neste contexto, para organizar e representar a informação contida no vestuário de forma científica, com objetivo de disponibilizar não somente a aparência da moda como um elemento social, mas a essência do objeto.

## 5.1 A MODA: UM FATOR SOCIOCULTURAL

Estudando a história da moda, o vestuário como acervo de um museu torna-se importante objeto informacional, pois transmite o contexto histórico sociocultural e mostra como e quando os proprietários desejaram explicitar a posição diante da sociedade, uma ideologia e até mesmo a moda vigente, por meio de identificação de elementos simbólicos, materiais e de elementos e forma.

Barthes (2005, p. 259) corrobora que “o vestuário é a cada momento da história, o equilíbrio entre formas normativas, cujo conjunto, apesar disso, está o tempo todo em devir”. Neste mesmo contexto, o autor reforça que toda “cobertura corporal”, ou seja, o vestuário de moda faz parte de um sistema formal organizado, normativo, consagrado pela sociedade, conseqüentemente o vestuário se torna moda por uma apropriação de norma ou de um uso pela sociedade através de regras e não de variações de formas ou estéticas. É simplesmente regulamentado por um grupo social definido (artistas e *influencers* na contemporaneidade). Cabe salientar a explanação de Lipovetsky (2009) sobre o conceito de moda como “uma lógica social independente dos conteúdos”.

O corpo vestido com roupas e acessórios de moda pode ser considerado a imagem de uma época, o modo como uma sociedade está vivendo e como o usuário se comunica com o mundo. Para Roche (2007), a história sociocultural oferece valores do imaginário de uma época, dessa forma, o estudo de vestuário pode ser realizado por diversas perspectivas, porque por meio dele é possível observar os modos regidos do período estudado.

O vestuário com valor histórico pode realizar uma reapropriação simbólica mantendo sua importância cultural para a sociedade (CALANCA, 2008). No ponto de vista de Braudel (1996, p. 282), a história do vestuário permite inúmeras abordagens, pois “[...] ela coloca todos os problemas: o das matérias-primas, dos procedimentos de produção, dos custos, das imobilidades culturais, das modas, das hierarquias sociais.”

O estudo histórico do vestuário relaciona dois níveis de realidade, o do vestir, que Roland Barthes identifica com a palavra no sistema linguístico Saussuriano, “ato individual do qual o indivíduo se apropria do que é proposto pelo grupo, ou o do traje ou vestimenta, por meio de um ponto de vista sociológico ou histórico como um elemento de um sistema formal, normativo e sancionado pela sociedade” (ROCHE, 2007, p. 58).

A relação entre o indivíduo vestido e a sociedade que propõe este código do vestir, citado por Roche (2007), pode ser observada nas grandes mudanças sociais que afetam o sistema de vestir da moda e, por comparação, nas possibilidades de difusão e recepção de informação de moda. Só se tornam fatos de moda (tendência) quando são reconhecidos por diferentes grupos sociais e se inserem em conjuntos culturais definidos por vínculos e códigos. O objetivo do vestir

é compreender as articulações normativas, em que se revelam significados e práticas sociais por meio da informação de moda. Com isso, “a vestimenta deve ser localizada em um vasto conjunto de fronteiras cambiantes, abrangendo os conflitos e aspirações da época” (ROCHE, 2007, p. 60). A moda, portanto, apresenta as relações sociais e a maneira como elas evoluem.

Desde o nascimento da moda no século XVI, a partir da sua efemeridade, são realizadas interações entre objetos e conteúdo. Essa relação - entre objetos e conteúdo - fica clara com a história do *New Look* de Christian Dior. Nesse sentido, Örmén (2014) explica que, em 1947, o estilista lançou uma coleção ousada para uma época de pós-guerra, quando o mundo se recuperava economicamente e, principalmente, psicologicamente do fato acontecido.

Para evidenciar o texto, a imagem a seguir refere-se exatamente às peças criadas por Dior, a vestimenta de moda que ficou conhecida como *New Look*, a qual simbolizou um senso de otimismo e opulência, um retorno aos tempos de prosperidade.

**Figura 10** - New Look – Dior, 1947



**Fonte:** Dior (2013).

De acordo com o contexto apresentado, Crane (2006) diz que nos entreguerras a escassez de tecidos deixou a mulher com menos curvas, valorizando

a simplicidade e a funcionalidade, já a coleção de Dior anunciava a volta do luxo e da feminilidade perdida nos tempos de guerra. Sua criação representava um desejo profundo quando as mulheres queriam ser mimadas e protegidas, além de se livrarem das responsabilidades que acumularam na década anterior.

Logo, no âmago dessa discussão, destaca-se o acervo museológico sobre o qual Gonçalves (2007, p. 122) discorre referindo-se ao anúncio dos artefatos como “bens culturais”, ao passado vivido e à história sociocultural da época e o apresenta como patrimônio cultural no que “[...] diz respeito ao seu papel mediador entre objetos e as distintas dimensões de tempo”.

Na visão de Gonçalves (2007), os objetos tridimensionais utilizados no cotidiano podem parecer banais e irrelevantes socialmente e culturalmente, no entanto, os aspectos subjetivos elevam estas peças ao *status* de patrimônio.

Diante do exposto, para entender as formas de vida social e cultural, se faz necessário considerar os artefatos por meio do vestuário que, entendido como segunda pele, “refletem a complexidade de maneiras pelas quais percebemos nossa ligação com os outros nas sociedades.” (CRANE, 2006, p. 30). Estas peças, por fazerem parte das atividades e relações habituais de uso pessoal ou social, tornam-se portadoras de memórias e significados que enriquecem narrativas e estudos.

De acordo com conceitos citados por meio de acervos de objetos de moda, é possível evidenciar a história de certa sociedade e representar estes bens históricos. Nesse sentido, na próxima seção, o objetivo é apresentar a CI como área articuladora e necessária que, acompanhada do acervo de moda, norteia os processos de representação da informação museológica.

## 5.2 A CONTRIBUIÇÃO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO PARA A MODA

Para estudar conceitos da moda, é importante incorporar análises e reflexões, a fim de entender as relações em seus múltiplos filamentos teóricos, metodológicos, históricos e historiográficos. De acordo com Bourdieu (1989), existem notáveis inseguranças em relação à efemeridade da moda, e dúvidas sobre a relevância como objeto de estudo, dado que é uma área estigmatizada por muitos intelectuais como um objeto indigno de estudo. É importante notar a defesa do sociólogo Lipovestky (2009, p. 20), que comenta: “[...] a moda é acompanhada de efeitos ambíguos; o que temos de fazer é trabalhar para reduzir sua inclinação

“obscurantista” e aumentar sua inclinação esclarecida.”

A moda pode ter melhor imagem perante o âmbito científico, sem estigmas de inferioridade, se organizada de acordo com os processos informacionais, quando pode-se demonstrar maior estabilidade.

Podemos destacar a CI, que se dedica a compreender a organização e uso da informação (BORKO, 1968). Os elementos da moda são tratados como dispositivo disciplinar, o qual teve e tem atuado na regulação e no controle das aparências dos sujeitos na corrente histórica, diferenciando e distinguindo a indumentária e os comportamentos da aristocracia e da população comum, com fundamento nas concepções de corpo, por meio da informação (SIMILI, 2012).

Simionato (2015, p. 69) comenta sobre os processos da informação na CI, de forma que é possível fazer uma relação com a moda.

[...] tratamento especializado dos recursos informacionais e da produção científica gerada, disponibiliza rapidamente aos usuários a informação almejada.... Logo, a informação precisa estar ordenada, estruturada ou inserida a alguma forma, caso contrário, ela permanecerá amorfa e inutilizável (MCGARRY, 1999), conseqüentemente sem nenhuma forma de representação.

Como visto no contexto apresentado, pode-se enfatizar a relação das áreas e a importância da CI na regulamentação dos estudos da moda. Em um museu, o acervo de moda sem o adequado tratamento, conforme exposto pela autora citada, acaba por se tornar um objeto sem função, excluindo a possibilidade de representar a informação contida.

A relação de moda com a CI proporciona um discurso histórico, econômico, etnológico e tecnológico, isto é, um sistema de signos por meio do qual o sujeito determina sua posição no mundo e sua relação com ele. Nessa perspectiva, Barnard (2003) afirma que a moda funciona como uma “sintaxe”, ou seja, como um sistema de regras mais ou menos constante, que quando regularizada nos processos de organização e representação da informação pode ser vista como prudente e reputada.

Os elos de aprendizagem entre as áreas da moda e CI podem ser determinados entre a indumentária e a implantação das representações, de forma a investigar as práticas cotidianas de vestir o sujeito histórico, por intermédio da moda ou pela iminente moda contida no objeto, com a ação de controlar e entender as articulações históricas do corpo e das aparências (SIMILI, 2012).

No ambiente museológico, faz-se necessária uma descrição detalhada e estruturada do artefato, para uma interpretação bem-sucedida. Vê-se que a leitura do objeto se passa em diversos níveis, do abstrato ao material (BENARUSH, 2012). Na medida em que a CI se relaciona com a moda, se torna natural a conexão das áreas. De outra maneira, a ênfase recai no pressuposto de que a ação de se vestir não é inocente, nem neutra, mas se caracteriza como ato social, quando pode ser analisada na perspectiva social, já colocada neste trabalho, com a visão de autores como Capurro e Hjørland (2003).

Evidentemente que esse “misto semântico” nem sempre é convergente, mas a percepção semântica de informação não implica necessariamente em desenvolver compreensões convergentes ou divergentes, concepções que promovam vazão ao sentido cognitivo dos sujeitos da informação e a realidade social em que estes sujeitos da informação estão inseridos (GOMES; SILVA, 2015, p. 148).

Pode-se constatar que no cotidiano a exposição ou exibição de vestuário de moda é extensa e diversificada e, por esta razão, a relevância social e simbólica do objeto (vestimenta) fica em segundo plano, diante disso, se torna irrelevante frente à proximidade assumida nas peças. Portanto, acompanhar o ciclo do objeto da moda, em deslocamento ao longo das fronteiras que delimitam a vida social do materialismo do patrimônio cultural, é de grande importância no âmbito da CI, na museologia e para a cientificidade da moda, extraíndo a subjetividade individual e coletiva para uma futura representação bem articulada.

A compreensão do objeto, associada a uma pesquisa historiográfica, valida o vestuário de moda historicamente, conferindo uma autenticidade. Assim, Gonçalves (2007, p. 15) confirma que:

Na medida em que os objetos materiais circulam permanentemente na vida social, importa acompanhar descritiva e analiticamente seus deslocamentos e suas transformações (ou reclassificações) através dos diversos contextos sociais e simbólicos.

O mesmo autor enfatiza que a padronização ou normatização permite compartilhar princípios éticos e práticas, e ainda promove a qualidade do serviço, reduz riscos ao acervo, apoia a colaboração e cria condições para inovação e educação. Benarush (2012, p. 116) aponta que “as roupas mostram muito mais do que formas, volumes, cores e texturas; nas roupas é possível ver também o envolvimento emocional, corporal e sensorial das pessoas que as usaram.”

A leitura da informação compreendida no vestuário de um acervo de moda confere formas de determinar conceitos referente à cultura e história de uma época ou localidade. Os museus e centros de memória carregam a função de expor, por meio de objetos históricos da moda, estas informações que quando carregadas de cientificidade têm credibilidade e autoridade, assim, induzem ao aprendizado e à representatividade do social.

### 5.3 OBJETOS DE MODA NO MUSEU

Em pesquisa relacionada à compreensão do objeto do museu como documento, pode-se perceber pontos de vista diferentes referentes ao conceito de interdisciplinaridade na área da Museologia e da CI. O conceito documentação é apresentado inicialmente por Paul Otlet, no artigo *Les sciences bibliographiques et de la documentation*, para designar um novo campo de estudo voltado não apenas aos documentos escritos e gráficos, mas também a objetos dotados de valor (LOUREIRO, 2019).

[...] constituem em seu conjunto a memória materializada da humanidade [...]” (OTLET, 1934, p. 43, tradução nossa), o que denomina “substitutos do livro”, considerando que “[...] as próprias coisas materiais (objetos) podem ser vistas como **documentos**, uma vez erigidas como elementos sensíveis diretos de estudo ou prova de uma demonstração.” (OTLET, 1934, p. 217 *apud* LOUREIRO, 2019, p. 15, tradução nossa, grifo nosso).

Ainda dispõe do mesmo pensamento o autor Maroević (2000, p. 6) que considera o “objeto do museu - como documento de uma certa realidade, resultado da habilidade humana, produto da natureza, ou como evidência - é sem dúvida um elemento da informação de base do conhecimento humano”. Em contribuição para o bom entendimento, em recente artigo Loureiro (2019, p. 17) aponta que “além dos “documentos por intenção”, criados com o objetivo de documentar, existem os “documentos por atribuição”, objetos tornados documentos por aquele que busca uma informação e reconhece neles um significado”.

Diante dos fundamentos citados, investiga-se o objeto de moda no museu como documento de contexto histórico. Rabello (2009) diz que “a materialidade sociocultural, simbólico-burocrática e políticas de informação compõem aspectos

teóricos fundamentados, respectivamente, no âmbito da teoria da cultura material, da burocracia e dos regimes de informação.”

Pomian (1984) fala dos objetos como classes funcionais e explica como se dá suas funções e sua utilização, afirmando que “A função de um objeto, está inscrita na sua aparência e é por esta tornada visível, [...] quanto ao emprego, deixam em geral vestígios, que modificam em graus variáveis estes ou outros aspectos da aparência original” (POMIAN, 1984, p. 79).

Portanto, é possível considerar que o vestuário cabe na descrição de objeto feita pelo autor. Ainda quanto ao emprego dos objetos, o autor diz que a funcionalidade do objeto pode se modificar de tal forma a sofrer transfigurações de aparência, por motivos de tempo ou espaço e por ter desenvolvido uma história. Este objeto é designado como “coisa”, segundo o autor, por sua funcionalidade e maleabilidade (POMIAN, 1984).

Pomian (1984) afirma também que quanto mais utilidade um objeto possui, menos significado a ele é atribuído. E quanto mais significado o objeto abranger, menos utilidade prática ele terá. O autor separa “coisa” (objeto com utilidade) de “semióforo” (objeto com significado). Como forma de exemplificar, é possível comparar a camiseta branca com o vestido de noiva branco. Pode-se dizer que a camiseta tem o significado universal de informalidade e outros adjetivos do termo, sendo utilizada provavelmente dezenas de vezes ou até chegar ao seu desgaste, já o vestido de noiva branco tem o simbolismo para grande parte da cultura ocidental de pureza, oponência, realização, sofisticação, união, entre outros, porém, é utilizado, na maioria dos casos, uma única vez.

A moda deve ser considerada relevante por seu poder de consumo, efemeridade e moralidade e quando apontada como um conhecimento histórico cultural de aparências, revela histórias que guardam memórias, pudores, sonhos de um tempo passado, distinguindo o momento social vivido por um povo, portanto, relevante como cultura material e transformação social. “Compreender a moda implica, por conseguinte, compreender a mudança social” (GODART, 2010, p. 30).

Na pré-história, com a roupa e, mais adiante, com a moda, a vestimenta esteve presente em todos os períodos da sociedade, determinando o equilíbrio de formas normativas de cada época e, a partir da criação das modificações, numa configuração de contestação sociocultural. Consequentemente, a pesquisa da moda surge na história pela análise das formas, pelas diferenças de silhuetas e de fatos

externos extraídos da história geral. Barthes (2005) diz que a história da indumentária é vista como um sistema, que é o conjunto axiológico (imposições, proibições, tolerâncias, aberrações) que a constitui.

O mundo contemporâneo relaciona a dinâmica social e produtiva da moda já enraizada com o processo de significação do corpo vestido, que é conduzido pela imitação e a diferenciação, entre o indivíduo e a sociedade. Godart (2010) afirma que isto refere-se a um conjunto de instituições que produzem vestuários portadores de significados, dos quais os indivíduos utilizam para suas reparações identitárias. Portanto, a moda se alimenta de sinais identitários para desenvolver seus fenômenos fundamentais de imitação e diferenciação, que funcionam para a formação do elo social, ou da ligação entre os seres.

Desde o início do capitalismo até a atualidade, o sistema da moda funciona como recurso de renovação do vestir, que é sazonal e transitório. As estações do ano induzem psicologicamente a um comportamento coletivo previsível, quando consumir a moda e participar desse mundo mostra um acordo firmado com o processo que foi indicado. O mistério da moda está na unicidade do fenômeno, na emergência, [...] “a moda é formação essencialmente sócio-histórica, circunscrita a um tipo de sociedade.” (LIPOVESTSKY, 2009, p. 24).

A vivência do vestir como uma manifestação ou fato social atual incide em uma variedade de estímulos na vida cotidiana, instigando um acontecimento perceptivo, que provém da condição corpo/vestir. Todos os arranjos sociais, culturais e ideológicos moldam uma identidade individual, que está inscrita e se manifesta no corpo, que produz sentido continuamente por meio da imagem (BURATTO; FORNASIER, 2017).

Nesse contexto, os museus são espaços privilegiados de conhecimento e educação continuada, além de desempenhar um papel importante de informação no campo da cultura por meio da exposição do seu acervo. O visitante ganha o poder de relacionar a sua imagem a algo de tempos passados, apropriando-se da informação e do conhecimento adquiridos com o acervo, que leva a um pertencimento. “Via imitação dos mesmos modelos do passado, as gerações continuam a se parecer e formam uma sociedade una. A preeminência da tradição é uma constante social, um imperativo do elo de sociedade, quaisquer que sejam as transformações da moda” (LIPOVESTSKY, 2009, p. 313).

Assim, fica exposto que a moda é uma produção e uma reprodução permanente do social: “o vestuário é sempre implicitamente concebido como o significante particular de um significado geral que lhe é exterior (época, país, classe social)” (BARTHES, 2005, p. 262). Dessa maneira, pensando no acervo de moda como patrimônio por meio do objeto tridimensional, o vestuário revela, além das preferências estéticas, detalhes técnicos e tecnológicos de uma época, de uma identidade cultural e social, tornando-se uma fonte de produção de conhecimento.

Os objetos contidos num acervo de museu são o meio pelo qual a identidade social cria corpo e relevância, pois o que é próprio do documento são as “[...] ideias ou objetos e que informam. Nessa definição fica muito claro que o documento deixa de ser concebido como um objeto auto-referenciado, passando à condição de representante de ideias ou objetos” (ROBREDO, 2011, p. 20).

A atribuição de significado natural da informação contida no documento é o que concede o valor, uma vez que a informação como coisa se refere aos objetos que são informativos em suas características físicas.

Nessa perspectiva, o objeto só se torna um documento quando existe nele uma informação científica, visto que “a informação contém a possibilidade do conhecimento necessário à ação dos grupos e indivíduos na sociedade” (FREIRE, 2002, p. 11). Conseqüentemente o documento pode ser qualquer objeto que contenha uma informação, este se torna resultante da produção de um conhecimento específico ou da apropriação de um certo conhecimento.

A moda como artefato histórico desempenha funções identitárias no campo das ciências sociais, expressando simbolicamente as identidades individuais e sociais, constituindo importantes transformações econômicas e culturais e conduzindo ao conhecimento. Baudrillard (2008) escreve que todo objeto tem duas funções: uma é ser utilizado e a outra é ser possuído. “O objeto estritamente prático toma um estatuto social. Ao contrário, o objeto puro, privado de função ou de seu uso, toma um estatuto estritamente subjetivo: torna-se objeto de coleção” (BAUDRILLARD, 2008, p. 94).

Percebe-se que os objetos não são completos de significados puro, como se o valor fosse algo permanente, ao contrário, os mecanismos para categorizar essa valoração dos objetos são eventuais, podem desencadear, ou não, um processo de rememoração afetiva e apropriação do conhecimento, por meio da transformação científica e cultural das redes de conhecimento. Não existe nenhuma

linguagem capaz de sintetizar ou concentrar a total concepção universal da neutralidade, já que os seres são pensantes e munidos de personalidades e memórias capazes de interpretar.

Assim, o museu exerce um olhar social sobre a informação, por meio dos seus objetos, coletando, conservando e expondo, já a memória desses objetos está na forma de exposição dentro desta instituição. “A memória herdada não se refere apenas à vida física [...] (a memória) sofre flutuações que são funções do momento em que ela é articulada, em que está sendo expressa.” (POLLAK, 1989, p. 4).

O potencial dos museus como lugares de memória e identidade indica a instituição com atribuições de acomodar objetos, ou como lugares de esquecimento, inseridos em esquemas de poder, de tensões e disputas sobre as memórias que podem ser interpretadas e representadas, de acordo com a cultura visual individual.

Dessa forma, a preservação e a divulgação de memórias acabam enraizadas nos objetos e, diante disso, o espaço do museu tem a atribuição de preservar com eficiência e fazer a gestão do acervo, quando permite que os objetos sigam para o sentido da emissão do conhecimento, de passar informações cognitivamente inteligíveis para todos os públicos, de valor imensurável.

Com base no exposto na revisão de literatura, percebe-se que estudar as relações da museologia e CI foram fundamentais no processo de interconexão dos campos científicos, exaltando a importância do acervo museológico para a sociedade e para disseminar a informação como meio de aprendizagem.

A CI foi basilar para o entendimento da gestão da informação e gestão do conhecimento consideradas como um processo de produção e utilização da informação e com suas relações museológicas e desdobramentos de gestão interna para representação dos documentos de museu. A importância da representação e organização da informação, assim como seus desdobramentos dos elementos informacionais de catalogação e classificação, completaram a base teórica fundamental para o entendimento da relação da CI, museologia e moda, que foi conceituada por meio da sua historicidade e fator sociocultural, identificando a contribuição da CI para o campo, por meio do objeto de moda no museu.

Com intenção de responder à problematização deste trabalho, que é saber qual a relação da Museologia com a Ciência da Informação pelo viés da gestão da informação para compartilhamento do acervo de vestuário de moda do Museu Histórico de Londrina, uma pesquisa de campo no ambiente do museu foi

essencial para atingir os propósitos colocados. No próximo capítulo, refere-se a todo o percurso metodológico empregado como sustentação neste estudo.

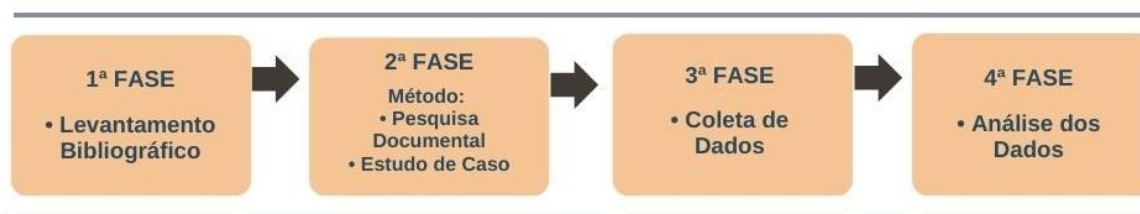
## 6 PERCURSO METODOLÓGICO

Este capítulo tem o propósito de apresentar o percurso metodológico adotado para o desenvolvimento da pesquisa. Foram considerados os conceitos referentes ao tipo de pesquisa, a abordagem adotada, os métodos, bem como os instrumentos e os procedimentos de coleta e análise de dados. Logo, para um bom desenvolvimento metodológico e o alcance dos objetivos, foi realizada primeiramente uma compreensão teórica dos temas basilares da pesquisa.

Tendo em conta o que foi abordado e apresentado na Revisão de Literatura, no cenário contemporâneo, há necessidade de estudos em torno dos processos processo de gestão da informação do acervo de moda, pois eles têm o desafio de coletar, organizar, processar, distribuir e analisar um volume exponencial de informações obtidas de diferentes fontes.

Para entender e visualizar os procedimentos metodológicos desta dissertação, a configuração da pesquisa e os processos adotados em cada etapa do estudo, foi desenvolvida a figura a seguir.

**Figura 11** - Procedimentos metodológicos de natureza qualitativa exploratória



**Fonte:** a própria autora (2020).

Com base na Figura 11 apresentada, este estudo é composto por quatro grandes fases que compõem os procedimentos metodológicos de natureza qualitativa exploratória. Cada fase tem sua importância e o propósito de contribuir para o alcance dos objetivos da pesquisa. Na primeira fase, como ponto de partida, realizou-se o levantamento bibliográfico que é o processo inicial para o entendimento dos conceitos basilares envolventes no tema em tese. Já na segunda fase, na pesquisa exploratória, foi executada a pesquisa documental e realizado o estudo de caso, ambos como métodos adotados. A continuação para a terceira fase permitiu a coleta dos dados e, por fim, na quarta e última fase, efetuou-se a análise

dos dados obtidos.

### 6.1 PRIMEIRA FASE: LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

A realização do levantamento bibliográfico é o ponto de partida para pesquisas científicas, por meio da etapa de escolha do tema e do assunto abordado. Assim, nesta pesquisa, durante esta etapa, foram identificados os materiais relacionados ao tema da pesquisa, os autores com ideias coincidentes e se definiram quais as teorias norteadoras. Uma investigação das produções bibliográficas relacionadas ao assunto, que são adotadas como fonte de informação. De acordo com o entendimento de Gianfaldone e Moroz (2006, p. 29), “O conhecimento daquilo que já está disponível fornece, em geral, boas sugestões quanto às técnicas de pesquisa mais adequadas à investigação poupando esforços significativos.”

Esta ação de investigação viabilizou o contato com o material bibliográfico e permitiu a organização e a formulação de sínteses de leitura, quando foi possível verificar a viabilidade e as limitações do estudo, a definição dos objetivos, do método e dos processos a empregar no trabalho como: amostra, instrumentos, procedimentos e técnicas de pesquisa (FREITAS; PRODANOV, 2013).

Nessa perspectiva, Gianfaldone e Moroz (2006, p. 31), ressaltam que “O levantamento bibliográfico, como qualquer outra etapa da realização de um trabalho científico, é fruto de uma atividade metódica.” Logo, com a definição dos conceitos que esclarecem as atividades da etapa de levantamento de dados, segue a ilustração com a listagem de fontes e temas fundamentais na presente pesquisa:

**Figura 12 - Fontes de dados**



**Fonte:** a própria autora (2020).

Essa primeira etapa é uma importante fase para buscar informações prévias sobre a área de estudo, tem como propósito formalizar os conceitos que envolvem os próximos passos, por meio do resultado obtido com os temas pesquisados nas fontes de informação. Desta maneira, foi basilar para dar seqüência à fase seguinte, exploratória.

## 6.2 SEGUNDA FASE: EXPLORATÓRIA

Neste trabalho, a fase mais ampla é classificada como exploratória, tem como “[...] objetivo proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato” (GIL, 2008, p. 27). Gil (2008) menciona ainda que a pesquisa intenciona levantar problemas com precisão, aprimorar ideias, envolver entrevistas ou ainda formar hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores.

A pesquisa exploratória usualmente, segundo o conceito de Lakatos e Marconi (2002, p. 85), tem investigação de pesquisa empírica por se tratar de contemplações uma vez que:

Empregam-se geralmente procedimentos sistemáticos ou para a obtenção de observações empíricas ou para as análises de dados

(ou ambas, simultaneamente). Obtêm-se frequentemente descrições tanto quantitativas quanto qualitativas do objeto de estudo, e o investigador deve conceituar as inter-relações entre as propriedades do fenômeno, fato ou ambiente observado.

Nesta dissertação, foi adotada a pesquisa exploratória por possibilitar o aprofundamento, uma relação da investigação das questões teóricas comparada ao fenômeno estudado. Os autores Bauer e Gaskell (2018, p. 26) complementam relatando que “[...] o estágio exploratório do processo de pesquisa, tem a finalidade de explorar distinções qualitativas, a fim de se desenvolver mensurações [...] ou sensibilidade com o campo de pesquisa.”

Deste modo, e cientes que este estudo contempla dados subjetivos, como valores, opiniões, crenças, culturas, dentre outros, definiu-se por uma abordagem de pesquisa de natureza qualitativa, que lida com objetos complexos que correspondem a fatos ou fenômenos que não podem ser quantificados ou analisados numericamente. A abordagem qualitativa, segundo Bauer e Gaskell (2018) é uma explicação e interpretação profunda sobre um assunto obtido como resultados de questões ou entrevistas.

Dentro das opções de métodos de pesquisa no contexto da pesquisa qualitativa de natureza exploratória, optou-se pela pesquisa documental (GIL, 2008) e o Estudo de caso (YIN, 2001).

De acordo com a orientação de Gil (2008, p. 50), a pesquisa bibliográfica “é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados senão com base em dados secundários.” O mesmo autor aponta a facilidade de buscar informações por meio de bibliografias, como um benefício importante e estratégico já que em loco não seria possível uma abrangência considerável.

Na perspectiva de análise das autoras Marconi e Lakatos (2002, p. 123), a pesquisa bibliográfica não é somente uma repetição do que foi publicado sobre certo assunto, “visto que propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras,” quando for realizada a análise dos dados.

Desse modo, primeiramente trata-se as referências citadas das teorias ou conclusões de outros autores para demonstrar a pertinência do assunto, em seguida, se destaca o método de pesquisa utilizado, o estudo de caso, que possibilita uma avaliação de forma a propor uma ação transformadora.

A escolha pelo método de estudo de caso se justifica no desejo de compreender fenômenos sociais complexos, como as evidências sociais do acervo de vestimentas de um museu histórico. Tal decisão foi tomada porque se leva em consideração o que Yin (2001) descreve. O referido autor considera que o estudo de caso permite uma investigação para se preservar as características gerais e significativas dos eventos sociais retratados no artefato. Yin (2001) aponta ainda que o método de estudo de caso tem a capacidade tratar de forma sólida e relevante a variedade das evidências pertencentes à técnica.

A partir dessa perspectiva, foi utilizado o método de estudo de caso, “que é uma investigação empírica de um fenômeno contemporâneo em seu contexto de mundo real” (YIN, 2001, p. 17), a ser realizada no MHL, por meio da qual se descrevem como se realizam o registo das peças do vestuário doadas e qual é o processo de arquivamento das mesmas, seguindo um conjunto de procedimentos pré-estabelecido. O estudo de caso não segue uma linha rígida na investigação, no entanto, é bem delimitado e definido e visa identificar um conhecimento aprofundado de uma realidade (YIN, 2001).

A pertinência do método estudo de caso nas pesquisas exploratórias se relaciona a algumas vantagens na escolha, como o estímulo às novas descobertas, a ênfase na totalidade e a simplicidade dos procedimentos, ressalta Gil (2008).

A seguir, tem-se a discussão acerca da técnica de coleta de dados que possibilita a realização de inferências, que apoiarão as considerações e conclusões da pesquisa. Cabe ressaltar que esta técnica oferece perspectivas possíveis para que se alcance a familiaridade com o ambiente, o que enriquece a investigação.

### 6.3 TERCEIRA FASE: COLETA DE DADOS

Nesta fase, a importância dos dados está em proporcionar respostas às várias investigações. Para a estratégia do método estudo de caso, existe a necessidade de diversas fontes de evidência, portanto, utiliza-se a técnica de pesquisa documental e a entrevista, que objetivam mais assertividade na realidade analisada (GIL, 2008).

A análise documental de registros de arquivos é o primeiro procedimento de coleta de dados prevista para ser utilizada. A pretensão é identificar quais são os documentos de arquivo registrados a partir da entrada de uma peça de vestuário

para o acervo e analisar a forma e contexto histórico social de algumas peças do acervo de moda. A justificativa para este procedimento é que os registros podem ser importantes porque se transformam em uma ampla restauração e análise e devem ser avaliadas por completo, a fim de interpretar a utilidade de quaisquer registros arquivados (YIN, 2001).

De acordo com os conceitos de Yin (2001), a técnica de entrevista permite a compreensão do universo da pesquisa e das peculiaridades do trabalho do entrevistado. A criatividade e maleabilidade do procedimento de coleta de dados, respeitou os pontos que melhor contribuíram para a discussão e ênfase a esses, já que, ao longo da entrevista, surgiram novas perguntas e fontes de evidência. “O emprego da entrevista qualitativa para mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes é o ponto de entrada para esquemas interpretativos para compreender narrativas”, confirmam as autoras Bauer e Gaskell (2018, p. 65).

Para conhecer a importância social e as estratégias em possuir um acervo de vestuário, tem-se em vista uma entrevista com a diretora do MHL e, por fim, para identificar as dificuldades operacionais do museu, pretende-se realizar a entrevista com o responsável técnico do acervo.

**Figura 13 - Sequência de coleta de dados**



**Fonte:** a própria autora (2020).

Nesta terceira etapa, foi justificável ter como base a primeira fase referente à execução da pesquisa exploratória, que ofereceu subsídios teóricos para a formulação do processo aqui citado, o qual objetiva mensurar de forma precisa e realizada com rigor, por meio de conceitos já explicitados, a realidade única do ambiente do caso estudado.

### 6.3.1 Instrumento para Coleta de Dados

A definição da organização museológica de análise ocorreu em virtude de um conhecimento prévio da pesquisadora. Como voluntária em um projeto de pesquisa do curso de Design de Moda da UEL, teve acesso ao acervo de moda contido como reserva técnica no MHL.

As técnicas de coleta de dados foram: análise documental e entrevistas e os instrumentos foram caderno de anotação, ficha de produto e roteiro para as entrevistas semiestruturadas.

Para trabalhar os dados contidos nas peças de moda do acervo e com base na ficha de Vasques (2018), foi desenvolvido um modelo de ficha técnica com objetivo de inserir em um único registro os seguintes dados: a fotografia da peça escolhida, os detalhes de documentação, a descrição da peça e o levantamento do contexto histórico. A referida ficha de produto (ilustrada na Figura 14) poderá ser utilizada como documento base para pesquisas interdisciplinares.

**Figura 14 - Ficha de produto**

O diagrama ilustra a estrutura de uma ficha de produto, dividida em seções principais:

- Seção Superior:** Possui dois campos para "foto do acervo de moda" e "foto da época". Abaixo, um campo para "NOME DA PEÇA" em letras grandes e negritadas.
- Seção de Documentação:** Localizada no lado esquerdo, contém campos para: "Nº de documentação:", "Denominação:", "Época:", "Vigência de moda:", "Etiqueta:" e "Caracterização de materiais:".
- Seção de Contexto Histórico:** Localizada no lado direito superior, com o título "CONTEXTO HISTÓRICO".
- Seção de Descrição Física:** Localizada no lado esquerdo inferior, com o título "DESCRIÇÃO FÍSICA".
- Seção de Fotos Reais:** Localizada no lado direito inferior, com o título "fotos reais da época".
- Seção de Decada:** Localizada no lado esquerdo inferior, com um campo para "foto da peça do acervo de moda" e o texto "DÉCADA XXXX" em uma fonte decorativa.

**Fonte:** a própria autora (2021), baseado em Vasques (2018).

As entrevistas semiestruturadas tiveram o propósito de facilitar a condução do diálogo entre pesquisador e pesquisado, no caso deste trabalho os representantes do MHL. Os temas para a entrevista foram criados com intenção de colaborar no objetivo específico desta dissertação de verificar o processo de disponibilização do acervo de moda do museu por meio dos elementos da gestão da informação.”

Coube, neste instrumento, novos questionamentos em decorrência de novos prognósticos levantados em virtude das reflexões e experiências provenientes dos pesquisados, o que de fato consiste no conteúdo total da pesquisa.

Em seguida, apresenta-se o roteiro pré-estabelecido, que serviu de base para as entrevistas que foram realizadas.

**Figura 15** - Roteiro para entrevista com funcionário técnico (entrevistado 1) e com a diretoria do MHL (entrevistado 2)

ENTREVISTADO 1	ENTREVISTADO 2
<p><b>OBJETIVOS</b></p> <p>ANALISAR OS PROCESSOS INTERNOS REFERENTES AO ACERVO DE VESTUÁRIO.</p>	<p><b>OBJETIVOS</b></p> <p>IDENTIFICAR METAS E OBJETIVOS DA INSTITUIÇÃO PARA O ACERVO DE MODA.</p> <p>VERIFICAR COMO OS PESQUISADORES/USUÁRIOS PODEM UTILIZAR O ACERVO DE MODA.</p>
<p><b>QUESTÕES</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. QUAIS AS DIFICULDADES NA ORGANIZAÇÃO E PROCESSOS;</li> <li>2. COMO É REALIZADA A CONSERVAÇÃO DO ACERVO DE MODA;</li> <li>3. QUAL O MEIO PARA ACESSO AO USUÁRIO;</li> <li>4. QUAIS AS REGRAS E NORMAS PARA PESQUISA.</li> </ol>	<p><b>QUESTÕES</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. QUAL O OBJETIVO DO MUSEU COM O ACERVO DE MODA</li> <li>2. QUAL IMPORTÂNCIA DO ACERVO PARA O MUSEU</li> <li>3. QUAIS PROJETOS PREVISTOS PARA O ACERVO</li> <li>4. QUAL A POSSIBILIDADE DE ACESSIBILIDADE E USO PARA EXPOSIÇÕES E PESQUISA.</li> </ol>

**Fonte:** a própria autora (2020).

#### 6.4 QUARTA FASE: ANÁLISE DOS DADOS

Na última etapa da pesquisa, foram trabalhados os procedimentos adotados para analisar os dados. Esta etapa é importante, pois, partir dela, apresenta-se os resultados e as considerações do estudo, já entendidas como final ou parcial, com margem para futuras pesquisas.

Segundo a teoria apresentada por Bardin (2016, p. 13), “A análise de conteúdo é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática do conteúdo manifesto da comunicação.” Sendo o tratamento descritivo analítico uma fase desta análise, que auxilia na descrição das principais informações existentes e em observar situações que levam a novos fatos, baseados nas pesquisas e nos dados coletados.

Assim sendo, o procedimento escolhido que foi utilizado para a análise dos dados coletados na pesquisa é baseado na análise de conteúdo seguindo os procedimentos da análise descritiva analítica: “A descrição analítica funciona segundo procedimento sistemático e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens... portanto, de um tratamento da informação contida nas mensagens” (BARDIN, 2016, p.43).

A mesma autora pondera o mais importante na análise descritiva e a preservação da totalidade da unidade social, ou seja, o desenvolvimento de tipologias. Complementa, ainda, que o processo de análise e interpretação, geralmente, se relaciona com diversos modelos e na pesquisa de estudo de caso tem natureza predominantemente qualitativa (BARDIN, 2016).

Para que não aconteça problemas de interpretação dos dados, Bardin (2016) sugere que o pesquisador desenvolva no início da pesquisa um quadro de referencial teórico, a fim de evitar especulações na análise. Como uma estratégia analítica desenvolvida por meio de estrutura descritiva, utilizando técnicas para organizar e dispor as evidências do estudo de caso.

Assim, a análise descritiva dos dados teve o designo de apresentar a mensagem que geralmente fica em segundo plano, buscando outros significados intrínsecos nos dados coletados nos procedimentos, pois a rápida mudança social e as diferentes perspectivas fazem com que o pesquisador investigue não somente os dados, mas a essência e as percepções nas pesquisas.

Na pesquisa, realizou-se a combinação de diferentes perspectivas: a triangulação dos dados, que significa olhar para o tema pesquisado a partir de dados retirados da literatura, e dos dados coletados, para enriquecer, justificar e corroborar com o problema de pesquisa (YIN, 2001).

Para complementar, a autora Bardin (2016, p. 50) esclarece que “pode utilizar uma ou mais operações de modo a enriquecer os resultados ou aumentar a validade, aspirando uma interpretação final fundamentada.” É perceptível que

quando os dados são coletados, de diferentes ângulos, podem ser usados para justificar e corroborar com o problema de pesquisa, é importante também, pois limita os olhares pessoais e metodológicos, trazendo mérito para os resultados a serem coletados (BARDIN, 2016).

A realização deste trabalho e os procedimentos utilizados para a elaboração da pesquisa incluíram: seleção de peças do acervo, análise documental e visual, fotos, descrição dos documentos e da pesquisa com o objetivo de verificar a melhor forma para disponibilizar o acervo constituindo o propósito da pesquisa.

## 7 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Para constituir este capítulo foram consideradas as etapas do desenvolvimento da pesquisa, de outro modo, um plano para compilar e analisar os dados coletados, as informações processadas e os conhecimentos apreendidos no estudo de caso, além das análises descritivas das informações examinadas por meio dos documentos e entrevistas. Dessa forma, o objetivo foi compreender o processo de gestão da informação do acervo de moda no âmbito do MHL.

Vale ressaltar a relevância do assunto, pois a comunicação do usuário com o acervo pode intermediar a geração do conhecimento. Um acervo não só simboliza os valores da época, mas ajuda a construir a memória coletiva da sociedade, quando demonstra, além da representação física, o passado histórico e, portanto, o confere a função de fonte e suporte informacional.

O *locus* do estudo foi a instituição Museu Histórico de Londrina Pe. Carlos Weiss (MHL), criado em 1970, por iniciativa de professores e alunos do curso de História da UEL, e que tinha sede no Colégio Estadual Hugo Simas. Alguns anos depois da inauguração, passou a ser um órgão suplementar da UEL e, no ano de 1986, mudou-se para o prédio histórico da antiga ferroviária de Londrina.

O MHL desenvolve ações para salvaguarda do patrimônio histórico da cidade e região, subsidiando ainda as atividades acadêmicas da UEL e integrando ensino, pesquisa e extensão no campo da História e áreas afins.

A instituição detém um acervo representativo e o expõe em uma galeria histórica permanente, uma galeria de mostra temporária, biblioteca e setor de documentação. O acervo fica dividido nos setores de imagem e som, reunindo 700 mil artigos, e o de objeto tridimensional, que dispõe de 8100 objetos, sendo 480 destas peças de vestuário social.

A pesquisa ocorreu entre os meses de abril e maio de 2021. Por se tratar de um período de pandemia, não foi possível realizar a pesquisa *in loco*, assim a coleta de dados da pesquisa foi realizada por meio de análise de documentação do acervo e da análise das peças do acervo de forma virtual. Também de forma virtual ocorreram a pesquisa de fatos do contexto histórico da cidade de Londrina e as entrevistas semiestruturadas. Portanto, esta discussão foi constituída a partir de uma análise visual dos arquivos digitais disponibilizados pelo MHL. Os documentos solicitados ao museu para a investigação documental foram fotografias digitalizadas

do acervo e documentação também de forma digitalizada.

Conforme já apresentado anteriormente no capítulo que descreveu o percurso metodológico, a pesquisa foi realizada em quatro grandes etapas. O início, ou seja, a *primeira etapa*, se deu por um levantamento bibliográfico que foi basilar para a construção do referencial teórico e para responder à questão norteadora da pesquisa: Qual a relação da Museologia com a Ciência da Informação pelo viés da gestão da informação para compartilhamento do acervo de vestuário de moda do Museu Histórico de Londrina?

A *segunda etapa* teve como método a pesquisa documental e o estudo de caso, a *terceira etapa* envolveu a coleta de dados com objetivo de compreender as teorias e conceitos abordados de forma prática no universo do museu, e, finalmente, a *quarta etapa* tem como finalidade uma investigação com descrição objetiva, sistemática das informações manifestadas na comunicação.

Vale ressaltar que os fluxos informacionais estudados no referencial teórico foram ferramentas necessárias para que os dados coletados contribuíssem com a pesquisa, convertendo-as em informações estratégicas, quando forneceram subsídios fundamentados para a análise. “Fez-se necessário estabelecer condutas que permeiem as ações de recolher, tratar, armazenar e recuperar as informações, o que caracteriza a gestão da informação” (PUPIM, 2010, p. 70).

O processo da análise de dados foi dividido em duas fases, sendo a primeira denominada pesquisa exploratória qualitativa – análise do acervo, que teve intuito de alcançar o objetivo de: identificar os elementos da gestão da informação para representação e organização da informação específicos para acervo de moda e ainda expor todo o processo de criação deste documento. A segunda etapa, denominada pesquisa exploratória e qualitativa – que ocorreu por meio das entrevistas semiestruturadas realizadas com os servidores da instituição do museu -, tem a finalidade de cumprir o objetivo específico de estudar o processo de disponibilização do acervo de moda do museu por meio dos elementos da gestão da informação. Relembrando que essas etapas fazem parte do estudo de caso feito no MHL.

De modo geral, com base no acervo contido em reserva técnica, nos documentos coletados, bem como nas entrevistas, buscou-se desenvolver uma análise, permeada por teorias que fundamentam a CI e a Museologia, bem como utilizando os conceitos da História Social da Moda, que possibilitem a compreensão

do universo ao qual pertence o objeto foco desta pesquisa, ou seja, as peças de vestuário do acervo de moda do MHL.

## 7.1 PESQUISA EXPLORATÓRIA QUALITATIVA – ANÁLISE DO ACERVO

Realizou-se o estudo de caso no MHL, uma pesquisa exploratória qualitativa, quando se relacionam os dados obtidos durante a investigação de campo virtual com as teorias abordadas. Os elementos do conteúdo documental consistem em levantamento das peças de vestuário de moda e na documentação existente para se adquirir dados e informações necessárias para embasamento e análise do acervo, que poderão estabelecer diretrizes para as possíveis respostas aos objetivos desta pesquisa.

### 7.1.1 Seleção do Acervo Vestuário

Os primeiros dados que o museu disponibilizou virtualmente foram 50 fotografias do acervo de vestuário de moda, que se encontra registrado como reserva técnica na instituição. Este número foi definido a partir da escolha do funcionário responsável, considerando que as peças têm representatividade por terem pertencido às famílias pioneiras tradicionais da cidade de Londrina.

Diante deste montante, foi necessária a criação de critérios para a escolha das peças para análise de descrição analítica. Com base no livro *A roupa e a Moda*, de Laver (1989), e com a experiência e estudos anteriores relacionados à História Social da Moda, ficou definida a separação das peças por décadas como o primeiro critério de escolha. Foram consideradas as seguintes características que evidenciam as décadas em cada uma das fotografias disponibilizadas, como a forma do vestuário, o material utilizado e a cor de cada peça, conforme apresentado na figura a seguir.

Figura 16 - Acervo x Década

CARACTERÍSTICAS DA MODA VIGENTE: forma/ material / cor			
DÉCADAS	QUANTIDADE DE CARACTERÍSTICAS		
	1 CARACTERÍSTICA	2 CARACTERÍSTICAS	3 CARACTERÍSTICAS
1930	1		2
1940		1	
1950	1		1
1960	1		3
1970	2		
1980		2	3

Fonte: da autora (2021).

Visualizando o quadro acima acervo x década, fica perceptível que, do total de fotografias disponibilizadas pelo museu para pesquisa, 17 peças se caracterizaram de acordo com forma, cor e material como vestuário de moda. Dentre estas, 9 peças possuíam todas as características da moda vigente da respectiva década, conforme os critérios estabelecidos. Dessa forma, estas peças do acervo foram pré-selecionadas, sendo elas: 2 vestidos com formas, materiais e cores evidentes da década de 1930; 1 vestido característico da década de 1950; 1 casaco e 2 vestidos com as características da década de 1960; 1 vestido e 2 conjuntos de saia e blusa com características vigentes da década de 1980.

A primeira etapa foi relevante para separar o acervo disponibilizado em peças do vestuário de moda das peças de indumentárias (uniformes, batinas religiosas, fantasias e trajes típicos), as quais não possuíam representatividade para essa fase do estudo.

Definida a década de cada peça do vestuário de moda, deu-se início à segunda etapa de escolha do acervo para análise descritiva. Para tanto, foram estipulados elementos considerados importantes como qualidade da imagem fotográfica, quantidade de fotografias disponibilizadas e relevância social da moda ou para qual ocasião a peça era destinada. Também foram balizadas as condições

do material fotográfico como precário, bom e ótimo. A seguir, a figura que indica os elementos e as condições utilizados para a escolha do acervo de moda para a análise descritiva.

**Figura 17 - Condições x Elementos**

<b>ELEMENTOS CONSIDERÁVEIS</b>			
	QUALIDADE	QUANTIDADE	RELEVÂNCIA SOCIAL DA MODA
CONDIÇÕES	NITIDEZ/ ÂNGULO	NÚMERO DE IMAGENS	OCASIÃO DE USO
PRECÁRIO	DESFOCADO, ÂNGULO LATERAL	1	USO COTIDIANO
BOM	FOCO E ÂNGULO CENTRAL	3	USO FORMAL
ÓTIMO	FOCO, ÂNGULO CENTRAL E COSTAS	5 OU MAIS	USO CARACTERÍSTICO

**Fonte:** da autora (2021).

Após colocar todas as peças de vestuário pré-selecionadas do acervo nos critérios apresentados no quadro condições x elementos, 4 fotografias apresentavam boas e ótimas condições de análise, sendo, por fim, definidas as peças para a análise: 2 vestidos e 1 casaco de uso formal e 1 vestido de uso característico de casamento, ou um vestido de noiva.

Sem dúvida houve dificuldade na definição dessas décadas, principalmente por não contar com o contato físico das peças, inviabilizando o sentido do toque real dos tecidos, o entendimento da modelagem por seu volume e recortes e a visualização real das cores, quando se consegue identificar os aspectos de danos do tempo. Esta fase se caracterizou como a mais significativa e inquietante, por se tratar do objeto da pesquisa de forma virtual e demandou tempo para leitura dos documentos fotográficos e interpretação das informações contidas no objeto de estudo. No entanto, foi satisfatória e importante para apontar a forma virtual de análise, que pode gerar conhecimento, principalmente em um momento com limitações e restrições.

É compreensível que a forma de análise virtual pode não corresponder ao período correto, mesmo embasado na literatura e experiência na área, assim, verificar somente a fotografia de registro não concede garantias de época exata, por isso, foi importante a decisão por verificar fotografias reais do uso da peça, para entender mais sobre o contexto e a época em que foi usada.

A roupa, quando vira memória, evidencia trajetórias cotidianas e propõe reflexões que devem ser comparadas às suas representações textuais e imagéticas. Nos periódicos, em artigos, fotos, ilustrações e pinturas de época, é possível comprovar se as roupas que sobrevivem estão de acordo com o ideal estético proposto; se condizem com a voga ou se fazem parte de uma subcultura, de uma antimoda. (BENARUSH, 2013, p. 6).

Portanto, com base no apresentado, entende-se a importância da comparação das imagens fotográficas de registro disponibilizadas pelo MHL com fotografias reais, tanto do usuário doador do acervo ou de usuários reais em eventos condizentes com a ocasião de uso, que foram determinadas na segunda etapa da análise descritiva.

Assim, na terceira e última etapa do processo de definição das peças do acervo utilizadas na pesquisa, buscou-se em sites de jornais e revistas da época, periódicos e arquivos de fotografia, imagens reais de mulheres das épocas determinadas de 1930, 1950, 1960 e 1980 em ocasiões de uso formal e característico.

De acordo com a época estimada de cada peça escolhida, a pesquisa online por fotos reais foi realizada com intuito de comprovar o uso da forma da moda no contexto nacional e local. Lipovetsky (2009, p. 227) aponta que "... a moda era muito mais do que uma instituição frívola: forma de uma temporalidade e de uma sociabilidade específicas, a moda, antes de ser o que se explica pela sociedade, é uma fase e uma estrutura da vida coletiva". Portanto, a pesquisa de fotos reais da época foi importante para deixar evidente as similaridades entre a peça do acervo analisada e o que se usava realmente na época, identificando, dessa maneira, a moda em voga ou uma antimoda.

As principais palavras buscadas na pesquisa online foram: "moda de 1930, 1950, 1960 e 1980", "brasileiras em 1930, 1950, 1960 e 1980", "revista de 1930, 1950, 1960 e 1980", "moda formal em 1930, 1950, 1960 e 1980", "casamentos em 1930, 1950, 1960 e 1980". Os sites buscados foram de revistas e jornais da

época, em páginas de periódicos, jornais, revistas nacionais e regionais, à saber: Museu Histórico de Londrina<sup>3</sup>, Câmara Municipal de Londrina<sup>4</sup>, Enciclopédia Itaú Cultural<sup>5</sup>, Revista Vogue<sup>6</sup>, Revista Manequim<sup>7</sup>, Revista Fon Fon<sup>8</sup>.

Para a realização desta etapa, foi necessária persistência para buscar a fonte fidedigna, porém essencial para fundamentar a moda londrinense como atual no seu contexto da época e basilar para interpretação da próxima etapa de documentação museológica, que igualmente possui relevância na descrição do acervo escolhido para a análise.

Na quarta etapa do processo de definição das peças do acervo de moda do MHL, foi solicitada a documentação de cada uma delas para realizar a análise documental. Entende-se documentação do objeto como a “compilação dos dados e do tratamento informacional extraídos de cada objeto adquirido pelo museu”, é essencial para permitir a recuperação do acervo. As informações referentes à função do objeto junto ao seu proprietário e depois de estar em salvaguarda do museu devem fazer parte do registro (PADILHA, 2014, p. 37).

Nesse contexto e devido às dificuldades ao acesso por motivo da restrição durante a pandemia, a documentação das peças do acervo escolhidas foi enviada por meio eletrônico. Ressalta-se que esta documentação estava inconclusa e constatou-se a inexistência total ou de parte dos dados relevantes para a pesquisa. O responsável pelo acervo do museu explicou que nem todos os dados estavam cadastrados no sistema e, por isso, não poderiam ser divulgados.

Sem todos os dados da documentação que comprovaria a época de cada peça, a ocasião de uso e a humanização da peça, foi inevitável definir estas características somente pela análise descritiva das fotografias. As peças que tinham ao menos poucos dados, foram analisadas de forma mais precisa, com mais base para a sua descrição.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.uel.br/museu/>.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.cml.pr.gov.br/cml/site/index.xhtml>.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/>.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://vogue.globo.com/>.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.manequim.com.br/>.

<sup>8</sup> Disponível em: [http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_periodicos/fonfon/fonfon\\_anos.htm](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/fonfon/fonfon_anos.htm).

### 7.1.2 Descrição Documental e Descrição do Vestuário de Moda

O critério utilizado para realizar a descrição do vestuário de moda do acervo foi o emprego da literatura tradicional baseada em autores conhecidos, portanto, fez-se uso dos livros *A Roupas e a Moda*, de Laver (1989), e *História da moda no Brasil*, dos autores Braga e Prado (2011), objetivando dar fundamento à história social da moda no ocidente e no Brasil. Utilizou-se ainda o manual *Termos básicos para catalogação de vestuário*, que é uma adaptação do *Vocabulary of Basic Terms for Cataloguing Costume* do *International Committee for Museums and Collection of Costume* (ICOM). A finalidade com a última literatura foi regularizar a terminologia utilizada para não gerar dúvidas ao documento, a coleção histórica de diferentes décadas se trata de peças do vestuário frequente ou habitual da contemporaneidade, em vista disso poderia causar conflito de denominação.

O que se percebe é que a forma da maioria das peças analisadas se aplica quase que fielmente às formas da moda vigente de cada época, sem grandes atrasos, como poderia se presumir por ser uma nova cidade do interior, quando as informações poderiam demorar para chegar por motivos de poucos e morosos meios de comunicação das épocas de 1930, 1960 e 1980, se comparado aos da contemporaneidade.

Por este motivo, percebeu-se a necessidade em identificar como era o contexto histórico das épocas na cidade de Londrina, como eram os costumes e a cultura, como a política e a economia internacional e nacional interferiam no cotidiano dos pioneiros. Na próxima seção, aborda-se o contexto histórico das décadas definidas pelas peças de vestuário analisadas.

#### 7.1.2.1 Pesquisa do contexto histórico da época de cada peça

A análise e o levantamento do contexto histórico social, político e econômico da época e da moda vigente foram realizados de forma online em páginas de periódicos, jornais, revistas e no catálogo de fotos do MHL. A importância em olhar para o contexto da época transmite a concepção da moda como “forma de uma temporalidade e de uma sociabilidade específica, a moda, antes de ser o que se explica pela sociedade, é uma fase e uma estrutura da vida coletiva.” (LIPOVETSKY, 2009, p. 227).

Dessa forma, para a análise, foram criados critérios de busca de cada década. As palavras-chave utilizadas na pesquisa foram: “A sociedade londrinense em 1930, 1950, 1960 e 1980”, “a política londrinense em 1930, 1950, 1960 e 1980”, e “a economia londrinense 1930, 1950, 1960 e 1980”; assim como “o contexto brasileiro em 1930, 1950, 1960 e 1980”.

Considerando a facilidade ao acesso às informações e ao grande número de resultados na busca, foi necessário delimitar alguns sites, com fontes confiáveis e reconhecidas nacionalmente para a pesquisa. Dentre os principais sites destacam-se: Câmara Municipal de Londrina, Universidade Estadual de Londrina, Itaú Cultural, Brasil escola.

O resultado das buscas foi satisfatório já que possibilitou um entendimento político, econômico e cultural de cada época em Londrina, no Brasil e no ocidente e ver as diferenças ou similaridades neste âmbito. Este cenário foi fundamental para entender as estruturas, formas, modelagens e até mesmo as cores usadas e tentar decifrar, por meio da dedução, a intenção do uso tanto da moda quanto da antimoda.

### 7.1.3 FICHA DE PRODUTO

Esta fase foi dedicada à construção de uma ficha de produto para reunir os dados coletados sobre as peças do acervo de moda do MHL. A ficha de produto apresenta: a descrição de documentação e da peça, de acordo com o arquivo do MHL; a história social da moda descrita por meio de literatura; criação de texto do contexto histórico da época analisada por meio midiático; inserção de fotos da peça do acervo de moda e fotos reais de cada época analisada.

Este formato foi baseado em Vasques (2018) para disponibilizar de forma compilada dados e informações referentes ao acervo de moda, assim como o contexto histórico social, político e econômico de cada década, com o objetivo de potencializar as informações do acervo de moda e estabelecer parâmetros para as diversas atividades vinculadas ao objeto.

No processo de representação e organização da informação, as ações resultantes do uso dos recursos informacionais estudados na página 48 (Figura 7) podem ser significativas para a geração do conhecimento, uma vez que constroem um meio de comunicação multidisciplinar para facilitar a institucionalização da

informação.

A ficha número 1 refere-se à peça do acervo de moda da década de 1930. A primeira peça foi um vestido, definido como formal de acordo com a ocasião de uso da década de 1930, provavelmente da segunda metade da década por suas formas e principais características.

Na sequência, segue a ficha de produto com os dados e as informações extraídas da análise descritiva já realizada, elaborada conforme o apêndice A dessa dissertação.

**Figura 18 - Ficha 1 - Década 1930 (continua...)**





## VESTIDO

**Nº de documentação:**  
5920

**Denominação:** vestido

**Época de uso real:** não identificada

**Vigência de moda:** 1930  
Etiqueta: não identificada

**Caracterização de materiais:** aspecto de tecido de fibra de origem natural tipo seda (S)

### DESCRIÇÃO FÍSICA

Vestido longo de manga curta com babado, decote redonda e corpo justo. Possui um recorte na altura da cintura. Saia longa e reta, provavelmente cortada em viés com dois babados em todo comprimento.



### CONTEXTO HISTÓRICO

A década de 1930 foi marcada por reviravoltas sociais, políticas e econômicas devido à recente quebra da bolsa de Nova Iorque. Isso faz com que o período seja dominado pelas incertezas. No Brasil, ainda acontecia a Revolução de 30 ou a queda da República Velha que resultou no declínio dos senhores do café e o crescimento industrial e do proletariado urbano. As mulheres começaram ter uma vida mais produtiva e movimentada e, assim, as roupas precisaram se adequar, os tecidos usados eram os mais baratos e a inovação era o corte godê e enviesado. A cidade de Londrina era colonizada e já na primeira década teve um bom desenvolvimento comercial, empresas paulistas se instalaram na região e Londrina tornou-se local de intermediação de mercadorias entre a região e o resto do país, principalmente Santos e São Paulo, ligação na qual a ferrovia adquiriu um papel fundamental.



**Fonte:** da autora, adaptado de Vasques (2018).

Um vestido característico por suas formas retas sem evidenciar a cintura, com o corte em viés também muito usado na época por influência da renomada estilista Madeleine Vionnet, inventora deste corte, os babados na altura do ombro o evidenciam, já que era a parte do corpo mais valorizada e desejada na época, o

material provavelmente em tecido natural animal de fibra de seda (S) ou outro tecido natural, também típico, assim como a cor em tons terrosos e claros.

As características deste vestido denotam leveza e feminilidade por ser fluido apresentando formas circulares. “Houve uma onda de romantismo estipulada pela visita dos soberanos ingleses a Paris, no início do verão de 1938” (LAVIER, 1989, p. 246). O vestido analisado do acervo estava dentro dos padrões desta época com babados que caracterizam este romantismo e com pontos marcantes da década, como cita o autor.

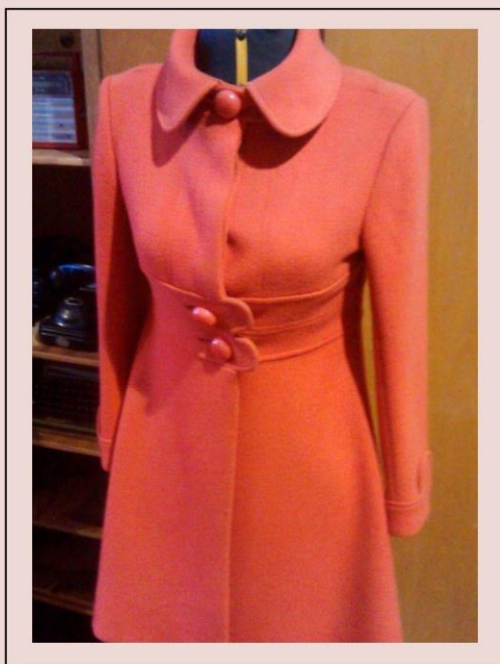
Na documentação de acervo, o registro das informações contidas no objeto é uma forma precisa de denominar o objeto em si, descrevendo tudo que o compõe e ainda indicar sua função, como uma informação individual do objeto. Loureiro (2008, p. 39) enfatiza que “... a descrição de artefatos é o que permite denominar com precisão não apenas o objeto como um todo, como cada parte que o compõe, sua ornamentação e, em muitos casos, apontar-lhes a função.”

De fato, podemos considerar que, mesmo em uma cidade do interior, as mulheres tinham informação da moda vigente, com fácil acesso às capitais, como Curitiba e São Paulo, e boas condições financeiras. Portanto, as mulheres usavam a moda vigente sem nenhum espaço de tempo. Mesmo a cidade ainda pequena com cerca de 30 mil habitantes, segundo dados do MHL e com pouca infraestrutura, foi possível observar, por meio das fotos e do contexto analisados, que a escassa estrutura e hostilidade da época fez surgir a elegância na cidade.

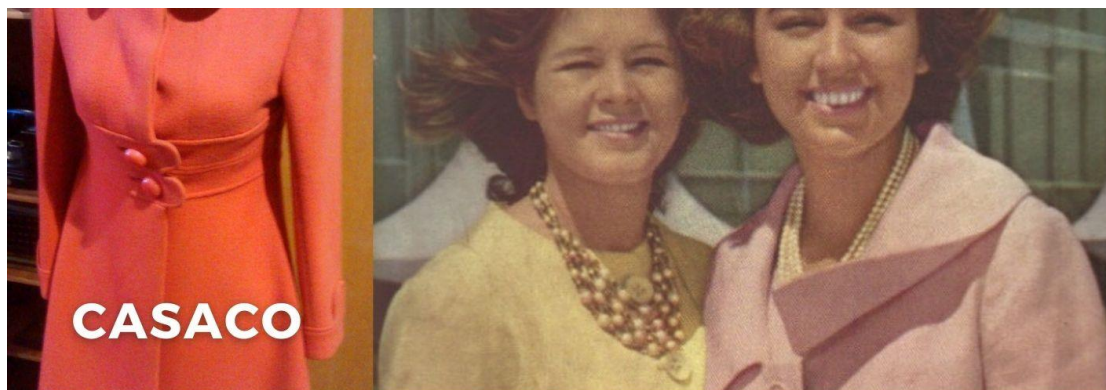
A Ficha 2 refere-se ao casaco usado em ocasiões formais com características da década de 1960, quando Jacqueline Kennedy, então primeira dama dos Estados Unidos, era referência de moda no mundo. A característica da cor viva no casaco, as formas retas, a praticidade e versatilidade da peça são as principais fontes de evidência da década de 1960.

Na sequência, a fotografia da peça do acervo e a ficha de produto com os dados e as informações extraídas da análise descritiva já realizada.

Figura 19 - Ficha 2 - Década 1960 (continua...)



DÉCADA  
1960  
♥



## CASACO

**Nº de documentação:** não disponibilizado

**Denominação:** não disponibilizado

**Época de uso real:** não disponibilizado

**Vigência de moda:** 1962/1968

**Etiqueta:** Armani

**Caracterização de materiais:** aspecto de tecido de origem natural, tipo lã (WO)

### DESCRIÇÃO FÍSICA

Casaco manga longa ajustada, com colarinho boneca, fechado com um botão encapado na gola e dois na altura da cintura. A forma é ajustado com leve abertura abaixo da cintura. Comprimento médio na altura da coxa. Na cintura uma faixa larga do mesmo tecido.

### CONTEXTO HISTÓRICO

Os anos 60, no Brasil, marcaram revoluções como a ditadura militar, repressão, censura e violência, uma época que na política faltou democracia. Na cultura brasileira, surge a Jovem Guarda e o tropicalismo foi um movimento cultural que misturava influências do pop, rock e cultura brasileira, mas a moda era copiada da Europa. Em Londrina, a economia estava ligada à agricultura, e no centro prédios modernistas eram construídos num processo de verticalização. A área cultural da cidade era pequena com poucos cinemas, conservatórios musicais, grupos de teatro e exposições.



**Fonte:** da autora, adaptado de Vasques (2018).

Na Ficha 3, foi trabalhado com um vestido de noiva, uma peça usada em ocasião especial, que tem as principais características da década de 1950, no entanto, de acordo com as informações da documentação do museu, foi usado já na

segunda metade da década de 1960. O que qualifica as formas da década anterior é a cintura marcada, busto estruturado e saia rodada, características da peça do acervo de moda que foi analisada.

A seguir, a fotografia da peça do acervo e a ficha de produto com os dados e as informações extraídas da análise descritiva.

**Figura 20 - Ficha 3 - Década 1960 (continua...)**





**Nº de documentação:** não disponibilizado

**Denominação:** vestido de noiva

**Época de uso real:** década de 1960

**Vigência de moda:** 1950

**Etiqueta:** não disponibilizado

**Caracterização de**

**materiais:** aspecto de tecido de fibra sintética originárias de polímeros petroquímicos (poliéster PES) tipo cetim e renda

#### DESCRIÇÃO FÍSICA

Vestido manga longa ajustada, gola redonda e corpo justo e estruturado. Possui uma faixa na altura da cintura e um recorte em v logo abaixo. Saia ampla franzida em duas saias que se sobrepõem, uma longa até a altura do pé e outra formando uma cauda altar.

#### CONTEXTO HISTÓRICO

Década Segunda Guerra Mundial, quando foram bloqueadas todas as importações de bens de consumo, consolidando assim a indústria brasileira, principalmente a têxtil. Hollywood chegava ao seu ápice e Carmem Miranda foi ícone desde período, fez sucesso no Brasil e Estados Unidos. O estilista Alceu Pena criou para ela a primeira fantasia genuinamente brasileira. Londrina era a Capital Mundial do Café e foi uma fase de desenvolvimento comercial. Empresas paulistas se instalaram e a região tornou-se local de intermediação de mercadorias entre a região e o resto do país, principalmente Santos e São Paulo, ligação na qual a ferrovia adquiriu um papel fundamental.



**Fonte:** da autora, adaptado de Vasques (2018).

De acordo com as informações das fichas 2 e 3, na década de 1960, a cidade era importante por sua rentável agricultura e recebia, por isso, políticos e

empresários de todo o país e do exterior que participavam de feiras, exposições, reuniões, eventos sociais. Esta informação permitiu entender que a vida social na cidade era agitada, levando as mulheres a buscarem pela moda nos melhores e mais famosos ateliês brasileiros e no exterior.

Em concordância com os documentos e fotos verificadas, parte dos londrinenses, nesta época, viajavam para outros países quando poderiam adquirir as novidades da moda estrangeira, além da facilidade de algumas lojas na cidade que também comercializavam produtos importados, como o casaco do acervo de moda do MHL desta época que foi estudado, da conhecida e prestigiada marca Italiana Armani.

Na década de 1960, a forma da silhueta feminina passou por mudanças significativas, "... pela primeira vez a moda começou a se concentrar nos adolescentes" (LAVÉR, 1989, p. 261). Antes deste período, a moda era pensada para adultos e os jovens exigiam uma moda que condizia com seu modo de vida. "As roupas da década de 1960 estabeleceram uma nova tendência. Formas duras e geométricas." (LAVÉR, 1989, p. 263).

Alguns aspectos levantados na pesquisa documental definem a moda como uma lógica social, independente de formas ou estéticas e, portanto, regularizada por grupos sociais. Este contexto ficou explícito nas fichas da década de 1960. O casaco pesquisado continha todos os traços de modernidade da década, a cor forte, o desejo futurista da época, como é chamado por Laver (1989) de "ultrapsicodélico ou geométrico". Na década de 1960, este tipo de casaco era usado também como vestido, que deixava as pernas aparentes usufruindo do clássico da minissaia, forte característica da época. Já no início da década de 1970, percebe-se pela foto de arquivo que foi usado como casaco sobreposto, exatamente uma adaptação do contexto da época.

Já o vestido de noiva pesquisado foi usado em 1966 e tinha formas do final dos anos 1950, característica do *new look*, como cita Laver (1989, p.255), com "cintura apertada, saias muito amplas e meticulosamente forradas e blusas estruturadas", conseqüentemente fora da vigência da moda. Entretanto, a fotografia do casamento denota suntuosidade para a época e provavelmente se trata de uma família pertencente a um grupo social tradicional da cidade. É admissível não utilizar a moda vigente, já a voga estava voltada para adolescentes, como citado há pouco, e trata-se de um casamento que é um evento com rituais e com simbolismo especial

cristão, o qual pode legitimar o desejo de perfeição para a nova vida do casal.

A efervescência temporal da moda não deve ser interpretada como a aceleração das tendências para a mudança, mais ou menos realizadas segundo as civilizações, mas inerentes ao fato humano social. Ela traduz não a continuidade da natureza humana (gosto pela novidade e pelo enfeite, desejo de distinção, rivalidade de grupos etc.), mas uma descontinuidade histórica, uma ruptura maior, ainda que circunscrita, com a forma de socialização que se vinha exercendo de fato desde sempre: a lógica imutável da tradição. (LIPOVESTSCK, 2009, p. 31).

Entende-se o vestido de noiva como uma vestimenta única, notável e diferente de qualquer outro traje social preparado para ocasiões especiais, ele tem um significado relevante para a vida das mulheres. Ele é composto de valores sociais e simbólicos, pode recuperar tradições de uma época, conservar a cultura familiar e a religiosidade (WORSLEY, 2010). O fato de a noiva não se utilizar da moda vigente no traje do seu casamento, não denota uma ignorância ou mesmo desconhecimento da moda, mas um apego e respeito às tradições sociais.

A ordem cronológica linear da história da moda não deve ser analisada sozinha porque determina apenas o início e o fim de cada período, é pertinente considerar a moda em toda dimensão e além das formas presentes na sua materialidade.

As roupas mostram muito mais do que formas, volumes, cores e texturas; nas roupas é possível ver também o envolvimento emocional, corporal e sensorial das pessoas que as usaram. A interpretação (ou leitura) das roupas oferece oportunidades de se estabelecer novos e ousados conceitos relativos à sua cultura e história (BENARUSH, 2013, p. 9).

Por fim, a Ficha 4 refere-se ao vestido usado em ocasiões formais com características intrínsecas da década de 1980. A época foi marcada por uma redemocratização, consumo livre e diversificado da cultura de massa e ainda diminuição da censura.

Na sequência, segue a fotografia da peça do acervo e a ficha de produto com os dados e as informações extraídas da análise descritiva já realizada.

Figura 21 - Ficha 4 - Década 1980 (continua...)



DÉCADA  
1980  
♥



## VESTIDO DE FESTA

**Nº de documentação:** 5913

**Denominação:** vestido de festa

**Época de uso real:** não disponibilizada

**Vigência de moda:** 1980

**Etiqueta:** marca americana

**Caracterização de materiais:**

aspecto de tecido de fibra sintética originárias de polímeros petroquímicos (poliéster PES) tipo organza e tafetá

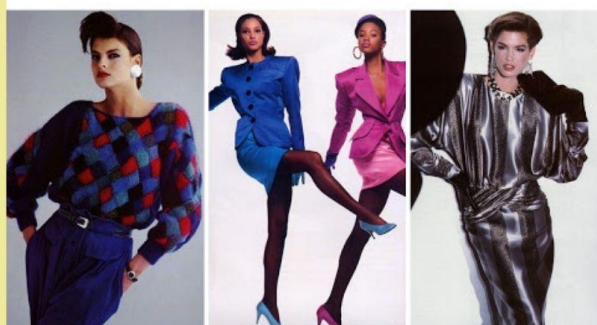
### DESCRIÇÃO FÍSICA

Vestido modelo um ombro só, com manga presunto e laço do mesmo tecido no ombro. Ajustado ao corpo, possui um babado na altura da cintura e com um drapeado na altura do quadril e saia levemente franzida até altura do joelho. Tecido duplo de tule transparente preto e como forro estampa de animal.



### CONTEXTO HISTÓRICO

No início dos anos 1980 o Brasil vivia a ditadura militar, que resultou no movimento de "Diretas Já", que possibilitou o surgimento de novas organizações da sociedade civil e da sociedade política. Londrina era a segunda maior cidade do estado e uma das principais do Sul. O futebol da cidade conquistou o primeiro prêmio nacional e o escritor local Domingos Pellegrini ganhou o Prêmio Jabuti. A moda era influenciada pelos videoclipes e as mulheres yuppies, que entraram para o mercado de trabalho. Tudo refletia muita alegria, versatilidade, diversão e ao mesmo tempo um toque de sensualidade, ousadia e sofisticação.



**Fonte:** da autora, adaptado de Vasques (2018).

Conforme mostra a Ficha 4, o vestido ostenta diversas características da época, como o modelo de um ombro só, a manga com volume exagerado, e a forma ajustada ao corpo, os babados e drapeados, o laço usado como ornamento no ombro, o tecido de origem sintética e a estampa de animal designam a moda dos anos 1980.

Na década dos anos de 1980, cresceu a geração da contracultura, um retorno ao conservadorismo, também da independência e do individualismo. Os jovens da década ficaram conhecidos como *yuppies*<sup>9</sup>, porque o principal objetivo foi ganhar dinheiro, e rápido, inclusive pelas mulheres que definitivamente se tornaram independentes dos homens ou maridos.

Laver lembra que “As mulheres lutavam cada vez mais para entrar em novas carreiras e para se firmarem em ambientes anteriormente destinado aos homens.” (LAVÉR, 1989, p. 271). Na cidade de Londrina, as mulheres como Yolanda Consentino, advogada, Estela Okabayashi, professora e pesquisadora, e Mafalda Bongiovanni, apresentadora de TV, tiveram ascensão nas suas profissões, evidenciando a tendência da época.

Segundo Braga e Prado (2011, p. 407) “Nos anos 1980 o tecido ganhou maior importância que a própria forma ou comprimento da roupa. Dependendo das suas características de peso, caimento e visual, ele passou a impor modelagem encaminhando o processo de criação.” Considerando este aspecto, a moda da década de 1980 refletia uma apologia ao barroco, com tecidos suntuosos, estampados, bordados com rendas e brilhos. “Como avaliar uma moda que, de um lado, celebra a liberdade e do outro, torna o corpo pesado, revestindo-o de formas exageradas, tecidos rígidos e acessórios que criam efeito imobilizante” (CALANCA, 2008, p. 190).

A criação da ficha de produto é de extrema importância para agrupar todas as informações coletadas, utilizando-se os elementos da gestão da informação foi possível acrescentar valor ao acervo e expor a história social da cidade de Londrina por meio da moda. Este passo de análise da ficha de produto e a próxima etapa das entrevistas são substanciais para cumprir e responder aos objetivos desta pesquisa.

## 7.2 ANÁLISE EXPLORATÓRIA E QUALITATIVA - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

A entrevista semiestruturada aconteceu de forma online, conforme normas de segurança da pandemia e seguindo um roteiro pré-estipulado. O objetivo

---

<sup>9</sup> *Yuppie* é uma expressão inglesa que significa Young Urban Professional, termo usado para se referir a jovens profissionais entre os 20 e os 40 anos de idade, geralmente de situação financeira intermediária entre a classe média e a classe alta. (BRAGA; PRADO, 2011, p. 406).

da entrevista foi entender o funcionamento diário do acervo, bem como das estratégias museológicas e da instituição para as peças do acervo de moda. A primeira entrevista foi direcionada para o arquivista, funcionário responsável pelo acervo e, em seguida, para a diretora do MHL, responsável por aprovações de planejamento de ações ao acervo. Estes foram escolhidos por possuírem cargos relacionados a assuntos técnicos e estratégicos na gestão do acervo do MHL.

O funcionário técnico, arquivista do MHL, aceitou ser entrevistado de forma solícita e satisfatória. O objetivo principal para esta primeira etapa da entrevista foi verificar os processos internos referentes à gestão da informação do acervo de moda. E, por isso, para alcançar os objetivos, os assuntos abordados foram: (1) Desafios na organização e processos, (2) Conservação do acervo, (3) Meios para acesso e (4) Regras e normas para realização de pesquisa.

O primeiro assunto abordado com o arquivista foi sobre as dificuldades nos processos e organização do acervo.

O entrevistado foi enfático ao comentar sobre o assunto, quando afirmou que existem muitos desafios, principalmente na execução dos processos: *“Temos um formulário de doação para ser preenchido com perguntas sobre a peça que a pessoa está doando e sobre a história do proprietário, quando ele usou? De que forma? Em que época? Além da assinatura de um termo que autoriza o museu a usar esta peça como acervo, como objeto é um documento que temos.”*

O entrevistado relata uma situação que envolve o recebimento das doações, antes mesmo de iniciar o processo de organização. Mencionou que geralmente as pessoas chegam para entregar e não dispõem de um tempo para preencher estes dados. Para tentar amenizar a situação, os funcionários do museu que podem receber as doações passaram a ter uma conversa com o doador, tentando entender a história do objeto e do proprietário, para então preencher esta ficha.

No entanto, relata o entrevistado, que: *“temos muitas dificuldades em conseguir tirar informações, muitos chegam com pressa e querem só deixar o objeto”* e quando este fato acontece, posteriormente, os poucos funcionários entram em contato com o doador, geralmente por telefone, para então realizar o processo de organização. Segundo o entrevistado, este contato pode demorar para acontecer: *“sempre quando volto de férias tem muitas peças para catalogação, mas sempre sem nenhuma informação.”*

Considerando que “o objeto museológico, ao ser incorporado pelo museu, possui uma continuidade na construção de sua trajetória e, por consequência, inicia uma nova história que também deve ser documentada”, este processo tem uma influência considerável para o efetivo compartilhamento das informações contidas no acervo de moda da instituição. (PADILHA, 2014 p. 37).

Assim, reconhece-se que para uma efetiva representação e compartilhamento das informações contidas nos objetos doados é necessária uma ordenação nos processos informacionais, um efetivo gerenciamento das informações contidas no acervo. Como verificado no capítulo Gestão da Informação, quando a informação é imediatamente registrada e o conhecimento interdisciplinar considerado, os procedimentos para o uso do fluxo da gestão da informação vão permitir a fidedigna construção, disseminação e uso da informação, podendo levar ao conhecimento.

Também foi abordado sobre a conservação do acervo de moda do MHL. O entrevistado relatou que é realizada uma prevenção de danos, por falta de estrutura física, de salas adequadas para guardar o acervo, de laboratórios de restauro e de equipamentos para este processo.

O funcionário responsável afirmou seus desejos em relação à conservação e preservação do acervo comentando que: *“tenho vontade de conservar melhor de fazer um projeto para restauração, mas não dá.”* Afirma que já realizou diversos cursos sobre prevenção de danos, conservação e para restauro de acervo, mas não é possível colocar em prática principalmente por falta de condições estruturais. Contou ainda que existe um projeto de extensão da UEL, no qual os alunos e professores estão verificando a possibilidade de reprodução de algumas peças que estão excessivamente danificadas.

A conservação de fragmentos e vestígios de um objeto pode possibilitar o conhecimento ou mesmo a relação identitária com o passado de uma sociedade e da história trazendo à tona a memória. Em se tratando de peças do vestuário, deve-se considerar que são objetos usados por indivíduos únicos e em ocasiões distintas, sejam do cotidiano ou de datas especiais.

Assim, a conservação dos têxteis, nas suas variadas especificidades, oferece subsídios para uma melhor compreensão dos materiais e estruturas que os compõem, auxiliando a sua salvaguarda, conservação e, também, a sua catalogação, pela crença na riqueza e na seriedade desta classe patrimonial específica. (VASQUES, 2018, p. 28).

Em relação aos meios de acesso ao acervo para pesquisa, o entrevistado garantiu que: *“qualquer pessoa, todo cidadão têm direito a pesquisa do acervo é só ligar, entrar em contato por telefone ou por e-mail para agendar”*. Citou ainda que o acervo de vestuário está sendo digitalizado para facilitar o acesso. *“Temos um sistema para pesquisa virtual em construção. Por motivos de políticas internas e da troca da diretoria, ainda não ficou pronto, mas a atual gestora está verificando com a empresa a finalização deste trabalho.”*

Portanto, ficou evidente que no momento atual o meio de acesso é o físico. O meio virtual pelo qual este trabalho se realizou se deu em virtude das ordens de restrição e como forma exclusiva de permitir o acesso. “O processo de sistematização do acervo permite o controle, a segurança e o gerenciamento da informação, bem como colabora para o acesso e para a democratização da informação” (PADILHA, 2014, p. 63).

Apesar da informação da sistematização em andamento, fica evidente que a organização da informação é o processo essencial que pode possibilitar a real disponibilização e a disseminação ou ainda o fácil acesso à informação por qualquer que seja o usuário.

Para finalizar a entrevista, o assunto abordado foi sobre a existência de normas ou regras para que o usuário tenha acesso ao acervo de moda para a pesquisa. O entrevistado respondeu da seguinte forma: *“é só chegar...tem que ter bom senso para não danificar as peças, mas não existe nenhuma regra”*. Comentou também que caso o pesquisador desejar, o museu aceita uma cópia do trabalho de pesquisa para arquivo e ele é convidado a escrever um artigo para publicação no boletim da instituição.

Nesse sentido, Loureiro (2019 p. 106) ressalta que “Preservar objetos não significa imobilizá-los ou congelá-los, mas mantê-los disponíveis e acessíveis como documentos. A preservação física é sem dúvida fundamental, mas não suficiente.” Entende-se que é necessário termos claros e objetivos para o manuseio em pesquisas, preservar também as informações contidas ou relacionadas aos objetos é de grande relevância, os documentos devem ser controlados e assistidos durante os possíveis eventos, exposições ou pesquisas.

A segunda entrevista semiestruturada foi realizada com a entrevistada 2, que dispõe de cargo na diretoria do MHL, com o objetivo de identificar as estratégias e metas da instituição para o acervo de moda e verificar a importância e como disponibilizar este acervo para o usuário e para a pesquisa científica. Os assuntos basilares abordados na entrevista foram os seguintes: (1) Objetivo e importância estratégica do acervo de moda, (2) Estratégia para projetos de pesquisa relacionados ao acervo e (3) Acessibilidade ou disponibilidade do acervo.

A diretora do museu concedeu a entrevista de forma online e falou sobre o objetivo de ter um acervo de moda em um museu histórico como reserva técnica e sua importância social. A entrevistada comentou que qualquer objeto salvaguardado pela instituição que conte a história e a trajetória da cidade e da população é de grande importância para o museu, enfatizando que: *“como historiadora acredito que os objetos em reserva técnica devem ter o mesmo tratamento que um objeto ou documento que está exposto na galeria de longa duração, a nossa reserva técnica é fonte de pesquisa e meio para exposições temporárias”*.

A entrevistada ainda comentou especificamente sobre o acervo de vestuário de moda que, para a instituição, conta histórias vividas na cidade e pode mostrar o contexto da época. Sobre metas para o acervo de vestuário disse que: *“temos alguns projetos no papel para o acervo de moda e indumentária aqui no museu e na UEL com o curso de Design de moda e gostaríamos ainda de realizar exposições com as peças do acervo, mas enquanto durar a pandemia, fica tudo mais difícil, estamos restritos”*.

Por sua natureza e característica de existência, os museus são responsáveis pelo patrimônio e cultura e podem apresentar-se como instrumentos de memória da sociedade, quando preservam sua história atendendo necessidade informacional dos seus usuários ou da população, para isto têm competência em estabelecer ações de democratização e comunicação com a comunidade.

Para Oliveira (2009 p. 71)., “Não se pode evitar uma reflexão sobre o simbolismo complexo do que está aparente. A roupa neste sentido, torna-se símbolo de adesão e exclusão, de hierarquia social e para nós, um dos códigos de leitura social.” Diante disso, é compreensível que o vestuário de moda possa ser responsável pela compreensão das transformações sociais ocorridas em uma sociedade em uma época passada, um meio para estudos, reflexões e descobertas.

Quanto ao assunto sobre projetos de pesquisa relacionados ao acervo de moda, a resposta foi que atualmente existem somente dois projetos de pesquisa do departamento de Design de Moda da UEL. Contou ainda que há um projeto em fase final de planejamento: *“estamos produzindo um vídeo para divulgação no site e nas redes sociais do MHL, mostrando que temos um acervo de vestuário”*.

A entrevistada comentou que: *“não existe estratégias nem mesmo fomento do acervo de moda para pesquisa científica”*. Disse que os pesquisadores entram em contato com a instituição e os projetos são realizados, em sua totalidade, ligados à UEL. *“As áreas da História Social e Design de Moda são os campos que mais nos procuram para pesquisa”*.

Com base nas informações, é possível salientar que a informação e a geração do conhecimento podem ser difundidas pelo museu, somente a salvaguarda e o colecionismo não produzem argumentos, ponderações do acervo.

Por meio de iniciativas que permitam aos cidadãos à fruição de bens e serviços culturais, a sociedade tem a possibilidade de se integrar a construção de um mundo permeado por relações sociais mais harmônicas, com respeito a pluralidade e a diversidade de expressões, caminhando para um futuro mais promissor e igualitário. (FRIGO, 2018, p. 12).

O MHL pode incentivar a pesquisa no acervo de moda para diversas áreas do conhecimento, criando uma interdisciplinaridade que pode ser de grande valia para o reconhecimento e para valorização da história da cidade de Londrina. Com a organização e representação do acervo e a inserção do acervo online, é possível fomentar a pesquisa para âmbito global e ainda concepção de exposições de diversas temáticas no espaço destinado do museu.

Sobre a possibilidade de maior acessibilidade e de geração de pesquisas, eventos e exposições, a entrevistada reforçou a finalidade e intenção do museu: *“gostaria que qualquer pessoa da população pudesse acessar todo o acervo para pesquisa ou de receber projetos para exposições”*. Complementa que: *“o museu está aberto para possibilidade no âmbito da pesquisa extensão e interação com a sociedade, seja de forma física ou virtual.”*

É necessário ainda enfatizar que o museu não é mero intermediário, mas sim produtor ativo de informação. O acesso e a disseminação do acervo de moda desejado pelo MHL podem apresentar a moda como campo do saber e incluindo pesquisadores interdisciplinares, é capaz de ser pertinente para reflexões além do

ato do vestir, pensar a moda como fenômeno histórico social, econômico, filosófico, antropológico e como meio político.

A moda não é mais um enfeite estético, um acessório decorativo da vida coletiva; é sua pedra angular. A moda terminou estruturalmente seu curso histórico, chegou ao topo de seu poder, conseguiu remodelar a sociedade inteira à sua imagem; era periférica, agora é hegemônica (LIPOVESTCKY, 2009, p. 11).

As entrevistas possibilitaram compreender a importância do acervo de moda para as estratégias museológicas, a necessidade de incentivos à pesquisa e à disseminação da informação histórica por meio da moda. Embora sejam indispensáveis os processos para a organização e representação da informação museológica, a contribuição de tecnologias e redes sociais podem colaborar na estratégia de popularização do acervo e facilitar no recebimento de novos objetos para o acervo, no entanto, a importância da temática da informatização e tecnologia para a organização museológica não faz parte do objetivo desta pesquisa.

Outro ponto a ser salientado é a relação da moda com o museu e a CI como um sistema de regras que oscila e quando regularizada nos processos de organização e representação da informação, proporciona um discurso histórico, econômico, etnológico e tecnológico, pois, como dito anteriormente, a ação de se vestir não é inocente, nem neutra, mas se caracteriza como ato social, podendo ser analisada na perspectiva social. A seguir, a figura 22 demonstra visualmente esta relação entre as áreas.

Figura 22 - Relação moda, museu e CI

ÁREA DE ATUAÇÃO	ELEMENTOS DA FICHA DE PRODUTO	DESCRIÇÃO DOS ELEMENTOS	AUTORES
MUSEU/ CI	- MUSEOLOGIA - GESTÃO DA INFORMAÇÃO	- COLETA DE INFORMAÇÕES SOBRE A PEÇA DOADA - PLANEJAMENTO DE FLUXO DA GI	LOUREIRO 2015; OLIVEIRA 2009 VALENTIM 2008
CI MODA	CLASSIFICAÇÃO HISTÓRIA SOCIAL E CONTEMPORANEIDADE	- SEPARAÇÃO POR DÉCADA E OCASIÃO DE USO	ALBUQUERQUE 2012. LIPOVETSKY 2009; CALANCA 2008.
CI MODA MUSEU	CATALOGAÇÃO FORMAS HISTORICIDADE	- IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO DAS INFORMAÇÕES DA PEÇA - SELEÇÃO DE ATRIBUTOS E RELAÇÕES COM A ÉPOCA	YASSUDA 2009; SANTOS 2019 LAVER 1989 PADILHA 2018
MODA MUSEU CI	FICHA DE PRODUTO	- DOCUMENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DO OBJETO - CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIOCULTURAL	RABELO 2019 BARTHES 2005 BENARUSH 2013

Fonte: Da autora (2021)

Esse esclarecimento é de extrema importância para que o ciclo de vida da informação seja ininterrupto, uma vez que o uso da informação é resultado e direcionado por um contexto, que no âmbito do acervo de moda é uma estrutura de significado configurado pelo ambiente, portanto, subjetivo.

Consequentemente o museu precisa exercer um olhar social sobre a informação, por meio dos seus objetos, identificando a necessidade do usuário. Na contemporaneidade, a sociedade conectada tem provocado novos hábitos e diferentes comportamentos informacionais. Fica compreensível que o MHL está aberto para propostas e ávido por soluções que possam trazer a comunidade para mais perto do acervo, seja por meio da pesquisa ou disponibilizando o acervo de forma atrativa.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração deste trabalho teve como propósito desenvolver a interdisciplinaridade a relação da CI e da Museologia para o efetivo compartilhamento do um acervo de moda do MHL.

Visando responder ao objetivo geral da pesquisa, que foi compreender o processo de gestão da informação do acervo de moda no âmbito do MHL, os desígnios dos acervos são de comunicar mensagens ou significados de uma época e de um povo, de tornar visível uma história.

O primeiro objetivo deste estudo foi analisar a relação da museologia com a CI pelo viés da gestão da informação. O referencial teórico foi fundamental para atingir este objetivo, os autores Valentim (2008, 2020), Oliveira (2009), Loureiro (2019) e Padilha (2018) foram basilares para entender esta inter-relação.

A relação do ambiente museológico com a CI se dá na representação, quando a população se reconhece em um espaço e se o acervo se torna elemento de conexão e interação colocando o museu como lugar de reflexão e reapropriação, mediante a gestão da informação e dos processos museológicos, amparado na pesquisa, preservação e difusão do acervo.

De acordo com os autores citados acima, a CI, quando está embasada no processo social de gestão da informação, pode organizar de forma sistemática a memória contida no objeto, ao tratar a perspectiva da informação como um importante ativo para o compartilhamento do conhecimento. Esta administração da memória por meio do patrimônio cultural reflete a interação do usuário com o acervo e com a cultura inerente a ele, seja qual for o ambiente.

Endente-se que as ações em conjunto da museologia com a área da CI possuem um papel de aproximação entre o usuário e o objeto do acervo, quando facilita a interação gerando processos de aprendizagem e conhecimento por meio da linguagem e da comunicação, permitindo a junção dos saberes para uma real ressignificação do acervo quando modificado em nova condição de existência.

O segundo objetivo do estudo foi identificar os elementos da gestão da informação para a representação e organização da informação específicos para acervo de moda. A partir da literatura, da análise virtual das peças do acervo de moda e da documentação, foi possível reconhecer os principais e importantes elementos da gestão da informação, que são: representação da época, forma

corporal, condição econômica e cultural; o meio registrado, ou o vestuário como meio informacional; o contexto de existência histórica da peça, por quem e em qual ocasião foi usado; o contexto informacional da época vigente da moda e da época de uso da roupa; por fim, o contexto sociocultural como uma narrativa do comportamento de moda.

Para definir tais elementos, foi preciso estabelecer critérios para as relações sintático-semânticas, assim como os conceitos sobre a imagem da peça de vestuário analisada. Por meio das relações explícitas dos objetos do acervo e as relações não explicitadas na imagem, ou seja, as relações exteriores e relativas ao contexto histórico social de uma época.

A fim de fundamentar o processo de representação e organização por meio dos elementos da GI, teve-se o entendimento dos dados contidos no acervo de moda. O recurso informacional foi responsável por trazer a essência do objeto, as marcas deixadas pelo usuário, as marcas deixadas pelo uso com a cultura intrínseca e pelo comportamento de uma época.

Percebeu-se que a informação e os elementos constitutivos da gestão da informação não é algo incessante e regular, que não possui uma linearidade constante, portanto, pode ser interpretada como um processo que propõe a cooperação de outros campos de estudos, de forma que possa se realizar um realinhamento frente a um novo contexto. Por meio de abordagens interdisciplinares, das habilidades e diversas práticas, é possível conseguir a organização das etapas, entendendo os passos das atividades que formam o ciclo de processos e melhoram o fluxo da informação e conhecimento.

O propósito de compreender a história da moda foi essencial para a pesquisa documental objetivando a melhor representação do acervo de moda em sua dimensão e conteúdo. Por meio da história e historicidade, pode-se materializar subjetividades da moda, quando são exploradas as formas, determinamos épocas e o contexto social político e econômico. A partir dos dados coletados, verifica-se que a moda no âmbito museológico pode revelar as diversas ações da sociedade e a essência do objeto, e não somente a aparência de uma época.

Portanto, não se trata somente de técnicas, os indivíduos e seus saberes estão intrínsecos e são determinantes no processo da informação para que os elementos constitutivos de representação se tornem idênticos aos do seu conteúdo. Neste contexto, fica entendido que o acervo de moda no ambiente museológico é

um importante artefato, que desempenha a função de conexão entre o conteúdo histórico representado e o usuário.

O terceiro e último objetivo da dissertação foi estudar o processo de disponibilização do acervo de moda do museu por meio dos elementos da GI.

Através das entrevistas realizadas com funcionários do museu, foi possível entender o funcionamento interno, desde a chegada do objeto a ser musealizados até as principais estratégias e metas do museu para o acervo de moda em questão.

A criação da ficha de produto por intermédio dos elementos da GI foi uma forma de gerar um meio, um documento que poderá ser disponibilizado facilmente, em diversas plataformas. Um acesso de forma visual e descritiva considerando que a instituição do museu tem a responsabilidade em proporcionar meios para a disseminação da informação, com eficientes sistemas possibilitando a comunicação, pesquisa e a possível geração de conhecimento.

Assim, é possível sustentar a contribuição deste trabalho para a área da CI, já que estreita relações com a museologia e a moda, com uma interconexão de saberes de áreas distintas em prol da possível geração do conhecimento, pela disseminação da informação e desenvolvendo, desse modo, uma perspectiva social, além de condições para a inovação e aprendizagem. A interdisciplinaridade para a CI é relevante visto que constitui um diálogo com as áreas citadas e não somente uma narrativa levando ciência e o campo da CI a diferentes meios de comunicação científica.

Especialmente para a linha de pesquisa do compartilhamento da informação e do conhecimento, o trabalho é pertinente para validar os elementos da gestão da informação criando formas de compartilhamento para a museologia, com o intuito do efetivo processo de disponibilizar o acervo de forma física ou virtual aos usuários interessados e pesquisadores de diversas áreas do conhecimento.

Para o MHL, a interação entre as áreas de estudo possibilita ter seu acervo acessível para pesquisa, podendo, além de disseminar a história da cidade, evidenciar sua importância para pesquisadores em âmbito global, quando promove citações em variados meios de comunicação científica, constituindo assim um universo de significação. Mediante a moda, o acervo de vestuário pode ser reapropriado evidenciando a cultura e a história da cidade de Londrina, como uma importante fonte de educação e conhecimento. A interação com o patrimônio em

diferentes ambientes é relevante para a sociedade porque diante do contexto fomenta a acessibilidade, informações, lembrança e pertencimento.

Para novos estudos, sugerimos uma pesquisa de design com intuito de entender a necessidade informacional do curso de graduação de Design de Moda da Universidade Estadual de Londrina (UEL) perante o acervo de moda do MHL, e a história da moda social e história da moda contemporânea sob o ponto de vista dos alunos e professores, que já possuem interesse no acervo.

Por fim, concluímos que há uma necessidade em entender os interesses e anseios dessa população de docentes e discentes que já são ligados ao museu por meio da UEL, para o melhor planejamento de uso e disseminação das informações contidas no vestuário de moda do acervo do MHL.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, A. C. **A classificação de documentos fotográficos**: um estudo em arquivos, bibliotecas e museus. 2012. 287 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Marília, 2012. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/103378/albuquerque\\_ac\\_dr\\_mar.pdf?sequence=1](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/103378/albuquerque_ac_dr_mar.pdf?sequence=1). Acesso em: 20 dez. 2020.
- ALBUQUERQUE, M. E. B. C.; MARTINS, G. K.; MOTA, D. A. R. (org). **Organização e representação da informação e do conhecimento**: intersecções teórico-sociais. João Pessoa: Editora UFPB, 2019. *E-book*. Disponível em: <http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/view/355/577/3036-1>. Acesso em: 20 dez. 2020.
- ALMEIDA, C. C. **Elementos de linguística e semiologia na organização da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.
- ARAÚJO, C. A. Á. **Análise temática da produção científica em comunicação no brasil baseada em um sistema classificatório facetado**. 2005. 427f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/EARM-6ZGPL2>. Acesso em: 20 dez. 2020.
- ARAÚJO, C. A. Á. **O que é ciência da informação**. Belo Horizonte: KMA, 2018.
- ARAUJO, E. V. F.; VILAÇA, M. L. C. (org.) **Tecnologia, sociedade e educação na era digital**. Duque de Caxias, RJ: Unigranrio, 2016.
- ARTE DESCRITA. Vestido Mondrian, de Yves Saint Laurent. *In*: Blog Arte Descrita por Thiago Cerqueira. 2012. Disponível em: <http://artedescrita.blogspot.com/2012/01/vestido-mondrian-de-yves-saint-laurent.html>. Acesso em: 20 dez. 2020.
- ASSUNÇÃO, L. F. O conceito de moda e o seu papel nas relações de gênero. **Revista Poliedro**, Pelotas, v. 1, n. 1, p. 048-064, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/poliedro/article/view/748> . Acesso em: 23 jul. 2020.
- BARBOSA, A. P. **Novos rumos da catalogação**. Rio de Janeiro: BNG/ Brasilart, 1978.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições, 2016.
- BARNARD, M. **Moda e Comunicação**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- BARTHES, R. **Inéditos**: Moda e Imagem. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BAUDRILLARD, J. **O sistema dos objetos**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução: Pedrinho A. Guarechi. Petrópolis RJ: Vozes, 2018.

BENARUSH, M. K. A memória das roupas. **dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, v. 5, n. 12, p. 113-117, 18 jan. 2012. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/121>. Acesso em: 20 dez. 2020.

BENARUSH, M. K. Moda é patrimônio: o pensar da roupa no museu. *In*: SIMILI, I. G.; VASQUES, R. S. (org.). **Indumentária e moda: caminhos investigativos**. Maringá: Eduem, 2013.

BENARUSH, M. K. **Termos básicos para a catalogação de vestuário**: Uma adaptação do Vocabulary of Basic Terms for Cataloguing Costume do ICOM International Committee for Museums and Collection of Costume. Rio de Janeiro: 2014.

BORKO, H. Information Science: What is it? **American Documentation**, v. 19, n. 1, p. 3-5, Jan. 1968. (Tradução Livre).

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Lisboa: Difel, 1989.

BRAGA, J.; PRADO, L. A. **História da moda no Brasil: das influências as autoreferências**. São Paulo: Disal, 2011.

BRÄSCHER, M.; CAFÉ, L. Organização da Informação ou Organização do Conhecimento? *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais [...]** São Paulo: ANCIB, 2008. Disponível em: <http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/handle/123456789/809>. Acesso em: 20 dez. 2020.

BRIET, S. **O que é a documentação?** Tradução de Maria de Nazareth Rocha Furtado. Brasília, DF: Briquet de Lemos e Livros, 2016.

BUCKLAND, M. Information as thing. **Journal of the American Society of Information Science**, v. 42, n. 5, p. 351-360, 1991.

BUCKLAND, M. The centenary of Madame Documentation. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 46, n. 3, p. 235-237, 1995.

BUCKLAND, M. What is a document? **Journal of the American Society for Information Science**, v. 48, p. 804-809, 1997.

BURATTO, G. C. C.; FORNASIER, C. B. R. Vestido de noiva como cultura material histórica. *In*: ENEIMAGEM, 6., 2017, Londrina. **Anais [...]** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2017. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/2017/wp-content/uploads/2016/08/11-Publicidade-1.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2020.

CAFÉ, L. M. A.; PADILHA, R. C. Organização de acervo fotográfico histórico: proposta de descrição. **INCID: Revista de Ciência da Informação e**

**Documentação**, v. 5, n. 1, p. 90-111, 2014. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/73527> . Acesso em: 20 dez. 2020.

CALANCA, D. **História Social da Moda**. 2. ed. São Paulo: Editora Senac, 2008.

CAPURRO, R.; HJØRLAND, B. The concept of information. **Annual Review of Information Science of Technology**, New York, v. 37, p. 343-411, 2003.

CARVALHO, A. A. R. **Os museus e o património cultural imaterial**: estratégias para o desenvolvimento de boas práticas. 2009. Dissertação (Mestrado em Museologia) - Universidade de Évora. Évora, 2009. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/296327495\\_Os\\_Museus\\_e\\_o\\_Patrimonio\\_Cultural\\_Imaterial\\_Estrategias\\_para\\_o\\_Deenvolvimento\\_de\\_Boas\\_Praticas](https://www.researchgate.net/publication/296327495_Os_Museus_e_o_Patrimonio_Cultural_Imaterial_Estrategias_para_o_Deenvolvimento_de_Boas_Praticas). Acesso em: 10 jul. 2020.

CHOO, C. W. **A Organização do Conhecimento**: Como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões. Tradução Eliana Rocha. São Paulo: Senac, 2003.

COLHER DE CHÁ NOIVAS. Inspire-se no filme The Sound Of Music. *In*: Blog de casamento por Manoela Cesar. 2012. Disponível em:

<https://colherdechanoivas.com/inspiracoes/tradicional/2012/03/>. Acesso em: 20 dez. 2020.

COMITÊ INTERNACIONAL DE DOCUMENTAÇÃO (CIDOC). **Declaração dos princípios de documentação em museus e Diretrizes internacionais de informação sobre objetos**: categorias de informação do CIDOC. Conselho Internacional de Museus (ICOM); tradução Roteiro Editoração e Documentação; revisão técnica Marilúcia Bottallo. São Paulo: Secretaria de Estado de Cultura de São Paulo; Associação de Amigos do Museu do Café; Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2014. Disponível em: <https://icom.museum/es/recursos/normas-y-directrices/objectid/>. Acesso em: 20 dez. 2020.

COSTA, A. F. Classificações sociais. **Leitura**. Lisboa, v. 3, n. 2, p. 65-75, out. 1997 / abr. 1998.

CRANE, D. **A moda e seu papel social**: classe gênero e identidade das roupas. Tradução Cristiana Coimbra. São Paulo: Senac, 2006.

CRANE, D. **Ensaio sobre moda, arte e globalização cultural**. São Paulo: Senac, 2011.

CRANE, D.; MORA, E. Diferenças entre os sistemas de moda de cada país: o caso da Itália. **Iara – Revista de Moda, Cultura e Arte**, São Paulo, v. 1, n. 1, abr./ago. 2008.

DAVENPORT, T. Ecologia da informação: por que só a tecnologia não basta para o sucesso na era da informação. São Paulo: Futura, 1998.

DAVENPORT, T. H. **Reengenharia de processos**: como inovar na empresa através da tecnologia da informação. Rio de Janeiro: Campus, 1994.

DAVENPORT, T. H.; PRUSAK, L. **Conhecimento Empresarial: como as organizações gerenciam seu capital intelectual**. 18. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. **Conceitos-chave de Museologia**. Tradução: Bruno Brulon Soares, Marília Xavier Cury. ICOM: São Paulo, 2013.

DIOR. *In*: La Maison Dior. Disponível em: [https://www.dior.com/couture/pt\\_br/a-maison-dior/historias-da-dior/a-revoluc%C3%A3o-do-new-look](https://www.dior.com/couture/pt_br/a-maison-dior/historias-da-dior/a-revoluc%C3%A3o-do-new-look). Acesso em: 20 dez. 2020.

DODEBEI, V. L. **Tesouro**: linguagem de representação da memória documentária. Niterói: Intexto; Rio de Janeiro: Interciência, 2002.

DUARTE, E. N.; MONTEIRO S. A. Bases teóricas da gestão da informação: da gênese às relações interdisciplinares. **InCID: R. Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v. 9, n. 2, p. 89-106, set. 2018/fev. 2019 Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/download/133677/148275> . Acesso em: 22 jul. 2021.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Tradução Salma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FREIRE, I. M. Acesso à informação e identidade cultural: entre o global e o local. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 35, n. 2, p. 58-67, maio/ago. 2006. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19652006000200007&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19652006000200007&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 20 dez. 2020.

FREIRE, I. M. Da construção do conhecimento científico à responsabilidade social da Ciência da Informação. **Informação & Sociedade**: estudos, João Pessoa, v. 12, n.1, 2002. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/handle/123456789/194>. Acesso em: 20 dez. 2020.

FREITAS, E. C.; PRODANOV, C. C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

FUSCO, E. **Modelos conceituais de dados como parte do processo de catalogação**: perspectiva de uso dos FRBR no desenvolvimento de catálogos bibliográfico digitais. 2010. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2010. Disponível em: [https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/fusco\\_e\\_do\\_mar.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/fusco_e_do_mar.pdf). Acesso em: 20 dez. 2020.

GIANFALDONE, M. H. T. A.; MOROZ, M. **O processo de pesquisa**: iniciação. 2. ed. Brasília: Livro Editora, 2006.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODART, F. **Sociologia da moda**. Tradução Léa P. Zylberlicht. São Paulo: Senac, 2010.

GOMES, H. F. Interdisciplinaridade e Ciência da Informação: de característica a critério delineador de seu núcleo principal. **DataGramaZero**: Revista de Ciência da Informação, v.2, n.4, ago. 2001. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/5176>. Acesso em: 10 ago. 2020.

GOMES, H. F.; SILVA, J. L. C. Conceitos de informação na Ciência da Informação: percepções analíticas, proposições e categorizações. **Informação e Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 25, n. 1, p. 145-157, jan./abr. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/145>. Acesso em: 20 dez. 2020.

GOMES, M. A.; SILVA, M. C. S. M. Objetos tridimensionais em arquivos pessoais de cientistas. **Arquivo & Administração**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, jan./jun. 2011.

GONÇALVES, J. R. S. Teorias antropológicas e objetos materiais. *In*: **Antropologia dos objetos**: coleções, museus e patrimônio. Rio de Janeiro: Coleção Museu, Memória e Cidadania, 2007.

HAUGLAND, K. **Grace Kelly**: Icon of Style to Royal Bride. Yale University Press, 2006.

HOFMANN, W. A. M. Gestão da Informação e Inteligência Competitiva: uma abordagem estratégica das organizações públicas e privadas. *In*: VALENTIM, M. L. P.; MAS-BASNUEVO, A. (org) **Inteligência organizacional**. Marília: Cultura Acadêmica, 2015. Cap. 4, p. 71-96.

LAKATOS, E.; MARCONI, M. A. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LARA, M. L. G. **Representação e linguagens documentárias**: bases teórico metodológicas. 1999. Tese (Doutorado em Comunicação) Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

LE COADIC, Y. **A Ciência da Informação**. Tradução de Maria Yeda F.S. de Filgueiras. Brasília: Briquet Lemos Livros, 1996.

LEMOS, L. H. **A representação da informação em ecomuseus**. 2018. 99f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/186802/PCIN0173-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>. Acesso em: 22 jun. 2021.

LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero**: a moda e seus destinos nas sociedades modernas. Tradução: Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

LOUREIRO, J. M. M. Esboço acerca da documentação museológica. *In*: GRANATO, M.; SANTOS, C. P.; LOUREIRO, M. L. N. M. (org.). **Documentação em Museus**. Rio de Janeiro: MAST, 2008. Cap. 2, p. 24-32.

LOUREIRO, M. L. N. M. Musealização e cultura material da Ciência & Tecnologia.

Museologia e Patrimônio - **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio**, v. 8, n. 2, 2015. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/438/412>. Acesso em: 22 jun. 2021.

LOUREIRO, M. L. N. M. **Museus de arte no ciberespaço**: uma abordagem conceitual. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

LOUREIRO, M. L. N. M. O Objeto de museu como documento: um panorama introdutório. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 25, n. 1, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/jatsRepo/4656/465657930001/html/index.html>. Acesso em: 04 dez. 2020.

LOUREIRO, M. L. N. M. Webmuseus de arte: aparatos informacionais no ciberespaço. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 2, p. 97-105, maio/ago. 2004. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-19652004000200010](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652004000200010). Acesso em: 20 dez. 2020.

MANUEL, R. S. S. Nueva concepción de la representación del conocimiento. **Tendencias de investigación en organización del conocimiento**: Ediciones Universidad de Salamanca, 2003. p. 395-402.

MAROEVIĆ, I. Museology as a field of knowledge. **Cahier d'études / Study Series**, Courtrai, v. 8, p. 5-7, 2000.

MARTELETO, R. M. Conhecimento e Sociedade: pressupostos da antropologia da informação. *In*: AQUINO, M. A. **O campo da ciência da informação**: gênese, conexões e especificidades. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2002. p. 101-115.

MEDEIROS, W. O. **A representação da informação em obras artístico-pictóricas como elemento de compreensão da memória**. 2017. 179f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/24626>. Acesso em: 20 dez. 2020.

MEMÓRIAS DA DITADURA. *In*: Acervo Digital Zuzu Angel. [(20--)]. Disponível em: <http://www.zuzuangel.com.br/>. Acesso em: 20 dez. 2020.

MERLO, M.; RAHME, A. M. A moda e o museu: uma experiência no espaço digital. *In*: MERLO, M. (org.). **Memórias e museus**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2015.

MEY, E. S. A.; SILVEIRA, N. C. **Catálogo no plural**. Brasília: Briquet de Lemos, 2009.

NASCIMENTO, N. M.; SOUZA, J. S. F.; VALENTIM, M. L. P.; MORO CABERO, M. M. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 6, n. esp., p. 29-44, jan. 2016. <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/pgc>. Acesso em: 30 jan. 2021

NOVO, H. F. Representação do conhecimento ou representação conceitual? uma investigação epistemológica no âmbito da Ciência da Informação e da Filosofia nas considerações de Deleuze e Guatarri. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 7, n. 3, p. 114-129, dez. 2013. Disponível em:

<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/9328>. Acesso em: 20 dez. 2020.

OLIVEIRA, A. K. R. **Museologia e Ciência da Informação**: distinção e encontros entre áreas a partir da documentação de um conjunto de peças de roupas brancas. 2009. 133f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2009. Disponível em

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-27102009-002603/pt-br.php>. Acesso em: 22 jul. 2021.

ÖRMEN, C. **Dior forever**. São Paulo: Senac, 2014.

PADILHA, R. C. **Documentação museológica e gestão de acervo**. Florianópolis: FCC, 2014. (Coleção Estudos Museológicos, v. 2).

PADILHA, R. C. **Representação do objeto museológico na época de sua reprodutibilidade digital**. 2018. 256f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/187088>. Acesso em: 20 dez. 2020.

PADILHA, R. C.; CAFE, L.; SILVA, E. L. O papel das instituições museológicas na sociedade da informação/conhecimento. **Perspect. Ciênc. Inf.**, Belo Horizonte, v. 19, n. 2, p. 68-82, jun. 2014. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-99362014000200006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362014000200006&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 06 ago. 2019.

PAES, M. L. **Arquivo**: teoria e prática. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

PATO, P. R. G. **Imagens**: polissemia versus indexação e recuperação da informação. 2015. 340 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em:

<http://repositorio.unb.br/handle/10482/19050>. Acesso em: 22 jul. 2021.

PIEADADE, M. A. R. **Introdução à teoria da classificação**. 2.ed. Rio de Janeiro: Interciência, 1983. 221p.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricas**, Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas, v. 2, n. 3, 1989.

POMBO, O. Da classificação dos seres à classificação dos saberes. **Leituras: Revista da Biblioteca Nacional de Lisboa**, n. 2, 1998, p. 19-33. Disponível em:

<http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/resources/opombo-classificacao.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2010.

POMIAN, K. Coleção. *In*: GIL, F. (org.). **Memória-História**. Porto: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1984. p. 51-86.

PUPIM, E. K. **Gênese documental de álbuns fotográficos**: um estudo de caso aplicado a uma indústria de grande porte. 2010. 166f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/93664>. Acesso em: 22 jul. 2021.

RABELLO, R. **A face oculta do documento**: tradição e inovação o limiar da Ciência da Informação. 2009. 331f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2009. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/103372>. Acesso em: 20 dez. 2020.

RABELLO, R. Informação institucionalizada e materializada como documento: caminhos e articulações conceituais. **Brazilian Journal of Information Studies: Research Trends**, Marília, v. 13, n. 2, 2019, p. 5-25. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/8932>. Acesso em: 20 dez. 2020.

RENDÓN ROJAS, M. Á. O objeto de estudo da Bibliotecologia / documentação /ciência da informação: Construído, complexo, polivalente e transdisciplinar. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB, 13., 2012, Rio de Janeiro. **Anais** [...] Rio de Janeiro: ANBIC/UFRJ/IBICT, 2012. Disponível em: <http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/handle/123456789/1091>. Acesso em: 20 dez. 2020.

RIBEIRO, F. O uso da classificação nos arquivos como instrumento de organização, representação e recuperação da informação. *In*: CONGRESSO ISKO ESPANHA E PORTUGAL, 11., 2013, Porto. **Anais** [...] Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2013. p. 528 - 539. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4606783>. Acesso em: 20 dez. 2020.

RIBEIRO, F. Organizar e representar informação: apenas um meio para viabilizar o acesso? **Revista da Faculdade de Letras, Ciências e Técnicas do Patrimônio**. Porto, v. 4, n. 1, p. 83-100, 2005.

ROBREDO, J. Do documento impresso à informação nas nuvens: reflexões. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, mar. 2011. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/3287>. Acesso em: 20 dez. 2020.

ROBREDO, J. Organização dos documentos ou organização da informação: uma questão de escolha. **Datagramazero** – Revista de Ciência da Informação, v. 5, n. 1, fev. 2004.

ROCHE, D. **A cultura das aparências**: Uma história da indumentária (séculos XVII – XVIII). Tradução Assef Kfourri. Senac. São Paulo, 2007.

RÚSSIO, W. A. Interdisciplinaridade em museologia. *In*: BRUNO, C.M.O. (coord.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri**: textos e contextos de uma trajetória profissional. São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010. p. 123-126.

SANTAELLA, L. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

SANTARÉM, V.; VITORIANO, M. C. C. P. Gestão da informação, fluxos informacionais e memória organizacional como elementos da inteligência competitiva. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 5, n. esp., p.158-170, jan. 2016. <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/pgc>. Acesso em: 22 jul. 2021.

SANTOS, B. S. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estudos avançados**, v. 2, n. 2, p. 46-71, 1988.

SANTOS, M. N. **Fundamentos estruturais do registro bibliográfico: revisitando a compreensão de Seymour Lubetzky sobre a entrada principal representativa da obra e sua manifestação**. 2019. 263f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/33494>. Acesso em: 20 dez. 2020.

SANTOS, T. H. N. **A taxonomia e a folksonomia na recuperação da informação: um estudo no acervo de imagens da Fundação Marques da Silva (FIMS)**. Tese (Doutorado em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais) - Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Universidade de Aveiro, 2017. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/105840/2/202344.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2020.

SANTOS, B. R. P. D.; VALENTIM, M. L. P.; DAMIAN, I. P. M. A gestão da informação sob a ótica do pensamento complexo: uma reflexão. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 13, n. 1, p. 20-37, 2020. DOI: [10.26512/rici.v13.n1.2020.23413](https://doi.org/10.26512/rici.v13.n1.2020.23413). Acesso em: 22 jul. 2021.

SANTOS, C. R.; ALBUQUERQUE, A. C. A caracterização do álbum fotográfico como recurso informacional: elementos para a Organização e representação da Informação. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, n. 1, v. 10 n. 1, p. 167-183, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/142173>. Acesso em: 22 jul. 2021.

SARACEVIC, T. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, jan./ jun. 1996, p. 41-62.

SARACEVIC, T. Information Science: origin, evolution and relations. *In*: VAKKARI, P.; CRONIN, B. (eds.). **Conceptions of Library and Information Science; historical, empirical and theoretical perspectives**. London, Los Angeles: Taylor Graham, 1992. p. 5-27.

SILVA, A. M. **A informação: da compreensão do fenómeno e construção do conhecimento**. Porto: Edições Afrontamento, 2006.

SILVA, J. L. C. **Fundamentos da informação I: perspectivas em Ciência da Informação**. São Paulo: ABECIN Editora, 2017.

SILVA, T. E.; TOMAÉL, M. I. A gestão da informação nas organizações. *Inf. Inf.*, Londrina, v. 12, n. 2, jul./dez. 2007. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1806>. Acesso em: 22 jun. 2021.

SIMILI, I. G. Dossiê Moda e Gênero. *Iara – Revista de Moda, Cultura e Arte*, São Paulo, v. 5, n. 1, maio 2012.

SIMIONATO, A. C. **Modelagem conceitual DILAM**: princípios descritivos de arquivos, bibliotecas e museus para o recurso imagético digital. 2015. 200f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/123318>. Acesso em: 20 dez. 2020.

SMIT, J. W. A Documentação e suas diversas abordagens. *In*: GRANATO, M.; SANTOS, C. P.; LOUREIRO, M. L. N. M. (org.). **Documentação em Museus**. Rio de Janeiro: MAST, 2008. Cap. 1, p. 11-23.

SOUZA, L. **Um estudo de caso da mediação proposta para a exposição “anos 60/70: um panorama – mostra do acervo” do Museu de Arte Contemporânea do Paraná – MAC/PR**. 2018. Dissertação (Mestrado em Tecnologia e Sociedade) – Universidade Federal Tecnológica do Paraná, Curitiba, 2018. Disponível em: <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/3914>. Acesso em: 22 dez. 2020.

SOUZA, E. D.; DIAS, E. J. W.; BORGES, M. E. N. A gestão da informação e do conhecimento na ciência da informação: perspectivas teóricas e práticas organizacionais. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 21, n. 1, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/92901>. Acesso em: 22 jul. 2021.

SVENDSEN, L. **Moda: uma filosofia**. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

SVENONIUS, E. **The intellectual foundations of information organization**. Cambridge: The MIT Press, 2000. 255p.

TARAPANOFF, Kira (org.) **Inteligência, informação e conhecimento em corporações**. Brasília: IBICT, UNESCO, 2006.

TORRES, M. T. **Historia de la documentación museológica**: la gestión de la memoria artística. Espanha: Ediciones Trea, 2002.

VALENTIM, M. L. P. Gestão da informação e gestão do conhecimento em ambientes organizacionais: conceitos e compreensões. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 1, n. 1, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/119521>. Acesso em: 22 jan. 2021.

VALENTIM, M. L. P.; TEIXEIRA, T. M. C. Fluxos de informação e linguagem em ambientes organizacionais. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 22, n. 2, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/92908>. Acesso em: 22 jul. 2021.

- VASQUES, R. S. **Identificação e análise do vestuário/têxteis presente em museus do traje e moda do século XIX**. 2018. 295f. Tese (Doutorado em Engenharia Têxtil) – Escola de Engenharia da Universidade do Minho. 2018. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/55775/1/Tese%20Ronaldo%20S%20alvador%20Vasques.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2021.
- VILHENA, C. M. A.; BARBOSA, C. R. Plano museológico à luz da gestão da informação e do conhecimento. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, v. 12, n. 1, 2017. DOI: [10.22478/ufpb.1981-0695.2017v12n1.33916](https://doi.org/10.22478/ufpb.1981-0695.2017v12n1.33916) Acesso em: 22 jul. 2021.
- WULF, C. **Homo Pictor**: Imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado. São Paulo: Hedra, 2013.
- YASSUDA, S. N. **Documentação museológica**: uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista. 2009. 123f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2009. Disponível em: [https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/yassuda\\_sn\\_me\\_mar.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/yassuda_sn_me_mar.pdf). Acesso em: 20 dez. 2020.
- YIN, R. K. **Estudo de Caso**: Planejamento e método. Tradução Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

## APÊNDICES

---

---

## Termos básicos de catalogação de vestuário

UMA ADAPTAÇÃO DO VOCABULARY OF BASIC TERMS FOR CATALOGUING COSTUME DO  
ICOM INTERNATIONAL COMMITTEE FOR MUSEUMS AND COLLECTION OF COSTUME

### VESTUÁRIO PRINCIPAL

#### VESTIDO - PÁGINA 12

Peça de forma e comprimento variáveis, que pode constituir-se de uma só peça inteiriça ou dois elementos que se integram, um cobrindo a parte superior do corpo, exceto a cabeça, e o outro, das ancas para baixo.



#### CASACO - PÁGINA 14

Abrigo com mangas compridas, geralmente com abertura na parte frontal. Seu comprimento pode chegar até a qualquer altura entre os quadris e os pés.



---

---

## COMPONENTES DAS ROUPAS

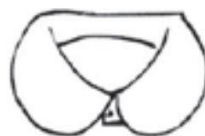
### CAUDA - PÁGINA 17

Altar



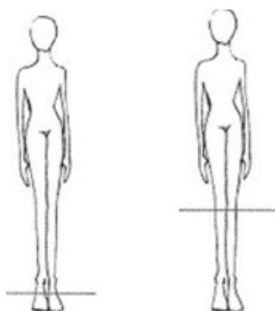
### COLARINHO - PÁGINA 17

Boneca



### COMPRIMENTOS - PÁGINA 17

Longo / Abaixo do joelho



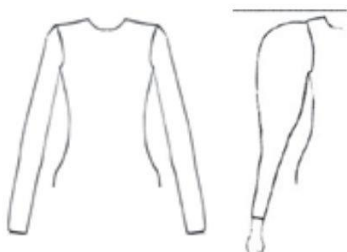
### DECOTE - PÁGINA 18

Redondo / Um ombro só



### MANGAS - PÁGINA 19

Longa / Presunto



### ACESSÓRIOS DO FAZER ROUPA

#### BOTÃO - PÁGINA 41

Peça utilizada para unir duas partes do vestuário ou como adorno. Geralmente de formato redondo, mas podendo ser encontrada também em outros formatos e feita de plástico ou outros materiais.

---

---

## **M A T E R I A I S : N A T U R A L - S I N T É T I C O - A R T I F I C I A L**

### **SEDA (S) - PÁGINA 43**

Tecido de fibra natural de origem animal

### **CETIM (POLIESTER PES) - PÁGINA 45**

Tecido de fibra sintética.

Leve e liso e macio, característico por ter um lado brilhoso e um opaco, de toque geralmente fluido e macio. Pode ser feito de qualquer matéria-prima. Muito usado para roupas de noite.

### **RENDA (POLIESTER PES) - PÁGINA 49**

Tecido de fibra sintética.

Fino de malha aberta, transparente, fina e delicada, com padrão e desenhos feitos à mão ou máquina. Geralmente de algodão, linho, seda, ou fio metálico sintético. Comumente é aplicado a uma trama ou fundo em rede, a fim de criar formas decorativas por meio de técnicas de lançada, tricô ou cordões. Aplicado como guarnição de roupas e paramentos, etc.

### **LÃ (WO) - PÁGINA 43**

Tecido de fibra natural de origem animal

### **ORGANZA (POLIESTER PES) - PÁGINA 48**

Tecido de fibra sintética.

Fino, transparente e encorpado. Muito usado para roupas de festa e noivas.

### **TAFETÁ (POLIESTER PES) - PÁGINA 49**

Tecido de fibra sintética.

Fino, encorpado, com brilho iridescente. Variações: tafetá antigo, tafetá furta-cor e tafetá papier.

---

---